

Biografias II

Tomás de Celano

Vida Primeira (1C)

Vida Segunda (2C)

Tratado dos Milagres (3C)

Legenda da Úmbria (LU)

Introduções: *Frei David de Azevedo, OFM*

Tradução: *Frei José David Antunes, OFM*

Legenda da Úmbria

Introdução e Notas: *Fr. José António Correia Pereira*

VIDA PRIMEIRA (1C)

INTRODUÇÃO

Já dissemos na Introdução geral uma palavra de apresentação sobre Celano e sua obra em geral. Acrescentaremos neste lugar algumas indicações mais directas sobre a Vida Primeira; os objectivos que Celano tinha em vista, as possibilidades que tinha de os realizar e as circunstâncias que terão influenciado sobre ele, ajudando ou dificultando o êxito do seu trabalho.

Objectivos

Segundo o mesmo Tomás de Celano diz no Prólogo, o seu objectivo é «relatar ordenadamente e com afectuosa devoção a vida e os efeitos do nosso bem-aventurado Pai S. Francisco, escolhendo sempre para meu mestre e guia a verdade»; e fã-lo por mandato do «senhor e glorioso papa Gregório»¹. A Vida Primeira é, pois, uma narrativa da vida do Pobrezinho feita, não por iniciativa pessoal, mas por encargo recebido da autoridade da Ordem e do próprio Papa. Esta circunstância, se pode talvez prejudicar a espontaneidade, acentua a responsabilidade do trabalho.

O facto de o encargo ter sido dado na altura da canonização do Santo contribui também para determinar mais o fim que se tinha em vista: apresentar o novo santo numa biografia séria, oficial e ao mesmo tempo edificante.

Celano divide o seu trabalho em três partes. A primeira – trinta capítulos – vai desde o nascimento de Francisco até 1224; e insiste principalmente sobre os episódios da conversão e do comportamento santo e prodigioso de Francisco. A segunda compreende os dois últimos anos da vida do Santo e a sua morte. A terceira é consagrada à sua glorificação depois da morte, sobretudo através dos milagres por sua intercessão conseguidos.

¹ 1C Prol.

O próprio Celano apresenta esta divisão com toda a clareza no Prólogo².

Não obstante a extensão desigual de cada uma das partes, a importância dada ao último biénio da vida de Francisco denuncia claramente que o ponto de vista do autor estava na santidade de seu herói – santidade ímpar na hagiografia cristã, na medida em que, no milagre da estigmatização, se evidencia também uma acção ímpar de Deus. O Alverne foi o cume para onde, desde o início, Tomás de Celano dirigiu sempre o olhar. A sua atenção está toda concentrada sobre a pessoa de Francisco. A fraternidade franciscana, como tal, muito pouco tempo ocupa o seu espírito. Mesmo quando a ela se refere, por exemplo no capítulo XIII da 1ª parte, sobre a aprovação da primeira Regra por Inocêncio III, ou no capítulo VI da 2ª parte, sobre alguns desvios já então patentes, a objectiva está focando sempre a pessoa do Santo e não a Ordem³.

Fontes

Para executar o seu trabalho, Celano teve à mão recursos de muito boa qualidade. Em primeiro lugar, a sua observação directa. Embora não fosse um dos companheiros da primeira hora, nem dos mais íntimos, foi contemporâneo de S. Francisco e conviveu certamente com ele, podendo com fundamento referir e transmitir-nos coisas «que ouviu de sua própria boca»⁴. Além disso, pôde consultar outros irmãos, «testemunhas fiéis e dignas de todo o crédito»⁵. Por altura da canonização de S. Francisco era natural que grande número de irmãos se tivesse reunido em Assis,

² 1C Prol. 2.

³ Que Celano quase não faça alusão à crise da Ordem entre 1220 e 1223, não cremos que haja sido intencionalmente, com o fim de evitar passagens que pudessem desagradar ao grupo dos «ministros», mas sim, ocasionalmente, devido à polarização do seu espírito no objectivo que se propusera. S. CAMPAGNOLA, *Fonti*, p. 220, diz, todavia, que não deixa de ser surpreendente esse facto, por se tratar de acontecimentos onerosos não só para o movimento franciscano em si, mas também para o grande fervor missionário de que Celano era protagonista.

⁴ 1C Prol. 1.

⁵ 1C Prol. 1.

entre os quais estariam os primeiros companheiros. Tendo Celano recebido por essa altura o encargo de escrever a obra, com toda a facilidade podia ter conversado longamente com esses irmãos. Finalmente, Celano terá usado também fontes escritas. Mesmo sem pensarmos em qualquer fonte primitiva, anterior à Vida Primeira, é certo que Celano teve à mão alguns escritos do mesmo S. Francisco: as Regras, o Testamento, o Cântico do Irmão Sol e algumas Cartas. E muito provável é ainda que no Convento da Porciúncula houvesse já um primeiro arquivo da Ordem, ao qual Celano teria tido acesso; como acesso pôde ter, por certo, às peças que serviam para o processo da canonização do Santo.

Características do autor

Outras circunstâncias, porém, existiram que se mostram mais ambivalentes. Entre elas, as características do autor. Tomás de Celano era um poeta e um artista. Estas prendas são um factor precioso para a qualidade literária dum texto biográfico; e isso se pode apreender na arte com que Celano faz viver a «beleza dos campos» e a «amenidade dos vinhedos»⁶, e na frescura do estilo e da narrativa, deixando-nos páginas singularmente felizes, como aquelas em que nos descreve os sonhos juvenis de Francisco, o sermão às avezinhas, a noite de Greccio, a cura do menino de Todi⁷ e a morte do Santo. Mas ser poeta e artista não são as qualidades mais recomendáveis para um historiador.

Celano era também pregador, missionário, teólogo. Se, por um lado, a alma missionária o ajudava a meter-se dentro do ideal apostólico de Francisco, também, por outro lado, o levava muito naturalmente a buscar nos episódios um sentido moralizante ou mesmo a retocá-los com esse fim. Se a sua cultura teológica lhe dava amplidão de conhecimentos e profundidade de intuição para descobrir o sentido dos gestos e da pessoa de Francisco na história da salvação, os seus esquemas teológicos convidavam-no a

⁶ 1C 3.

⁷ 1C 139. Celano reproduz o falar infantil da criança que, quando a mãe lhe pergunta: «quem te criou, meu filho», responde: «o Chico, o Chico».

fazer da sua biografia uma obra de tese, uma obra sistemática, no qual a santidade aparecesse num crescendo desde os primeiros indícios da graça até à consumação sublime no Alverne e na morte. Uma obra assim – uma obra de tese – é um mérito, mas é também um risco para a objectividade histórica.

Celano foi igualmente um hagiógrafo. Conhecia os tópicos hagiográficos comuns no seu tempo. Teve certamente à mão, enquanto redigia o seu trabalho, alguns modelos de hagiografia monástica, designadamente as vidas de São Martinho de Tour, de São Bento de Núrcia e de São Bernardo de Claraval, escritas respectivamente por Sulpício Severo, Gregório Magno e Guilherme de S. Thierry. Difícil seria que não cedesse à tentação de vazar a vida de S. Francisco dentro dos moldes usados por autores tão qualificados, tanto mais que a mentalidade de então era mais faminta de edificação que de verdade objectiva. Os editores de Quaracchi apontam no aparato crítico a presença destas influências sempre que se tornam notórias⁸.

Finalmente, o meio em que viveu. Celano não viveu a experiência dos primeiros anos do Rivotorto e da Porciúncula. Quando ele entrou na Ordem, esta estava lançada em plena expansão missionária. Ele mesmo foi enviado para a Alemanha e por lá viveu três ou quatro anos. Teve ocasião de observar o modo como os povos germânicos tinham captado o ideal franciscano, certamente um modo diferente daquele que tinha sido vivido na Úmbria. Foi esta a experiência que o jovem religioso teve da Ordem. Além disso, de regresso a Itália, Celano parece ter vivido na órbita do governo central, e, portanto, em contacto com a perspectiva geral em que os problemas são vistos a partir dali. Devido a esta experiência, compreende-se que a sua sensibilidade para a forma de vida dos tempos heróicos fosse menor que a dos primeiros companheiros, mas em compensação tinha uma visão mais aberta, mais ampla e mais realista. Não parece, pois, necessário pensar numa subordinação, controle e manipulação por parte da autoridade para explicar a diferença entre ele e os primeiros

⁸ Cf. AF, X, p. IX e 3-117.

*companheiros*⁹. De resto, se tivermos em conta que Celano é o primeiro a coligir os factos, não podemos senão admirar a quantidade de episódios pequeninos que ele conseguiu recolher, nos quais se esboçam os traços característicos da vida franciscana nesse período inicial. As figuras de Fr. Elias e do Cardeal Hugolino (na altura Gregório IX) são envolvidas de admiração, mas tão pouco regateia ele a sua veneração às figuras do outro lado: a Fr. Bernardo Quintavalle, a Fr. Leão e a Santa Clara. É o fascínio simples de um espírito ainda imune de rivalidades. A canonização de S. Francisco deveria ter produzido uma tal alegria em todos os irmãos, que as diferenças de opinião teriam ficado praticamente esquecidas.

Concluamos. Com as características resultantes do objectivo em vista, da cultura, da experiência pessoal e do temperamento do autor, características que são ao mesmo tempo qualidades e limitações – a *Vida Primeira de Celano* é uma obra séria, de grande valor informativo e bem sucedida no seu intento; enaltece a santidade de Francisco de Assis.

Atingida pelo decreto de 1266, a *Vida Primeira* desapareceu totalmente e só foi reencontrada no século XVIII. Publicada pelos Bolandistas em 1768, foi de novo publicada em edição crítica pelos Editores de Quaracchi na *Analecta Franciscana.*, tomo X, pp. 1 a 117. As traduções que depois se fizeram tiveram por base esta edição, que é a seguida também pela presente versão portuguesa.

⁹ Cf. D. VORREUX em *Documents* p. 204 s., que sublinha esse pretendido controle de autoridade.

VIDA PRIMEIRA (1 C)

PRÓLOGO

Em nome do Senhor. Ámen.

1.¹ Por mandato do glorioso senhor papa Gregório¹, diligencieie relatar ordenadamente e com piedosa devoção a vida e os feitos do nosso bem-aventurado pai Francisco, escolhendo sempre para meu mestre e guia a verdade. Mas como ninguém há que possa lembrar-se de tudo quanto ele fez e ensinou, limitei-me a registar fielmente, ao menos, aquelas coisas que eu próprio recolhi da sua boca, ou me chegaram ao conhecimento por testemunhas fidedignas, tudo expondo da melhor maneira ao meu alcance, embora muito aquém do que o assunto merecia.² Fosse eu, ao menos, um digno discípulo de quem sempre evitou a linguagem difícil e os artificios da retórica!

2.¹ Dividi em três partes, e cada uma delas em vários capítulos, o material recolhido, a fim de não misturar factos ocorridos em épocas diferentes, nem ocasionar dúvidas quanto à sua veracidade.

Assim, a primeira parte segue a ordem cronológica² e trata sobretudo da pureza da sua vida, das suas virtudes exemplares e dos seus salutarens ensinamentos.² Nela ficam também incluídos alguns milagres, entre os muitos que Deus se dignou realizar por meio dele, ainda vivo.

³ A segunda refere os derradeiros acontecimentos, desde o penúltimo ano da sua vida até à sua morte bendita.

⁴ A terceira, finalmente, recolhe muitos milagres operados em vida do Santo, mas muitos mais se omitem, e são sobretudo os que ele tem feito, reinando já gloriosamente com Cristo no céu.⁵ Refere ainda o culto de veneração, de honra e de louvor que o papa Gre-

¹ Gregório IX, o grande amigo de S. Francisco e protector oficial da Ordem no tempo em que era o cardeal Hugolino. Foi Papa de 1227 a 1241.

² Na realidade, o autor não se atém a uma ordem cronológica rigorosa. Limita-se a reunir, na primeira parte, os factos anteriores a Setembro de 1224.

gório, felizmente reinante, e todos os cardeais da santa Igreja romana lhe tributaram ao decidirem inscrevê-lo no catálogo dos Santos³.

⁶ Graças sejam dadas a Deus onnipotente, que nos seus Santos se manifesta sempre admirável e digno de amor.

Fim do prólogo

PRIMEIRA PARTE

Em louvor de Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo. Amen.

Começa a vida do nosso beatíssimo pai Francisco.

CAPÍTULO I

Do género de vida que levou no mundo

1. ¹ Vivia em Assis, no território do vale de Espoleto, um homem chamado Francisco⁴. Desde a mais tenra idade foi por seus pais educado insensatamente, ao sabor das vaidades do mundo. Tendo imitado largo tempo a sua triste conduta, acabou por ser mais desavergonhado e frívolo do que eles⁵.

³ Em 19 de Julho de 1228.

⁴ Celano não precisa a data do seu nascimento. Podemos, todavia, fixá-la a partir de alguns dados que nos proporciona. Diz-nos que «morreu no vigésimo ano da sua conversão» (1C 119) ou «cumpridos vinte anos da sua total adesão a Cristo» (1C 88), conversão que teve lugar aos vinte e cinco anos de idade (1C 2). Como sabemos que a sua morte ocorreu a 3 de Outubro de 1226, o seu nascimento deve fixar-se em 1181 ou 1182.

⁵ O que Celano diz nesta *Vida Primeira* é muito diferente do que nos dirá na *Vida Segunda* (3-5). A principal razão de tais diferenças está no facto de o autor empregar nos seus dois escritos esquemas teológicos distintos: enquanto na primeira biografia se socorre de certos esquemas descritivo-teológicos augustinianos, em que se ressalta o pecado para mais destacar a graça, na segunda pretende apre-

²De tal forma se arraigou esta péssima mentalidade nos que se dizem cristãos, e de tal modo se aceitou e consolidou esta perniciososa doutrina, como se lei pública fosse, que já desde o berço são os filhos educados com excessiva tolerância e devassidão.³O certo é que, mal as crianças começam a balbuciar as primeiras palavras, logo aprendem, por palavras e gestos, coisas torpes e abomináveis; e, apenas as mães lhes recusam o peito, são obrigadas não só a dizer, como a fazer coisas de todo indecentes e lascivas.⁴Nem haveria entre elas quem, por temor próprio da sua curta idade, ousasse comportar-se honestamente, pois seriam castigadas.⁵Com acerto diz o poeta pagão⁶: «Como crescemos no meio das depravações dos nossos pais, todos os males nos seguem desde a infância». ⁶E com razão o diz, pois quanto mais perniciosa é para os filhos a condescendência dos pais, tanto mais se comprazem em segui-los.

⁷À medida que vão crescendo, resvalam instintivamente para práticas mais funestas ainda.⁸E assim como da raiz daninha nasce a árvore defeituosa, quem uma vez se transviou dificilmente poderá ser trazido ao caminho do bem.

⁹E que dizer deles quando atingem a adolescência? ¹⁰Como no turbilhão dos vícios e paixões em que andam envolvidos lhes é permitido fazerem quanto apetecem, entregar-se-ão de cabeça perdida a uma vida libertina e vergonhosa.¹¹Deste modo escravizados voluntariamente ao pecado, fazem dos seus membros instrumentos de iniquidade, e, não possuindo em si mesmos, nem em suas vidas e costumes, o mais pequeno vislumbre de religiosidade, apenas se prevalecem do nome de cristãos.¹²Alardeiam frequentemente, os desgraçados, terem feito coisas piores do que na verdade fizeram, e isto pelo receio de não parecerem bastantemente abjectos quando mais inocentes foram⁷.

sentar a imagem de um homem destinado logo de início a uma santidade fora de série.

⁶ Sêneca, o filósofo, que na Idade Média gozava de grande voga como moralista. Esta citação foi tomada da sua correspondência (*Ad Lucil. I. VI epist. 8 n.1*).

⁷ Santo Agostinho nas suas *Confissões*: «Fingia ter feito o que não fizera, para não parecer tanto mais abjecto quanto mais inocente, e tanto mais vil quanto mais casto» (II, 3,7).

2.¹ Estes os tristes princípios em que desde a infância viveu o homem a quem hoje veneramos como santo – que santo é, na verdade – , assim perdendo e dissipando miseravelmente a vida até quase aos vinte e cinco anos de idade.² Pior ainda: avantajando em frivolidade os jovens do seu tempo, era quem mais se desmandava no incitamento ao mal e em toda a espécie de loucuras.³ Querendo a admiração de todos, esforçava-se por ser o primeiro nos faustos da vanglória, nos jogos e passatempos, nos ditos jocosos e vãos, nos descantes, nas roupas delicadas e luxuosas⁸.⁴ Porém, com ser muito rico, não era avarento. Pelo contrário: de grande prodigalidade, em vez de acumular riqueza, esbanjava-a. Embora negociante cauto, revelava-se perdulário por vanglória. Era, mesmo assim, de trato muito humano, cortês e afável, ainda que para seu mal.⁵ De facto, muitos eram os que, votados à iniquidade e habituados ao vício, por isso mesmo o seguiam e cortejavam. Assim caminhava ele pelas praças de Babilónia, altivo e magnífico, entre gente depravada,⁶ até que, um dia, cioso o Senhor do Seu nome e da Sua glória, pousando nele bondosamente os olhos, dele afastou a divina cólera e lhe meteu na boca um freio para o impedir de correr à perdição.⁷ A mão do Senhor Altíssimo, a sua mão direita, pousou finalmente sobre ele e transformou-o, a fim de que, por seu intermédio, recuperassem os pecadores a esperança de voltar ao caminho da graça e a todos servisse de exemplo de conversão a Deus.

CAPÍTULO II

Visita Deus o seu espírito com uma enfermidade e um sonho

3.¹ Eis pois este homem a viver no pecado com fogosidade juvenil. Arrastado pelas paixões dos verdes anos, incapaz de se do-

⁸ Parece que o jovem Francisco cultivou de modo particular a originalidade e extravagância no vestir, socorrendo-se dos panos que o pai tinha na loja. Os *Três Companheiros* salientam o modo de vestir impróprio da sua condição, requintado e chamativo. Por vezes, enroupava-se com pedaços de tecidos valiosos cosidos a outros de pano ordinário (TC 2).

minar, não tardará em sucumbir ao veneno da antiga serpente. Mas a vingança, ou antes, a misericórdia divina, desperta-lhe subitamente a consciência transviada inoculando-lhe a angústia na alma, e no corpo a enfermidade, conforme ao dito profético: «*Hei-de barrar o teu caminho com espinhos e cercá-lo de muralhas*»⁹.

²Prostrado por longa enfermidade (que é, afinal, o que merece a obstinação dos que dificilmente se corrigem se não são castigados), começou a entreter no pensamento coisas bem distintas daquelas a que se acostumara.

³Já um pouco refeito e apoiado a um bastão, pôs-se a passear pela casa para retemperar as forças. Um dia, saiu fora e deteve-se a contemplar com mais atenção a paisagem circundante. ⁴Mas nada do que via, nem a beleza dos campos, nem a frondosidade dos bosques, nem o verdor dos vinhedos, nem o que antes costumava alegrar-lhe a vista, conseguia deleitá-lo minimamente. ⁵Surpreendia-se ele próprio com tão repentina mudança e tinha por néscios os que prendiam o coração a tais coisas.

4. ¹A partir desse dia, começou a ter-se em menos conta e a desprezar o que antes tinha admirado e amado. ²Mas não inteiramente e de verdade, que ainda não estava desvinculado das ataduras da vaidade, nem tinha sacudido a fundo o jugo da maligna escravidão. ³Custoso é sempre, na verdade, romper com os maus costumes e erradicá-los da alma, uma vez implantados. Mesmo após longa abstenção, o espírito volta a apetecer as antigas práticas, e o vício, de tão entranhado, converte-se em segunda natureza.

⁴Assim é que Francisco, ignorando os desígnios de Deus, persiste em escapar da sua mão, quase esquecido da correção paterna, ante a prosperidade que lhe sorri. Acaricia pensamentos terrenos e sonha ainda com grandes feitos, fascinado pelas glórias vãs deste mundo.

⁵Um nobre de Assis organiza por essa altura uma grande expedição militar: inchado pelos ventos da vaidade e convencido de vir a arrecadar maiores riquezas e honrarias, decide marchar sobre

⁹ Os 2, 6.

as Apúlias¹⁰. ⁶Sabendo dos projectos do nobre, Francisco, leviano e não pouco atrevido, alista-se para o acompanhar, porque, se na verdade lhe era inferior pela nobreza do sangue, avantajava-o na grandeza da alma, e, se era menos rico, era muito mais generoso.

5. ¹Já ele se entregava com entusiasmo a um tal projecto, já suspirava pela hora de partir, quando, na noite da véspera, Aquele que o tinha ferido com a vara da justiça o visita em sonhos com as doçuras da graça, e, pois andava sedento de glória, aos cumes de uma outra, mais alta, o incita e alevanta. ²Sonha então ver a casa cheia de armas: selas, escudos, lanças e outros apetrechos bélicos. Com essa visão se alegra imenso e, surpreendido, a si mesmo se interroga sobre a significação daquilo que os olhos contemplam. ³É que não estava afeito a ver tais objectos em sua casa, onde só fardos de fazenda havia para serem negociados. ⁴Estava ainda não pouco aturdido ante o inesperado desta visão, quando ouve uma voz dizer-lhe que todas aquelas armas serão para ele e para os seus soldados. ⁵Despertando de manhã, levanta-se com ânimo alegre e, interpretando a visão como presságio de prosperidade, acredita firmemente que a sua viagem às Apúlias vai ser um êxito.

⁶Mas não sabia o que dizia, nem conhecia de momento o que dele queria o Senhor. ⁸Contudo, não lhe faltava a possibilidade de intuir que interpretava erradamente a visão, pois embora ela pudesse estar relacionada com tais cometimentos guerreiros, a verdade é que já estes o não entusiasmassem como dantes. ⁹Era até a custo que punha em dia os seus planos e se preparava para a viagem que tanto apetece.

¹⁰Não deixa de ser significativo que de armas se fale aqui, logo no início da missão de Francisco, e, bem assim, delas se faça entrega ao cavaleiro que vai combater o homem forte e bem armado, para que, qual outro David, em nome do Senhor, Deus dos

¹⁰ Por essa altura, um irreprimível ímpeto guerreiro lançava os italianos do centro contra os invasores alemães, que se tinham tomado odiosos em toda a parte. O grande senescal do Império, Marcualdo de Anweiler, reivindicava pelas armas a tutela do jovem Frederico II, confiada a Inocêncio III. Este Papa encarregou Gualter de Briena do comando das suas hostes. Muitas cidades, embriagadas pelos primeiros êxitos desse militar na Apúlia, organizaram expedições de novas tropas (Cf. Lm 1,3).

exércitos, liberte Israel dos inimigos que de há muito o cumulavam de opróbrios.

CAPÍTULO III

Como, transformado interiormente e na sua maneira de viver, falava alegoricamente de um tesouro achado e de uma esposa

6.¹ Já mudado espiritualmente, mas sem nada deixar transparecer ao de fora, Francisco renuncia à ideia de se fazer às Apúlias e tenta orientar-se pela vontade de Deus¹¹. ²Aparta-se aos poucos do bulício e dos negócios do mundo e procura conservar Jesus Cristo na intimidade do coração. ³Qual prudente mercador, subtrai ao olhar dos cépticos¹² a pérola encontrada e, secretamente, procura adquiri-la, vendendo tudo o mais.

⁴Havia em Assis um jovem a quem ele queria mais do que a nenhum outro¹³. Porque era da mesma idade e a amizade plenamente partilhada o animava a confiar-lhe os segredos do coração, Francisco levava-o com frequência a lugares propícios ao recolhimento do espírito, revelando-lhe ter descoberto um grande e precioso tesouro. ⁵O amigo, exultante e cheio de curiosidade, aceitava sempre de bom grado o convite e acompanhava-o.

⁶Existia nos arredores da cidade uma gruta aonde frequentemente se dirigiam para falarem do tesouro. ⁷O homem de Deus, que já santo era pelo desejo de o ser, entrava nela deixando fora o companheiro, que o ficava esperando, e, cheio de um novo e insólito fervor, orava ao Pai em segredo. ⁸Querendo a todo o custo que

¹¹ Esta transformação inexplicável nas circunstâncias até aqui referidas, tornar-se-á mais clara quando Celano chegar ao conhecimento – provavelmente através dos companheiros de S. Francisco – de uma outra visão, a de Espoleto, muito mais individualizada, e, desse modo, puder completar a narração em 2C 6. Cf. TC 2, 6.

¹² *Ilusores*, no original. Na linguagem bíblica esta palavra designa toda uma caterva de zombeteiros, motejadores, infieis e cépticos, em oposição aos sábios, aos «piedosos», aos verdadeiros fiéis.

¹³ Aquele que mais tarde será Fr. Leão, segundo uma conjectura de Sabatier «Études inédites, p. 163». Segundo outros, tratar-se-ia de Fr. Elias, de quem, aliás, não é feita menção, quando se fala da entrada dos primeiros companheiros.

ninguém soubesse o que lá dentro fazia¹⁴, para que o segredo, prudentemente mantido, viesse a ser ocasião de maior bem, a Deus confiava os seus santos propósitos.⁹ Suplicava devotadamente a Deus eterno e verdadeiro se dignasse dirigir-lhe os passos e ensiná-lo a cumprir a sua vontade.¹⁰ Travava-se nele uma luta tremenda e não conseguia ter paz, na ânsia de ver realizado o que no coração concebia. Uns após outros, invadiam-lhe a mente os mais descontraídos pensamentos e a sua insistência perturbava-o duramente.¹¹ Abrasava-o por dentro um fogo divino e não lograva dissimular o fervor que lhe enchia a alma. Deplorava os seus graves pecados, as ofensas feitas aos olhos da divina majestade. As vaidades do passado e do presente não tinham já para ele o mínimo atractivo, mas não estava certo de a elas poder resistir no futuro.¹² Compreende-se por isso que, voltando para junto do companheiro, parecesse irreconhecível, tal o esgotamento e a prostração.

7.¹ Um dia, finalmente, após ter implorado com todo o coração a misericórdia divina, foi-lhe revelado pelo Senhor o que devia fazer¹⁵.² Tanta foi a alegria experimentada que, de incontida, a não pôde silenciar totalmente.³ Mas embora não pudesse calar-se, por ser tão grande o amor que lhe consumia a alma,⁴ só cautelosamente e por enigmas falava, procurando exprimir-se com os outros do mesmo modo figurado com que discorria sobre o tesouro escondido com o amigo dilecto. Dizia renunciar à aventura das Apúlias, mas prometia levar por diante feitos ainda maiores e mais estupendos na sua própria terra.⁵ Supuseram os amigos que tivesse resolvido casar-se, e por isso lhe perguntavam: «Será que te vais casar, Francisco?»⁶ Ao que ele respondia: «Casar-me-ei com a mulher mais nobre e mais bela que já se viu, uma mulher a todas superior em beleza e sabedoria».

⁸ Efectivamente, esposa imaculada foi, para ele, a religião verdadeira que abraçou e serviu, e, tesouro escondido, o Reino dos Céus que tão denodadamente buscou. Forçoso era, na verdade, que

¹⁴ Compare-se com 2C 95.

¹⁵ Cf. T 14 e 2C 6.

a vocação evangélica se cumprisse plenamente naquele que devia ser o ministro fiel e autêntico do Evangelho.

CAPÍTULO IV

Vendidas todas as coisas, liberta-se também do dinheiro adquirido

8.¹ Impelido e confirmado pelo Espírito Santo, ao chegar a hora estabelecida, abandona-se o feliz servo do Altíssimo aos impulsos da alma e calca aos pés os bens deste mundo para outros conquistar, maiores ainda.

²De resto, nem lhe eram consentidas delongas, já que uma epidemia mortífera, alastrando por toda a parte, paralisava de tal modo os membros de muitos, que, tardando-lhes o médico, se lhes extinguiu também a vida¹⁶.

³Francisco levanta-se, arma-se com o sinal da cruz, aparelha um cavalo, sobe à montada e, levando consigo alguns fardos do melhor pano escarlate¹⁷, parte veloz para Folinho¹⁸. ⁴Aí chegado, vende, como de costume, toda a mercadoria e, mercador afortunado, logra passar a própria montada.

⁶Já de volta, livre da carga, delibera consigo próprio sobre o destino a dar ao dinheiro. A Deus convertido tão maravilhosa e repentinamente, não tolera por mais tempo carregar com o lastro da soma arrecadada e, estimando-a como se poeira fosse, corre a desfazer-se dela.

¹⁶ Deve entender-se no sentido espiritual. O «médico» é Cristo, que «por nós se fez pobre neste mundo». (Cf. 2R 6, 4). É, provavelmente, uma alusão aos movimentos heréticos, de inspiração cátera, que se difundiam em Itália e que a presença de S. Francisco conseguiu neutralizar.

¹⁷ *Pano escarlate*: vale aqui por pano de alto preço, pois só este era tingido, ainda que não precisamente dessa cor.

¹⁸ Quinze quilómetros aproximadamente, que Francisco teve de refazer a pé, no regresso.

⁸ Como caminhasse na direcção de Assis, deu com uma igreja-nha à beira do caminho. Tinha sido levantada em honra de São Damião¹⁹ e já ameaçava ruína, pela sua muita antiguidade.

9. ¹ Aproximando-se dela o novo cavaleiro²⁰ de Cristo e vendo-a em tão mísero estado, sente apertar-se-lhe o coração. ² Entra cheio de temor e reverência, e, encontrando nela um sacerdote pobrezinho, com grande fé lhe beija as mãos consagradas, dá-lhe todo o dinheiro que traz consigo e manifesta-lhe os seus intentos. ³ Espantado com tão súbita conversão, o sacerdote quase não acredita no que ouve e recusa o dinheiro oferecido, temendo ser enganado. ⁴ É que, a bem dizer, ainda na véspera o tinham visto metido em folias com parentes e amigos, a todos excedendo nos ousios da juventude. ⁵ Mas Francisco pede-lhe insistentemente que acredite nas suas palavras e o receba em sua companhia para servir ao Senhor. ⁶ Por fim, consente o sacerdote em recebê-lo, mas persiste na recusa do dinheiro, com receio dos parentes. Então Francisco, verdadeiro desprezador da riqueza, joga o dinheiro para o desvão duma janela, não lhe dando mais valor do que ao pó nela acumulado.

⁸ É que muito mais ambicionava ele: a sabedoria, que vale mais do que o ouro, e a prudência, que é mais preciosa do que a prata²¹.

¹⁹ Não é conhecida a época em que foi construída. Sabemos unicamente que aparece mencionada num documento da primeira metade do século XI. Se S. Francisco não tivesse entrado nela para orar, não teria ficado dela nenhum vestígio (Cf. MASSERON, *Assise*, Paris, 1950, p.158).

²⁰ Para São Jerónimo, *miles* é o simples legionário romano. Para Santo Agostinho é um dignatário do Império, um alto funcionário. A Idade Média faz do *miles* o cavaleiro, cujo sentido da honra e do desinteresse exaltava e encarecia a militância política. Graças aos jograis, a ideia do cavaleiro penetrou até às mais pequenas aldeias e resume o ideal de toda uma época.

²¹ Prov 16, 16.

CAPÍTULO V

Como foi perseguido e encarcerado pelo pai

10.¹ Enquanto o servo de Altíssimo se ficou por ali a viver, o pai, inquiridor atento, buscava notícias dele por toda a parte.² Mal soube do paradeiro e do género de vida que levava, profundamente amargurado e ferido com tão inesperada mudança, convocou vizinhos e amigos e correu sem demora até onde ele estava.³ Mas o servo de Deus, que era ainda noviço nas batalhas de Cristo, presentindo a chegada do pai e ouvindo a gritaria dos perseguidores, subtraiu-se à sua ira, buscando refúgio num subterrâneo adrede preparado na previsão de semelhante perigo.

⁴ Nesse esconderijo, que ficava nos baixos da casa e só um outro homem conhecia²², chegou a estar escondido um mês inteiro, e dele não ousava sair senão por estrita necessidade.⁵ O alimento que de vez em quando lhe davam comia-o na escuridão do antro e toda a ajuda lhe era prestada em segredo.⁶ Banhado em lágrimas, rogava a Deus o livrasse das mãos dos que lhe perseguiam a alma e lhe permitisse cumprir os piedosos intentos. Jejuando e chorando, invocava a clemência do Salvador e, duvidando de si mesmo, n'Ele punha toda a confiança.

⁷ Embora encerrado em tão tenebroso refúgio, sentia-se inundado duma indizível doçura, como jamais experimentara. Ardendo inteiro nessa chama interior, decidiu abandonar o esconderijo e expor-se indefeso às injúrias dos perseguidores.

11.¹ Pressuroso e alegre, levanta-se de golpe, arma-se com o escudo da fé e da coragem, indispensáveis nas batalhas do Senhor, e encaminha-se para a cidade, enquanto, divinamente empolgado, a si mesmo se recrimina de tanto se haver atrasado, por cobardia e vileza.

² Os que o conheciam, ao vê-lo reaparecer e ao confrontarem o seu estado presente com o anterior, deram de insultá-lo, de lhe chamar doido, de lhe atirar com pedras e lama.³ Aquele seu rosto

²² Sem dúvida, o amigo mencionado no 1C 6.

macerado pela penitência, aquele seu ar tão estranho, induzia-os a pensar que tudo era fruto de fome padecida e de loucura. ⁴Mas como a paciência vale mais do que a arrogância, não se deixou Francisco abater nem alterar pelos insultos, antes agradeceu ao Senhor tais provações.

⁵Em vão é o homem recto perseguido pelo malvado, pois quanto mais combatido for, maior será a vitória da sua fortaleza. A humilhação, disse alguém, torna mais audaz o coração generoso.

12. ¹Tão rapidamente se espalhou aquele vozear pelas ruas e praças da cidade, tão alto se ouviram as chufas e troças, que chegaram também aos ouvidos do pai. ²Este, ao ouvir o nome do filho, e considerando ser contra ele próprio que se dirigiram as zombarias dos concidadãos, foi logo procurar Francisco, não para o libertar, mas para o perder. ³Tal como o lobo se lança sobre a ovelha, assim ele, olhar torvo e ameaçador, cai sobre o filho, agarra-o com firmeza e arrasta-o para casa. ⁴Inacessível aos mais elementares sentimentos de compaixão, mantém-no encerrado num lugar escuro²³, cuidando deste modo vergar o filho à sua vontade, primeiro com palavras, depois com açoites e algemas.

⁵Mas o jovem até dos sofrimentos tirava força e decisão para prosseguir no seu santo ideal. Nem a enervante reclusão, nem as violentas recriminações lhe fizeram perder a paciência.

⁶Cabendo a todo o cristão o dever de se alegrar nas tribulações, nem submetido a prisões e castigos há-de trair os ditames da sua consciência e deixar-se tresmalhar do rebanho de Cristo. ⁷Nem o dilúvio de muitas águas²⁴ poderá atemorizar quem, na adversidade, tem por abrigo o Filho de Deus, o Qual, para não sucumbirmos ao peso dos sofrimentos, nos recorda que foram muito maiores os que por nós padeceu.

²³ Seria provavelmente um vão de escada, sem a mais pequena comodidade. Recorde-se a lenda de Santo Aleixo, o «pobre debaixo da escada».

²⁴ SI 31,6.

CAPÍTULO VI

**A mãe liberta-o e ele despoja-se das roupas
diante do bispo de Assis**

13.¹ Enquanto negócios urgentes forçavam o pai a manter-se ausente por algum tempo²⁵, o servo de Deus permanecia agrilhado no cárcere da casa. Ficando sozinho com ele, a mãe, que desaprovava o procedimento do marido, falou com ternura ao filho, mas viu que nada o demovia.

²O amor de mãe foi então mais forte do que ela própria: abriu-lhe a porta da masmorra, pondo-o em liberdade.³ Francisco, agradecendo a Deus onnipotente, correu sem perda de tempo ao lugar onde estivera²⁶.⁴ Com a segurança que lhe dava a experiência da luta e das tentações debeladas, parecia agora mais sereno. A adversidade tinha-lhe temperado o ânimo e andava agora por toda a parte com mais desenvoltura e firmeza.

⁵Entretanto, o pai volta a casa. Não o encontrando, desafoga a sua ira contra a esposa, acumulando desatinos sobre desatinos.⁶ Depois, trovejando ameaças, corre furioso a São Damião, na tentativa de ao menos o escorraçar para longe, caso não consiga forçá-lo a viver como dantes.

⁷Mas como o temor do Senhor é a certeza da sua protecção, apenas Francisco, o filho da graça, se apercebe de que o pai se-

²⁵ «Na rota natural do mediterrâneo até ao Mar do Norte, já desde os fins do século XII se havia fixado na Champagne o centro principal de intercâmbio entre o Oriente e o Ocidente. Em Troyes, Provins, Bar-sur-Aube, Lagny, centros nos quais tinham lugar sucessivas feiras ao longo do ano, os *homens de negócios italianos* eram os grandes animadores e reguladores do tráfico. Por vezes, cruzando os Alpes ou os Apeninos no rigor das estações, viajavam sozinhos ou em caravanas, com ou sem guias especializados. Eram muito frequentes as emboscadas, já que os mercadores podiam ser presa fácil e proveitosa tanto de pessoas necessitadas como de bandoleiros profissionais. Melhor do que ninguém conheciam eles as pousadas do percurso, os armazéns das cidades, os albergues pouco confortáveis em que o bom humor mal conseguia dissipar a pena de estarem longe dos seus». Cf. Y. RENOARD, *Les hommes d'affaires italiens du Moyen Âge*, Armand Colin, 1950, p. 40 e 74.

²⁶ Como se viu (1C 10), Francisco, desconfiado das próprias forças, não ousava expor-se à cólera do pai, pelo que preferiu buscar um esconderijo.

gundo a carne está para chegar, sai ao encontro dele espontaneamente, alegre e decidido, declarando que nem cadeias nem castigos o farão vacilar,⁸ pois estava pronto a sofrer com alegria toda a espécie de vexames pelo nome de Cristo.

14.¹Perante uma tal determinação, convencido o pai da inutilidade dos seus esforços para o demover do caminho a que se metera, queria agora a todo o custo arrancar-lhe o dinheiro.²Tinha o homem de Deus decidido gastá-lo em proveito dos pobres e na restauração da capela, mas agora, totalmente desprendido, não se deixou seduzir pela miragem de qualquer benefício, como nem sequer se perturbou com a perspectiva de o perder.³Grande desprezador dos bens terrenos, e por demais sequioso dos eternos, tratou de restituir logo a bolsa que havia atirado para o desvão poeirento da janela. Com a recuperação do dinheiro, ficou aplacada em parte, qual refrigério, a ira e a cupidez do pai.

⁴Porém, logo este lhe impôs que comparecesse diante do bispo da cidade²⁷ para renunciar nas mãos do prelado a todos os bens e restituir integralmente o que possuía.⁵A nada resistiu. Alegre e pressuroso, acedeu de imediato ao que lhe era exigido.

15.¹Uma vez diante do bispo, nada o detém: sem dizer nem esperar palavra, despe as roupas²e atira-as para os braços do pai, ficando nu diante de todos²⁸.³Compreendendo o bispo o seu propósito e admirando tamanha coragem e determinação, acolhe-o nos seus braços e cobre-o com o próprio manto.⁴Era manifesto: ele, bispo, acabava de ser testemunha de um gesto inspirado por Deus a seu servo, um gesto carregado de mistério.⁵Disso convencido, logo ali se constituiu seu protector e, animando-o e confortando-o, estreitou-o contra o peito, com entranhado amor.

²⁷ *Guidus Secundus*, que foi bispo de Assis desde 1204 (?) até à sua morte, a 30 de Julho de 1228. Várias vezes se falará dele ao longo desta biografia.

²⁸ Em 2C 12 esclarece-se que esta nudez não era total, porque Francisco trazia consigo o cilício.

⁶E aí vai ele, qual novo atleta, lançar-se nu na luta contra o inimigo nu²⁹. Dando de mão a tudo o que é mundano, só a justiça divina o preocupa. ⁷Assim se adestra no desprezo da vida, assim abandona os vãos cuidados de si próprio, para que, em tão infestado e perigoso caminho, seja a paz a companheira da sua pobreza e só o véu da carne o separe entretanto da visão de Deus.

CAPÍTULO VII

Assaltado por ladrões, é atirado para a neve. Dedica-se depois ao cuidado dos leprosos.

16.¹Vestindo andrajos quem antes trajara púrpura, seguia Francisco por um bosque adentro a cantar os louvores de Deus em língua francesa³⁰, quando, de repente, caem sobre ele uns ladrões que lhe perguntam brutalmente quem é. ²O homem de Deus, impávido e confiante, responde: «Sou o arauto do grande Rei. Que tendes com isso?» ⁴Sem mais, ali o espancam e atiram para uma cova cheia de neve, dizendo: «Fica-te para aí, pobre arauto de Deus!» ⁵Mal os bandidos se afastam, salta do barranco, sacode a neve e, redobrando de alegria ao olhar em redor, torna a cantar em alta voz, enchendo a floresta com os louvores do Criador de todas as coisas.

⁶Finalmente, chega a um mosteiro³¹ e aí fica alguns dias a trabalhar como ajudante de cozinha³². Veste, como única roupa, um tosco blusão e, para se alimentar, contenta-se com a esmola duma escudela de sopa. ⁷Mas não encontrando compaixão e nem sequer um velho hábito abandonado, dali parte, não por despeito mas por

²⁹ *Nudus luctaretur cum nudo*, no texto original. Tema familiar à espiritualidade medievá, sobretudo franciscana: 2C 12, 194. 214 e textos paralelos em São Boaventura: LM 2,4; 7,2; 14,3. Cf., ainda, nota 35 em 2 C 12.

³⁰ S. Francisco nos momentos de alegria, exprimia-se em língua francígena ou gallica, a língua de Ile de France e de Champagne, e não certamente o provençal. (Cf. 2C 127).

³¹ Provavelmente, São Veregundo, um pouco ao sul de Gúbio. Hoje, Vallindegno.

³² *Garcio* é o termo que emprega o texto original. Exprime depreciativamente certa classe de ocupações atribuídas a gente incapacitada ou de maus costumes.

necessidade, e vai para a cidade de Gúbio, onde um velho amigo³³ lhe dá uma pobre túnica.

⁸Algun tempo depois, quando já a fama do homem de Deus se espalhava por toda a parte, arrependido o prior do mosteiro do tratamento que lhe dera, chegou-se a ele e pediu-lhe perdão por amor de Deus, em seu nome e no dos confrades.

17. ¹Depois, amante verdadeiro da humildade perfeita, transfere-se para uma leprosaria³⁴ e nela vive com os leprosos, servindo-os em todas as necessidades, por amor de Deus. Lava-lhes os corpos em decomposição e trata-lhes as chagas purulentas, como ele mesmo deixou escrito no seu Testamento³⁵: ²«Quando eu andava ainda em pecado, era-me extremamente amargo dar com os olhos em leprosos, mas o Senhor, um dia, me conduziu ao meio deles e com eles usei de misericórdia». ³Com efeito, tão insuportável lhe era a princípio olhar para eles que, conforme ele próprio atesta, apenas divisava à légua as suas cabanas, tapava o nariz com as mãos.

⁴Mas eis que, um dia – vivia ele ainda no mundo, mas, por graça e virtude do Altíssimo, começava já a sonhar uma vida mais proveitosa para os demais – um leproso estaca à sua frente. Reprimindo violentamente a náusea, Francisco aproxima-se dele e beija-o.

⁵Desde esse momento decide desprezar-se cada vez mais, até que, por misericórdia do Redentor, obtém plena vitória sobre si mesmo.

⁶Quando ainda vivia no mundo e seguia os seus ditames, ocupava-se também de outros necessitados, socorria-os generosamente em sua indigência e tinha entranhas de compaixão para com todos os que via sofrer. ⁷Certa vez, porém, e contrariamente aos seus hábitos, pois era em extremo cortês e afável, despediu bruscamente um pobre que lhe pedia esmola. Logo arrependido, considerou vergonhosa vilania não atender aos rogos feitos em nome de um tão grande Rei e tomou a resolução de jamais negar a quem quer

³³ Seria um dos três irmãos Spadalunga, segundo um documento tardio.

³⁴ O hospital de São Salvador dos Muros, no lugar da actual Casa Gualdi, a meio caminho entre Assis e Santa Maria dos Anjos.

³⁵ T 1-2.

que fosse, enquanto de si dependesse, o que em nome de Deus lhe fosse pedido.

⁸E foi fiel a este propósito até se dar inteiramente a si mesmo, pondo em prática, antes de o pregar, o conselho evangélico: «Dá a quem te pedir, e não voltes as costas a quem te pedir emprestado»³⁶.

CAPÍTULO VIII

Restaura a igreja de São Damião.

Forma de vida das religiosas³⁷ que nela moram.

18.¹ A primeira obra a que Francisco lançou mão ao sentir-se livre do jugo do pai terreno, foi reedificar um templo para o Senhor. Não quis construir um templo novo: restaurou uma igreja antiga, já em ruínas; não arrancou alicerces, edificou sobre eles, deixando a Cristo, sem o advertir, a prerrogativa da sua fundamentação³⁸. ²Ninguém, de resto, poderia estabelecer um outro fundamento além do já estabelecido: Jesus Cristo. ⁴Voltando, por isso, ao lugar onde, como se disse, tinha sido edificada a igreja de São Damião, em pouco tempo e com suma diligência a reconstruiu, ajudado pela graça do Altíssimo.

⁵Este é o bendito e santo lugar no qual teve o seu auspicioso berço a Ordem gloriosa das «Senhoras Pobres» e santas virgens, por obra do bem-aventurado Francisco, quase seis anos após a conversão. ⁶Foi aí que a senhora Clara, também ela de Assis³⁹, qual

³⁶ Mt 5, 42.

³⁷ *Dominarum*. Antes de significar senhora, a palavra tanto designava a princesa de sangue, como a monja e a cónega: (Cf. DU CANGE Glossaire, nas palavras *domina* 5, e *domicellae* 2).

³⁸ A reflexão de Celano põe a claro a posição de Francisco, projectando este gesto toda a sua actividade posterior. É um reformador, mas na linha do Evangelho e na plena sujeição à Igreja.

³⁹ Anota Celano este pormenor, porque a família de Clara, expulsa de sua casa na praça de S. Rufino, em Assis, aquando do levantamento popular de 1198-99, se tinha refugiado no seu castelo de Cocorano, no território de Perúcia. Cf. P. THEOBALD, *Assise au temps de saint François*. EF Setembro de 1938, p. 448 s.

pedra preciosíssima e inabalável, se constituiu fundamento de todas as outras pedras desta religiosa família.

⁷ Já em boa hora tinha surgido a Ordem dos Irmãos Menores, quando ela, convertida ao Senhor devido aos estimulantes conselhos de Francisco, se tornou causa e modelo de progresso espiritual para incontáveis almas.

⁸ Nobre pelo sangue, mais nobre pela graça, virgem no corpo, puríssima no espírito; jovem em idade⁴⁰, adulta na prudência; ⁹ constante nos propósitos, ardente e entusiasta no amor a Deus; exornada de sabedoria e humildade, Clara de nome, mais clara ainda pela sua vida, claríssima em suas virtudes⁴¹.

19. ¹ Sobre ela se ergueu o nobre edifício de preciosíssimas pérolas, cujo louvor não pode caber aos homens, mas a Deus somente, já que nem a pobreza do nosso pensamento o pode conceber, nem a nossa língua exprimir.

² De facto, nelas resplandece, a todas excedendo, a virtude de uma contínua e mútua caridade. Une esta caridade tão profundamente as suas vontades que, mesmo numa fraternidade de quarenta ou cinquenta irmãs, como acontece algures, a identidade no querer e no não querer⁴² faz de muitas uma só alma. ³ Em segundo lugar, brilha em todas a pérola da humildade, a qual, pondo a recato os

Sobre a família de Clara Favarone, cf. AFH 46 (1953) 4-9; L. Hardick, Zur Chronologie im Leben der hl. Klara: EF 35 (1953) 174-210; Cf. *FF II*, p. 241.

⁴⁰ Clara tinha dezoito anos quando, na noite de 18 para 19 de Março, a seguir ao Domingo de Ramos de 1212, recebeu o hábito religioso das mãos de S. Francisco, na capela de Santa Maria dos Anjos. Após breve permanência no mosteiro das beneditinas de Bastia e nas Beguinhas de Sant'Ângelo di Panzo, passou a viver com as suas primeiras discípulas no edifício adjacente à capela de São Damião, a primeira a ser restaurada pelo Santo. Nos três primeiros anos, ao que parece, a fraternidade feminina ensaiou a aventura evangélica na base da elementar «forma de vida» que Francisco lhes traçara.

⁴¹ Onde não vemos senão um mero jogo de palavras, descobre Celano o presságio de um destino: conformemente à tradição bíblica, já no próprio nome estava implícita toda uma vocação.

⁴² *Idem velle ac idem nolle*. É a definição clássica, segundo Salústio (*Catil. XX,4*), da *amizade*: a comunhão de aspirações, simpatias e antipatias é o fundamento mais seguro da amizade. Celano combina esta definição com uma ressonância dos Actos (4,32) para obter a sua descrição da primeira comunidade de Clarissas.

dons e benefícios celestes, faz com que mereçam as demais virtudes.⁴ Em terceiro lugar, o lírio da virgindade e da castidade espalha de tal modo a sua fragrância sobre todas elas, que, esquecidas das preocupações terrenas, desejam somente meditar nas realidades celestes. Esta fragrância faz-lhes surgir nos corações um tão elevado amor pelo seu Esposo eterno, que a integridade desse afecto apaga nelas por completo a saudade do passado.⁵ Em quarto lugar, tão fiéis são ao título⁴³ da santíssima pobreza, que só a custo condescendem com as necessidades mais urgentes do alimento e do agasalho.

20.¹ Em quinto lugar, adquiriram em tal medida a graça especial da mortificação e do silêncio, que não carecem de esforço para dominarem os sentidos e refrearem a língua.

Algumas desabitaram-se mesmo de falar e, quando a isso são obrigadas por necessidade, quase esquecem o modo correcto de se exprimir.² Em sexto lugar, todas estas virtudes estão nelas adornadas de uma paciência tão maravilhosa, que jamais provação alguma ou enfermidade consegue abatê-las ou alterar-lhes o ânimo.³ Em sétimo lugar, finalmente, lograram elevar-se às alturas de uma tal contemplação, que nela aprendem o que devem fazer ou evitar, e ditosas se sentem na intimidade com Deus, perseverando dia e noite na oração e nos divinos louvores.

⁴ Digne-se o Deus eterno, por sua bendita graça, coroar um tão santo começo com um fim mais santo ainda.

⁵ Bastem, por agora, estas poucas palavras sobre as virgens consagradas a Deus, devotíssimas servas de Cristo. A sua vida admirável e a Regra nunca assaz louvada que do Papa Gregório receberam⁴⁴ quando era ainda bispo de Óstia, exigem um tratamento particular e um livro à parte⁴⁵.

⁴³ *Título* tem aqui significado jurídico. É a «razão social», diríamos nós hoje, da sua vida como comunidade religiosa.

⁴⁴ Celano refere-se à *Regra Hugoliniana* (mais propriamente *Constituições Hugolinas*). O seu texto foi definitivamente aprovado por Incêncio IV (bula *Solet annuere*, de 13 de Novembro de 1245). Note-se como Celano mantém unidos os dois termos «vida» e «regra», conforme ao título que o próprio Santo deu à sua

CAPÍTULO IX

**Restaura a igreja de Santa Maria da Porciúncula.
Ouvindo ler uma passagem do Evangelho, renuncia a todas
as coisas e imagina um hábito para seus irmãos.**

21.¹ Despojado das vestes mundanas e restaurada a mencionada igreja, deslocou-se o servo de Deus a um outro lugar próximo da cidade de Assis e aí se entregou à reconstrução de uma segunda igreja, quase totalmente arruinada, e não parou enquanto a não viu concluída⁴⁶.

² Dali passou a outro lugar, chamado Porciúncula, onde havia uma antiga igreja em honra da bem-aventurada Virgem Mãe de Deus e que não era cuidada por ninguém.³ Vendo-a em tão mísero estado, e movendo-se de compaixão, pois era devotíssimo da Mãe de toda a bondade,⁴ decidiu morar ali mesmo e acabou de a restaurar no terceiro ano da sua conversão.

⁵ O hábito que então vestia era semelhante ao dos eremitas, cingido com um cinto de couro; usava bordão para o caminho e sandálias nos pés.

22.¹ Mas, um dia, ao ouvir nesta mesma igreja a passagem do Evangelho que refere ter o Senhor enviado os discípulos a pregar, o Santo, que dessa passagem apenas intuía o sentido geral, celebrada a missa, pediu ao sacerdote que lhe explicasse.² Comentou-lha o sacerdote ponto por ponto, e Francisco, ao ouvir que os discípulos de Cristo não deviam possuir nem ouro, nem prata, nem dinheiro, nem bolsa, nem pão, nem bordão para o caminho, nem usar calçado, nem duas túnicas, mas somente pregar o Reino de

regra: «A Regra e a vida...». Para o texto da Regra Hugoliniana, cf. *FFII*, o.c., p. 307-339.

⁴⁵ Teria Celano escrito uma Vida de Santa Clara? A opinião mais comum é que seja o autor da biografia escrita por ordem de Alexandre IV (antes cardeal Rufino), o papa que canonizou Santa Clara em Setembro de 1255. Para o texto da *Legenda de Santa Clara*, cf. *FFII*, o.c., p. 237-286.

⁴⁶ Não se trata da actual igreja de S. Pedro, dentro da cidade, mas duma capelinha que ficaria nos arredores de Rivotorto, da qual não há vestígios hoje.

Deus e a penitência⁴⁷, imediatamente exclamou, exultando no espírito do Senhor: ³«Isto mesmo eu quero, isto peço, isto anseio poder realizar com todo o coração».

⁴Transbordando de alegria, apressa-se o santo Pai a concretizar o salutar conselho. ⁵Não consentindo a mínima delonga em executar o que ouvira, desfaz-se das sandálias, atira fora o bastão, contenta-se com uma só túnica e substitui o cinto por uma corda. ⁶Prepara em seguida uma túnica à imagem da cruz, a fim de manter afastadas as seduções do demónio, ⁷faz questão de que seja áspera, para crucificar a carne com os seus vícios e concupiscências, ⁸e tão pobre e rude a deseja que não possa ninguém invejar-lha.

⁹Com igual cuidado e reverência se esforça por cumprir os demais ensinamentos ouvidos. ¹⁰De resto, nunca ele fora um surdo ouvinte do Evangelho, antes, confiando a uma singular memória o que ouvia, procurava com suma diligência tudo observar à letra.

CAPÍTULO X

Prega o Evangelho e anuncia a paz. Conversão dos seis primeiros irmãos.

23. ¹Desde então, com grande fervor e júbilo começou a pregar a penitência, a todos edificando com a simplicidade das suas palavras e a generosidade do seu coração. ²A palavra era nele como fogo devorador: penetrava no âmago dos corações, suscitando o entusiasmo de todos. ³Parecia totalmente diferente do que antes era: todo voltado para o céu, nem se dignava olhar a terra. ⁴E, coisa curiosa, começou a pregação exactamente onde, criança ainda, tinha aprendido a ler e onde viria a ter a primeira gloriosa sepultura⁴⁸.

⁴⁷ Celano não cita literalmente os textos evangélicos, mas frases e começos de frases tirados indistintamente dos três sinópticos. Assinala-se vulgarmente como data deste acontecimento o dia 24 de Fevereiro de 1208 (festa de São Matias) ou o dia 12 de Outubro do mesmo ano (festa de São Lucas).

⁴⁸ A igreja de São Jorge, onde recebeu os primeiros rudimentos do latim e do ensino religioso. A igrejainha de São Jorge encontrava-se onde é hoje a capela do

⁵ Assim, pois, um começo feliz havia de ser coroado com um fim mais venturoso ainda. Onde aprendeu, aí ensinou, e onde começou, aí acabou ditosamente os dias.

⁶ Em todos os sermões que fazia, antes de comunicar ao povo a palavra de Deus desejava-lhes a paz, dizendo: «O Senhor vos dê a sua paz!»⁴⁹. ⁷ Esta paz ele a anunciava sempre a homens e mulheres, aos que encontrava e aos que o procuravam. ⁸ Desse modo, e com a graça do Senhor, lograva ele que não poucos inimigos da paz e da salvação se convertessem também em filhos dessa mesma paz, desejosos da salvação eterna.

24. ¹ Entre estes, o primeiro a seguir o homem de Deus foi um habitante de Assis, homem piedoso e simples.

² Seguiu-o depois o irmão Bernardo, que, abraçando a sua mensagem de paz, correu jubilosamente atrás do Santo para ganhar o reino dos céus⁵⁰. ³ Tinha este irmão hospedado várias vezes Francisco em sua casa e muito se edificara com o teor e pureza da sua vida. Foi assim que, atraído pela sua santidade, entrou a reflectir seriamente e se resolveu a abraçar o caminho da salvação. ⁴ Vira-o passar noites inteiras a rezar, quase sem dormir, louvando o Senhor e a gloriosa Virgem, sua Mãe, e, tomado de grande admiração, pensava: «Em verdade, este homem é um homem de Deus!» ⁵ Correndo, por isso, a vender todos os bens, distribuiu o seu preço, não pelos familiares, mas pelos pobres. E assim abraçou o caminho mais perfeito, pondo em prática o conselho do santo Evange-

Santíssimo Sacramento, na basílica de Santa Clara. Nela tiveram lugar as solenes cerimónias da canonização em 1228. Quando Celano escrevia estas linhas, provavelmente já tinham sido iniciadas as obras da grande basílica mandada construir por Gregório IX na Colina do Paraíso. O corpo de Francisco tinha sido sepultado provisoriamente («primum») na igreja de São Jorge.

⁴⁹ Cf. T 27; 2R 3,14. Paz e salvação : dois temas que aparecem já unidos num célebre versículo de Isaías (Is 52, 7), e que S. Boaventura oportunamente comentará (LM 3,2).

⁵⁰ Parece inspirado nesta passagem o famoso terceto de Dante: «... foi o venerável Bernardo o primeiro a descalçar-se, dirigindo-se para paz tamanha, e, correndo, ainda se julgou mui tardo» (Par. XI,5). Sobre os primeiros irmãos, cf. E. GRAU, *Die ersten Brüder des hl. Franziskus*, in *Franziskanische Studien* (FS) 40 (1958), p. 132-162.

lho: «Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me»⁵¹.⁶ Isto feito, vestiu o hábito, uniu-se a S. Francisco para viver a sua vida, e com ele ficou para sempre, até que, vindo a aumentar o número dos irmãos, foi enviado a outras regiões, em obediência ao piedoso Pai⁵².

⁷ A sua conversão a Deus serviu de modelo a todos os que vieram depois: vendidos os bens, distribuíam o seu produto pelos pobres. ⁸ De extraordinária alegria foi para Francisco a chegada e conversão desse tão piedoso e qualificado varão, pois era a prova de que o Senhor cuidava dele, dando-lhe um companheiro tão necessário e um amigo tão fiel.

25. ¹ Não tardou que, em seu seguimento, chegasse um outro cidadão de Assis, digno de todo o louvor pela sua vida, o qual viria a falecer quase logo, ainda mais santamente do que santamente começara⁵³.

² Não muito depois, apareceu frei Gil, homem simples, recto e temente a Deus, o qual praticou a santidade, a justiça e a compaixão em toda a sua longa vida, deixando-nos exemplos de obediência perfeita, de esforçado trabalho braçal, de amor ao recolhimento e de santa contemplação⁵⁴. ³ Depois desse, e se excluirmos um outro, vem logo a seguir frei Filipe, sendo já sete com ele. A este tocou-lhe o Senhor os lábios com o carvão ardente da purificação⁵⁵, de modo que falava de Deus com espírito admirável. ⁴ Interpretava as Escrituras, explicando-lhes o sentido mais recôndito sem as ter estudado, semelhante àqueles⁵⁶ que os príncipes dos Judeus desprezavam como ignorantes e iletrados.

⁵¹ Mt 19, 21.

⁵² A Santiago de Compostela. Cf. 1C 30.

⁵³ Sem dúvida Pedro Catão, jurista e cônego de São Rufino. Acompanhará Francisco ao Oriente, será Vigário Geral ainda em vida de S. Francisco, e morrerá na Porciúncula em Março de 1221.

⁵⁴ Recebido na Ordem em 23 de Abril de 1208, Gil morreu em 1262. A segunda parte da frase foi interpolada. Celano não podia falar em 1229 da longa vida do irmão Gil.

⁵⁵ Alusão ao relato da vocação de Isaías (Is 6,6).

⁵⁶ Ou seja, os Apóstolos (Act 14, 14).

CAPÍTULO XI

Do espírito profético e das revelações de S. Francisco

26.¹ Abundando cada vez mais na consolação e na graça do Espírito Santo, todo se afanava o bem-aventurado pai Francisco em formar com vigilante amor os seus novos filhos, ensinando-lhes, com princípios novos, a progredirem recta e firmemente nos caminhos da santa pobreza e da bem-aventurada simplicidade.

²Um dia, transbordando de admiração pela misericórdia do Senhor que tantos benefícios lhe dispensava, desejou conhecer d'Ele como haviam de proceder em suas vidas, ele e os seus. Com esse desejo se retirou, como frequentemente fazia, a um lugar propício à oração. ³Aí ficou largo tempo, invocando com temor e tremor o Senhor de toda a terra, enquanto amargamente recordava os anos dissipados, e repetia: ⁴«Meu Deus, tende compaixão de mim, que sou pecador!⁵⁷» Pouco a pouco, sentiu o coração inundar-se de inefável alegria e de imensa doçura ⁵e começou como que a sair de si mesmo: a angústia e as trevas, até aí adensadas na alma por temor ao pecado, desapareceram por completo e foi-lhe infundida, com a certeza do perdão de todas as culpas, a garantia duma vida em graça para o futuro. ⁶Depois, como que projectado para fora de si e absorto numa luz imensa que lhe dilatava o espaço da mente, pôde contemplar livremente o porvir. ⁸Quando, por fim, essa luz e suavidade se dissiparam, dir-se-ia ter ficado a habitá-lo um espírito novo, parecendo um outro homem.

27.¹ Voltou então para junto dos irmãos e, cheio de alegria, disse-lhes: «Consolai-vos, caríssimos, e alegrai-vos no Senhor. Não vos entristeça o facto de serdes poucos; não vos assuste a minha simplicidade e a vossa, porque, conforme o Senhor me revelou, Ele fará de nós uma imensa multidão e nos propagará até aos confins da terra. ²Para vosso proveito, eu me sinto obrigado a manifestar-vos o que vi. Mais oportuno seria calar-me, se a cari-

⁵⁷ É a oração do publicano (Lc 18, 13). Segundo WADDING (Annales Ia, 1209) o caso teria ocorrido em Poggio-Bustone. Tal é também a opinião de CUTHBERT, *Vie* (Paris) p. 118-124.

dade me não constrangesse a falar. ³Vi chegar uma grande quantidade de homens desejosos de viverem connosco, de vestirem o nosso hábito e de seguirem a Regra da nossa santa Ordem⁵⁸. ⁴Ressoa ainda nos meus ouvidos o rumor de quem vai e vem, seguindo a voz da santa obediência. ⁵Vi caminhos apinhados de gente vinda de quase todas as nações: ⁶franceses, espanhóis, alemães, ingleses. Vi, enfim, multidões de várias outras línguas chegarem apressadamente». ⁷Ouvindo estas palavras, uma santa alegria se apoderou dos irmãos, já pela graça que Deus fazia ao seu Santo, já porque, ciosos como andavam do bem do próximo, desejavam que todos os dias novas vocações viessem aumentar o número dos irmãos e, todos em conjunto, encontrassem a salvação de Deus⁵⁹.

28. ¹Disse-lhes ainda o Santo: «Irmãos, para que fiel e devotamente demos graças ao Senhor nosso Deus por todos os seus dons, e para que saibais o que nos espera, agora e depois, ouvi a verdade sobre o que vai acontecer. ²No início da vida da nossa Ordem, encontraremos frutos doces e deliciosos; depois teremos outros de menor sabor e doçura; ³por fim, colheremos outros tão amargos que não os poderemos comer, porque, sendo embora extremamente formosos e perfumados, ninguém os poderá tragar. ⁴Efectivamente, como vos disse, o Senhor há-de fazer-nos crescer até nos tornarmos num grande povo. ⁵Mas, depois, sucederá como ao pescador quando lança as redes ao mar, ou a um lago, e apanha grande quantidade de peixes. ⁶Uma vez despejados na barca, não

⁵⁸ Nossa Santa Ordem. Expressão que é preciso atribuir a Celano mais do que a S. Francisco, em cuja boca soaria desagradavelmente. Se é certo que ele desejava sumamente o crescimento da Ordem, temia-lhe a decadência, em razão do número dos frades (1C 28; 2C 23, 70. 158).

⁵⁹ Ut salvi essent in idipsum: uma das fórmulas-tipo do ideal franciscano, uma das que exprimem mais concisamente que se os cristãos são *irmãos*, a vida cristã é uma fraternidade. O mérito da instituição de Francisco esteve no seu regresso às origens: desta salvação em grupo, ou em fraternidade, dão-nos os Actos a descrição prática: (2,44; viviam juntos e tinham tudo em comum... orando com um mesmo coração), e São João a razão teológica (1Jo 1, 3): «Entrai em comunhão connosco e nós todos entraremos em comunhão com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo».

os querendo todos por serem demasiados, escolhe os maiores e melhores para as canastras, rejeitando os demais»⁶⁰.

⁸ A verdade e a clareza que refulgem nestas predições do Santo são de perfeita evidência para quem nelas atente com espírito objectivo e sincero.

Era assim que o espírito de profecia repousava em S. Francisco!

CAPÍTULO XII

Francisco envia os irmãos, dois a dois, pelo mundo. Pouco tempo decorrido, reúnem-se de novo.

29. ¹ Por esse mesmo tempo entrou na Ordem um outro homem de bem, elevando-se a oito o número dos irmãos. ² Reuniu-os a todos o Santo Pai e, depois de longamente lhes ter falado do Reino de Deus, do desprezo do mundo, da renúncia à vontade própria e da sujeição da carne⁶¹, dividiu-os em quatro grupos e disse-lhes: ³ «Ide, caríssimos, dois a dois, por todo o mundo e anunciai aos homens a paz e a penitência para a remissão dos pecados. Sede pacientes nas perseguições, porque o Senhor há-de realizar os seus desígnios e cumprir as suas promessas. ⁴ Respondei com humildade a quem vos interrogar, abençoai os que vos perseguirem, agradecei aos que vos injuriarem e caluniarem⁶², pois será por meio deles que alcançareis em troca um Reino eterno».

⁶ E recebendo eles com grande júbilo o mandato que a santa obediência lhes confiava, prostraram-se diante do bem-aventurado Pai que depois os abençoou, enternecido e devoto, e disse a cada um: «Põe a tua confiança no Senhor e Ele cuidará de ti». ⁷ Eram as

⁶⁰ Mt 13, 47-50.

⁶¹ *Corporis subjectione*: expressão do vocabulário estoicista. São Boaventura, que transcreveu a frase integralmente, substitui o autodomínio (que para um estóico vale como ideal) pela mortificação (que para um cristão só vale como método), e escreveu: *corporis castigatione* (LM 3,7). A correcção torna a frase muito mais verosímil numa exortação de S. Francisco (Cf. Ex 2 e 3).

⁶² Cf. 2R 3, 10-14. Lc 6, 27-29 e Mt 5, 44.

palavras que sempre repetia quando enviava os seus frades a cumprir qualquer missão.

30.¹ Foi nessa altura que os irmãos Bernardo e Gil tomaram o caminho de Santiago, na Galiza; S. Francisco e um outro companheiro escolheram o vale de Rieti; e os outros quatro, dois a dois, seguiram nas restantes direcções.

² Porém, pouco tempo decorrido, desejando S. Francisco voltar a vê-los, rogou ao Senhor, que é quem reúne os filhos dispersos de Israel, se dignasse em Sua misericórdia juntá-los a todos sem demora. ³ E assim sucedeu, segundo os seus desejos: a breve trecho, sem que ninguém os chamasse, estavam todos de volta e davam graças a Deus. ⁴ Tomando juntos a refeição⁶³, celebraram calorosamente a ventura de tornarem a ver o piedoso pastor, e deveras se maravilharam de haverem acertado todos no mesmo pensamento.

⁵ Referem em seguida os favores que o Senhor misericordioso lhes havia dispensado, e humildemente pedem e obtêm do bem-aventurado Pai a correcção e penitência para possíveis negligências e ingratidões⁶⁴.

⁶ Assim costumavam fazer todas as vezes que dele se abeiravam, e jamais lhe ocultavam os mínimos pensamentos ou impulsos da alma. Embora cumprissem tudo o que lhes era ordenado, mesmo assim se consideravam servos inúteis⁶⁵. ⁷ A tal ponto esses primeiros discípulos do bem-aventurado Francisco estavam possuídos da «pureza do coração» que, sabendo embora terem operado coisas úteis, santas e rectas, eram de todo incapazes de nelas sentir qualquer vã complacência⁶⁶. ⁸ Então, o bem-aventurado Pai, reunindo amorosamente os filhos à sua volta, começou a expor-

⁶³ Cf. 1Cor 11,20. Parece-nos legítimo interpretar a citação paulina como alusão a este momento de encontro familiar.

⁶⁴ Em traços simples e familiares, é esta a estrutura do «capítulo» dos irmãos, tal como se celebrará cada ano, conforme pôde referir JACQUES DE VITRY, *Carta I*. Cf. Lc 9, 1-10 e Ex 23.

⁶⁵ IR 11, 2; 23, 22.

⁶⁶ Este comportamento dos primeiros irmãos corresponde às *Exortações* que lhes dirigia S. Francisco, e das quais nos ficaram alguns textos: «Ditoso o servo que não se gloria mais no bem que o Senhor diz e obra por seu intermédio, que no bem que diz e obra por meio de outrem» (Ex 17).

-lhes os seus projectos e a dar-lhes a conhecer aquilo que o Senhor lhe tinha revelado.

31. ¹ Por essa ocasião juntaram-se a eles outros quatro homens dignos e virtuosos e fizeram-se discípulos de Francisco⁶⁷. ² Isto ocasionou um maior interesse pelo movimento, e a fama do homem de Deus foi crescendo cada vez mais entre o povo. ³ Verdadeiramente, naquele tempo, Francisco e os companheiros experimentavam uma alegria e um gozo inexprimíveis sempre que alguém, fosse quem fosse, de qualquer proveniência ou condição – rico, pobre, nobre, plebeu, desprezível, estimado, sábio, simples, clérigo, sem cultura, leigo – aparecia a pedir o hábito da santa Religião, guiado pelo espírito de Deus.

⁴ Grande era também a admiração que todos suscitavam nos homens do mundo. O exemplo da sua humildade despertava neles o desejo de viverem melhor e de se penitenciarem dos seus pecados.

⁵ Nem a condição humilde nem a pobreza mais desvalida logravam impedir que fossem incorporados no edifício de Deus os que Deus nele desejava incorporar, pois Ele compraz-se em estar com os simples e os desprezados deste mundo.

CAPÍTULO XIII

Como, sendo já onze os Irmãos, escreveu a primeira Regra e o Papa Inocêncio III a aprovou

32. ¹ Vendo o bem-aventurado Francisco que o Senhor lhe aumentava de dia para dia o número dos que o seguiam, escreveu para si e seus irmãos, presentes e futuros, com simplicidade e breves palavras⁶⁸, uma norma de vida ou Regra, composta de expressões do Evangelho, a cuja perfeita observância aspirava de conti-

⁶⁷ Eram João de São Constâncio, Bárbaro, um segundo Bernardo e Ângelo Tancredo.

⁶⁸ São os termos com que Francisco, em seu testamento, qualifica esta primeira redacção.

nuo⁶⁹. ²Acrescentou, contudo, um número restrito de directivas indispensáveis e urgentes para um bom andamento da vida em comum. ³Isto feito, dirigiu-se a Roma com todos os irmãos já mencionados, na ardente esperança de que o senhor papa Inocêncio III se dignaria confirmar-lhe o que havia escrito.

⁴Encontrava-se por esses dias em Roma o venerando bispo de Assis, Guido, que nutria particular afecto e estima por Francisco e seus irmãos. ⁵Perturbou-se não pouco o bispo, ao vê-los. Não sabendo o que ali os levava, receou quisessem deixar a sua terra, onde o Senhor, mercê desses seus servos, começava já a realizar coisas extraordinárias. ⁶Muito lhe alegrava ter na diocese tantos homens como aqueles, já que de suas santas vidas muitos frutos seriam de esperar. ⁷Porém, tanto que soube do motivo da viagem e dos propósitos que os animavam, deveras se alegrou no Senhor e ofereceu-se para os aconselhar e ajudar.

⁸S. Francisco apresentou-se ainda ao bispo de Sabina, João de São Paulo, assaz conhecido de entre os príncipes e prelados da Cúria romana pela fama de desprezar as coisas terrenas e amar as celestes. ⁹Recebeu-o benévola e caritativamente⁷⁰ o prelado e louvou-lhe sobremaneira aquela determinação.

33. ¹Porém, avisado e prudente como era, interrogou-o sobre não poucas coisas e tentou convencê-lo a optar pela vida monástica ou eremítica⁷¹. ²Mas S. Francisco recusou humildemente, como pôde, aqueles conselhos, não porque os desprezasse, mas porque, sentindo-se impelido para mais altos desígnios, buscava com amor um outro ideal. ³Não deixava o bispo de admirar todo aquele seu zelo, mas, receando viesse a decair de tão elevados propósitos, apontava-lhe caminhos mais simples de percorrer.

⁶⁹ Tomás de Celano, que teria entrado na Ordem por volta de 1214-1215, tomou o hábito da Ordem em 1216. Viveu, portanto, cinco anos sob o regime desta primeira Regra, da qual, aliás nada mais nos diz, infelizmente.

⁷⁰ *Benigne et caritative*: isto é, com as mesmas disposições que S. Francisco recomenda aos superiores, quando recebem um irmão que se encontra em dificuldade (2R 10, 15).

⁷¹ Isto é, a entrar em alguma das Ordens religiosas já existentes, como foram obrigados a fazer os «pobres católicos», alguns anos mais tarde.

⁴Finalmente vencido por tamanha constância, condescendeu com os seus rogos e comprometeu-se a apoiar-lhe a causa diante do Pontífice.

⁵Presidia então aos destinos da Igreja de Deus o glorioso senhor papa Inocêncio III, homem douto, de brilhante eloquência, ardoroso promotor da justiça em defesa dos direitos e interesses da fé cristã. ⁶Conhecido e ponderado cuidadosamente o desejo destes homens, deu o Pontífice o seu assentimento à petição e mandou conferir-lhe a necessária legalidade. Encorajou-os depois com muitos conselhos e abençoou-os, dizendo: ⁷«Ide com Deus, irmãos, e conforme Ele se dignar inspirar-vos, assim pregai a todos a penitência. ⁸Quando o Senhor onnipotente vos fizer crescer em número e graça, voltai confiantes a dizer-mo, e eu, mais seguro ainda, maiores coisas vos confiarei»⁷².

⁹Verdadeiramente, o Senhor estava com Francisco onde quer que ele estivesse, ora encorajando-o com os seus favores, ora recreando-lhe a alma com revelações. ¹⁰Certa noite, teve ele esta visão: à beira do caminho por onde seguia, ¹¹avistou uma árvore majestosa, robusta e bela, de tronco enorme e altíssimo. ¹²Para de mais perto lhe contemplar a beleza e o porte, abeirou-se dela e, de súbito, julgou poder tocar-lhe o cimo. Imediatamente a agarrou com uma das mãos e foi o bastante para a vergar até ao chão com extrema facilidade. ¹³Era, efectivamente, o que tinha acontecido: o papa Inocêncio, que é, diríamos, a árvore mais excelsa deste mundo⁷³, tinha-se inclinado com benevolência aos rogos do bem-aventurado Francisco.

⁷² Inocêncio III, pensava talvez na pregação da Cruzada ou na luta contra os cátaros.

⁷³ Portanto, reis e imperadores, seus vassallos, dele recebia o poder, a «espada», e lhe prestava vassalagem.

CAPÍTULO XIV

**Regressa o Santo de Roma ao vale de
Espoleto e pára no caminho**

34. ¹Rejubilando com os favores e atenções de um tão grande senhor e pai, Francisco e os companheiros deram graças a Deus omnipotente, que exalta os humildes e conforta os aflitos. ²De seguida, foram visitar o túmulo de S. Pedro e, terminada a oração, deixaram Roma a caminho do vale de Espoleto. ³Caminhando, discorriam entre si acerca das graças e inumeráveis favores que o Senhor clementíssimo lhes dispensara; ⁴da distinção com que os acolhera o Vigário de Cristo, pastor benévolo e universal da Cristandade; ⁵da melhor maneira de, em comum, porem em prática os seus conselhos e ordens; ⁶da forma de observarem e guardarem a Regra com sinceridade e fidelidade; do modo digno de se conduzirem na presença do Altíssimo; ⁷e, enfim, de como a sua vida, crescendo em virtude e santidade, podia servir de exemplo aos demais.

⁸Iam os novos discípulos de Cristo assim conversando em espírito de humildade, quando o dia chegou ao seu termo.

⁹Encontravam-se nesse momento já exaustos e com fome. Era ermo o lugar, quase ninguém passava por ali e não havia onde procurar de comer, tão afastados se encontravam de qualquer povoação. ¹⁰Subitamente, porém, quis a divina Providência lhes saísse ao encontro um homem que, depois de lhes entregar um pão, se afastou em seguida. ¹¹Nenhum deles o conhecia, pelo que muito se maravilharam e uns aos outros devotamente se exortaram a confiarem cada vez mais na Providência divina. ¹²Reconfortados com aquele alimento, prosseguiram viagem até um lugar próximo de Orte e aí ficaram por espaço de quinze dias. ¹³Para terem de comer, iam alguns irmãos até à cidade, e o que podiam juntar, esmolando de porta em porta, todos o comiam irrmãmente em comum, cheios de alegria e agradecendo ao Senhor. ¹⁴Se algo so- brava e não encontravam a quem o dar, guardavam-no dentro duma cova que em tempos servira de sepultura e consumiam-no mais tarde. ¹⁵Esse lugar era deserto e abandonado, e pouca gente ou ninguém passava por ali.

35. ¹ Grande era a alegria que sentiam, quando nada possuíam que pudesse vãmente lisonjear-lhes os sentidos⁷⁴. ² Começaram assim a estreitar um pacto de aliança com a santa pobreza⁷⁵, e com ela se propunham viver para sempre e em toda a parte, tal como viviam naquele momento, tamanha era a consolação de se verem carecidos de tudo quanto o mundo avidamente cobiça. ³ E pois que, libertos de todos os cuidados terrenos, só nas coisas celestes encontravam prazer, deliberaram irrevogavelmente não mais se separarem dos braços da pobreza, por maiores que fossem as adversidades e solicitações.

⁴ Embora a amenidade do local (que bem lhes podia debilitar o vigor do espírito) os não tivesse seduzido, acharam por bem abandoná-lo, não fosse o caso de uma longa permanência suscitar neles a veleidade ou aparência de posse⁷⁶. Pelo que, seguindo o Pai, que não cabia em si de contente, entraram no vale de Esopoletto.

⁵ Sinceramente empenhados em viver em santidade e justiça, uns aos outros se interrogavam se deviam continuar entre os homens, ou retirar-se para lugares ermos⁷⁷. ⁶ Mas o Santo, que não confiava nunca em si mesmo, antes buscava em todas as decisões a inspiração divina através da oração, escolheu viver só para Aquele que morreu por todos, convencido como estava de ter sido chamado para ganhar as almas que o demónio se empenhava em perder.

⁷⁴ Tanto na vida real dos irmãos como nos escritos de S. Francisco, andavam intimamente ligadas a pobreza e a alegria (cf. Ex 27).

⁷⁵ O autor do *Sacrum Commercium* (um tanto posterior) inspirou-se talvez aqui para o título da obra. A palavra *commercium* evoca simultaneamente a ideia de *contrato* (2C 70) e de *esponsal* (2C 72).

⁷⁶ Para um franciscano, «instalar-se» equivale a apegar-se ou a apropriar-se de alguma coisa. Para Francisco, o ideal evangélico comporta princípios tão simples como estes: o mal consiste na apropriação; o bem, pelo contrário, na doação do que se possui e do que se é. (Cf. O elogio do irmão Lúcido em EP 85).

⁷⁷ Este caso de consciência aparece desenvolvido na Lm 12, 1-2. J. De Vitry (Carta I) alude a uma confirmação da solução.

CAPÍTULO XV

Fama do bem-aventurado Francisco. Conversão de muitos para Deus. Como a sua Ordem ficou a chamar-se dos «Irmãos Menores» e como eram formados os que nela entravam.

36.¹ Valoroso cavaleiro de Cristo, percorria Francisco as cidades e povoações a anunciar o Reino dos Céus, a paz, o caminho da salvação e a penitência para o perdão dos pecados, não com artifícios da sabedoria humana, mas com a virtude do Espírito.² E, como para tanto havia recebido autorização da Sé Apostólica, agia confiado e seguro, alheio a vãs considerações e lisonjas. De facto, não sabia blandiciar vícios, antes os verberava com firmeza.³ Não buscava desculpas para a vida dos pecadores: estigmatizava-os com ásperas censuras, tanto mais que ele próprio a si mesmo se impusera primeiro o que aos outros inculcava. Não temendo, portanto, ser contraditado, pregava a verdade com tal franqueza que até homens doutíssimos e de renome acolhiam admirados as suas inspiradas palavras e, em sua presença, sentiam-se penetrados de salutar temor.⁴ Homens e mulheres, clérigos e religiosos, todos acudiam pressurosos a ver e ouvir o Santo de Deus, que mais lhes parecia um homem de outro mundo⁷⁸.

⁵ Sem distinção de idade e de sexo, acorriam todos a admirar as maravilhas que o Senhor renovava no mundo por meio do seu servo.⁶ A presença ou a simples fama de S. Francisco dir-se-ia uma luz nova enviada do alto para dissipar as trevas que então invadiam a terra e a obscureciam tão densamente que já quase ninguém atinava sequer por onde caminhar.⁷ Tão profundo era em quase todos o esquecimento de Deus e dos seus mandamentos, que mal suportavam ser sacudidos do seu torpor ou desviados minimamente dos seus inveterados vícios.

⁷⁸ *Homo alterius saeculi*. Esta expressão, que reaparece mais adiante, tanto poderá significar, em retrospectiva, um homem que volta às origens, ou, em perspectiva escatológica, «um homem já dos últimos tempos» (cf. 1C 82; LM 4,5). Cf. K. ESSER, *Homo alterius saeculi*: WiW 20(1957) 180-197.

37. ¹Brilhando ele como fulgente estrela na escuridão da noite, ou como aurora vencendo as trevas⁷⁹, dir-se-ia que até o aspecto horrendo de toda aquela região se tinha modificado, adquirindo uma fisionomia nova. ²Findara a longa estiagem e já nos campos adustos vicejavam as searas. Até dos vinhedos incultos começavam a brotar os germes do bom odor de Deus; irrompendo em suavíssimas flores, davam frutos maravilhosos e saudáveis. ³Por toda a parte ressoavam hinos de louvor e acção de graças, tanto assim que muitos, deixando os cuidados do mundo e seguindo os exemplos e ensinamentos de S. Francisco, aprenderam a conhecer-se a si mesmos e a amar e respeitar o seu Criador. ⁴Nobres e plebeus, clérigos e leigos, dóceis todos à divina inspiração, procuravam o Santo na esperança de militarem para sempre com ele, sob a sua orientação e magistério. ⁵E a todos, qual manancial caudaloso da graça celeste, ele fecundava com as águas vivificantes que fazem desabrochar as flores da virtude no jardim do coração. ⁶Ele foi, na verdade, o glorioso artífice e mestre da vida evangélica: graças ao seu exemplo, à sua Regra e aos seus ensinamentos, a Igreja de Cristo vai-se renovando nos seus fiéis, homens e mulheres, e triunfa a tríplice milícia dos eleitos⁸⁰.

⁷A todos propôs uma regra de vida e indicou o caminho da salvação, segundo as peculiares condições de cada qual.

38. ¹É agora o momento de concentrarmos a atenção sobre a Ordem que Francisco suscitou com o seu amor e vivificou com a sua profissão.

²Foi ele, com efeito, quem fundou a Ordem dos Irmãos Menores e lhe conferiu esse nome nas circunstâncias que seguidamente se referem: ³Estavam a ser escritas na Regra estas palavras: «E sejam menores»⁸¹, quando, apenas as ouviu, exclamou de imediato: «Quero que a nossa Fraternidade se chame dos Irmãos Menores».

⁷⁹ Estas imagens, inspiradas em várias passagens bíblicas e litúrgicas, foram tiradas do discurso pronunciado por Gregório IX na canonização de S. Francisco. Cf. 1C 125.

⁸⁰ Alusão às três classes da Igreja (clérigos, religiosos e leigos), ou às três Ordens franciscanas (Frades Menores, Clarissas, Terceiros).

⁸¹ Cf. 2C 18. 71. 148.

⁴E, realmente, menores eram porque a todos submetidos⁸², buscando sempre o último lugar e os ofícios a que estivesse ligada alguma humilhação⁸³a fim de merecerem, fundamentados na verdadeira humildade, sobre ela erguer o edifício espiritual de todas as virtudes.

⁵De facto, foi sobre este sólido alicerce que se levantou o nobre edifício da caridade: pedras vivas de toda a parte reunidas, serviram para a construção do templo do Espírito Santo. ⁶Como era ardente o amor fraterno dos novos discípulos de Cristo! Que robustos os laços que os prendiam à família religiosa! ⁷Sempre que juntos se viam em algum lugar, ou casualmente se encontravam pelo caminho, mais viva irrompia neles a chama do amor espiritual, o único amor capaz de fundir uma autêntica fraternidade. ⁸E era de ver como o testemunhavam nos abraços fraternos, no conversar ameno, nos semblantes festivos, no porte humilde, no falar cortês e atencioso, na total unanimidade de vontades, na disponibilidade pronta, infatigável e recíproca.

39.¹Desprezadas as coisas terrenas e imunizados contra as tentações do amor próprio, centravam todo o afecto na comunidade, pelo que todos porfiavam na doação de si mesmos para acorrerem às necessidades dos irmãos. ²Eram felizes quando podiam reunir-se e, mais ainda, quando juntos viviam. A ausência, pelo contrário, era-lhes penosa; amarga a separação, doloroso o adeus.

³Nada, porém, esses obedientíssimos soldados de Cristo ousavam antepor aos preceitos da santa obediência. Antes mesmo que a palavra de ordem fosse pronunciada até ao fim, já eles se antecipavam a cumpri-la. ⁴Eram incapazes de discutir as ordens recebidas, antes, removendo todos os obstáculos, precipitavam-se a dar-lhes cumprimento.

⁵E, pois eram seguidores fiéis da santíssima pobreza⁸⁴, nada possuíam, a nada se apegavam e nada recebavam perder. ⁶Contentavam-se com uma só túnica, remendada às vezes por

⁸² Cf. T 19.

⁸³ No texto original: *injúria*: situação tornada difícil quer pelas exigências do emprego, quer pelo rigor das intempéries, quer ainda pela tirania do patrão.

⁸⁴ Expressão inspirada na 2R 5,5.

dentro e por fora⁸⁵, e, mesmo assim, tão pobre e desprezível a queriam, que todos vissem estarem verdadeiramente crucificados para o mundo. ⁷Cingiam-se com uma corda, usavam bragas de rude pano e era seu propósito permanecerem naquele estado e não terem outro. ⁸Por isso, andavam sempre serenos, sem temores que os inquietassem, nem afãs que os distraíssem. Nem os angustiava sequer a incerteza do abrigo onde passar a noite, por grandes que tivessem sido os incómodos padecidos em viagem. ⁸Frequentemente, em tempo de frio rigoroso, não encontrando hospitalidade, pernoitavam anichados em alguma gruta ou forno⁸⁶.

⁹Durante o dia, os que sabiam algum ofício trabalhavam com suas próprias mãos⁸⁷, ou assistiam aos leprosos, a todos servindo com dedicação e humildade. ¹⁰Ocupações que pudessem ser motivo de escândalo⁸⁸ eram recusadas, pelo que se entregavam somente a trabalhos honestos e úteis, dando exemplo de humildade e de paciência a quantos com eles tratavam.

40. ¹De tal modo privilegiavam a paciência, que preferiam encontrar-se onde tivessem de sofrer perseguição, e não onde, conhecida e louvada a sua virtude, pudessem fruir das boas graças do mundo. ²Frequentemente injuriados, vilipendiados, espancados, desnudados, manietados e encarcerados, tudo suportavam virilmente, sem tentarem a mínima defesa. Pelo contrário, de suas bocas não saía senão a voz do louvor e da acção de graças.

³Poucas vezes, ou nunca, deixavam de orar e louvar o Senhor. Examinando cada uma das suas acções, agradeciam a Deus o bem realizado e choravam amargamente as negligências e culpas co-

⁸⁵ T 16-17. No entanto, em razão da dilatação da Ordem, a 2R (2,14) admite o uso de uma túnica suplementar para os irmãos de saúde delicada ou de clima rigoroso.

⁸⁶ Eram muitos os burgos que, em Itália, possuíam forno comunal. Eventualmente, serviam de abrigo a pastores e caminheiros. Idêntica acepção tem este vocábulo nalgumas regiões do nosso país.

⁸⁷ 1R 7; 2R 5.

⁸⁸ Evitavam designadamente o ofício de ecónomos e as ocupações em companhia de mulheres e de cátaros. A 1R 7 proíbe também os empregos de mordomo, de chanceler e de todo o ofício que implique posição de relevo numa casa, acrescentando: «e sejam submissos a todos os da mesma casa».

metidas. ⁴Quando, na oração, não sentiam as consolações habituais, julgavam-se abandonados de Deus. ⁵Para não se deixarem surpreender pelo sono durante a sua longa oração, recorriam a vários expedientes: ⁶uns agarravam-se a cordas suspensas, outros utilizavam instrumentos de penitência, de ferro ou de madeira⁸⁹. ⁷Se alguma vez lhes parecia terem sido menos sóbrios, quer por terem comido ou bebido suficientemente, quer por terem ultrapassado, pouco embora, devido ao cansaço da viagem, a medida da estrita necessidade, castigavam-se asperamente com uma abstinência de vários dias. ⁸Reprimiam os incentivos da carne com tanto rigor, que não hesitavam em se atirar nus para o gelo ou em se flagelar com espinheiros até se tingirem de sangue⁹⁰.

41. ¹Tanto desprezo lhes mereciam os bens terrenos, que só a custo consentiam o indispensável para viver, e, habituados a recusarem as mais pequenas comodidades, não os assustavam as mais duras privações.

²Sendo embora tão severos consigo mesmos, eram sempre irrepreensíveis e pacíficos no trato com os demais; exercitavam-se em obras de mansidão e de paz, e evitavam com esquisita diligência escandalizar quem quer que fosse. ³Falavam somente quando era necessário e de suas bocas jamais saíam palavras chocarreiras ou ociosas. Nada podia encontrar-se em suas vidas e obras que não fosse honesto e recto. ⁴Das suas atitudes transparecia sempre compostura e modéstia, e de tal modo mortificavam os sentidos que não se permitiam ver nem ouvir senão o que era essencial e forçoso. Se tinham os olhos na terra, a mente pairava-lhes no céu. ⁵Invejas, malevolências, rancores, murmurações, suspeitas, aze-dumes, não tinham neles cabimento. Reinava entre todos uma grande concórdia, uma constante serenidade, um mesmo fervor na acção de graças e no louvor a Deus.

⁸⁹ S. Francisco teve, por vezes, de lhes entravar o entusiasmo com que se entregavam a semelhantes práticas. Cf. 2C 21.

⁹⁰ Processos habitualmente usados pelos anacoretas. Celano recorre, neste caso, a uma expressão de São Gregório (*Diálogos II* 2). Diz ele de São Bento que, para vencer a tentação, «se lançou a um espinheiro, donde saiu com as carnes dilaceradas».

⁶Estes os princípios em que Francisco educava os seus novos filhos. Não eram meras palavras as suas; era o exemplo da própria vida.

CAPÍTULO XVI

A sua morada em Rivotorto e a observância da Pobreza

42. ¹Costumava o bem-aventurado Francisco recolher-se com os companheiros num lugar próximo de Assis, chamado Rivotorto⁹¹. ²Havia ali uma choupana abandonada e nela viviam felizes e protegidos das intempéries esses desprezadores das grandes e luxuosas moradias. ³Acertada escolha essa, de resto, pois, como dizia um santo, mais depressa se sobe ao céu de uma choupana que de um palácio⁹².

⁴Pai e filhos assim viviam juntos, padecendo incómodos e privações, não sendo raro faltar-lhes o pão e terem como único alimento algum braçado de nabos, penosamente esmolados aqui e além, na planície de Assis. ⁵Tão acanhada era a cabana que só a custo podiam estar sentados ou estendidos no chão. Todavia, «ninguém murmurava ou se queixava, antes conservava cada qual perfeita jovialidade de espírito e inalterável paciência».

⁶Todos os dias, para não dizer continuamente, Francisco entregava-se ao exame de si mesmo, e outro tanto queria dos irmãos, a fim de que nada perdurasse neles de mundano e fossem evitadas negligências. ⁷Era particularmente rigoroso e vigilante consigo próprio, e se, como é natural, o assaltavam as tentações da carne, arrojava-se para dentro de um poço de água gelada, quando era Inverno, e nele permanecia até se extinguirem os estímulos da carne. ⁸Este admirável exemplo de penitência era fervorosamente seguido pelos demais.

⁹¹ Localidade cujo nome lhe advém da tortuosidade do regato que nela passa. Corresponde ao sítio onde está implantada a actual igreja de Rivotorto.

⁹² Sentença atribuída por Pedro Cantor a um ermitão (*Verbum abbreviatum*: PATROLOGIA LATINA 205, p. 257).

43. ¹Ensinava-lhes não só a combaterem os vícios e a mortificarem a carne, como a conservarem puros os sentidos exteriores, pelos quais entra a morte na alma.

²Aconteceu por aqueles dias passar por ali, com grande pompa e clamor, o imperador Otão, a caminho de Roma, a fim de receber a coroa imperial⁹³. Estando o santíssimo Pai e os companheiros na aludida cabana, junto ao caminho por onde ele havia de passar, não só não saiu a vê-lo, como não consentiu que alguém o fizesse, ³a não ser quem ele encarregou de anunciar com firmeza ao imperador que haviam de ser bem efêmeras tanta glória e espanto⁹⁴.

⁴Tendo o glorioso Santo preparado em seu interior uma habitação digna de Deus, e vivendo e movimentando-se nos amplos espaços do coração, ⁵jámais o ruído exterior conseguia cativar-lhe os ouvidos, ou voz alguma interromper a grande obra que trazia entre mãos. ⁶Sentia-se revestido da autoridade apostólica e, portanto, resistia em absoluto a adular príncipes e reis.

44. ¹Buscava constantemente a santa simplicidade e não permitia que a exiguidade do lugar impedisse a expansão do espírito. ²Por isso, escreveu o nome dos irmãos no travejamento do casebre, para que, desejando eles orar ou descansar, reconhecesse cada qual o seu lugar e não fosse a estreiteza do espaço impedimento para a concentração do espírito.

³Estavam eles na cabana, quando, certo dia, lhes apareceu um almocreve mais o seu jumento, para nela se acoitarem.

Receando ser dali corrido, o almocreve incitava o animal a entrar, dizendo: «Anda, enfia para aí, que para alguma coisa há-de servir o pardieiro!» ⁴Entristeceu-se Francisco ao ouvir tal coisa, pois adivinhou logo o pensamento do homem. De facto, julgava o aldeão que os frades quisessem instalar-se ali e ampliar, com alguma outra cabana, a já existente. ⁵Imediatamente S. Francisco abandonou o lugar e foi para um outro sítio não longe dali, cha-

⁹³ O imperador Otão IV (1198-1218) atravessou o ducado de Espoleto nos últimos dias de Setembro de 1209. Mas é provável que o caso aqui referido tenha ocorrido em 1210, durante uma outra viagem de Otão.

⁹⁴ Coroado em Roma no dia 4 de Outubro de 1209, Otão IV foi destituído por Inocêncio III em 18 de Novembro de 1210.

mado Porciúncula, onde, como já dissemos, tinha restaurado, tempos atrás, a igreja de Santa Maria. ⁶ Não queria ter propriedade sobre coisa alguma, para tudo possuir plenamente no Senhor.

CAPÍTULO XVII

O bem-aventurado Francisco ensina os Irmãos a rezar. Obediência e pureza dos mesmos.⁹⁵

45. ¹ Por aqueles dias pediram-lhe os irmãos houvesse por bem ensiná-los a orar, já que, simples de espírito como eram, não conheciam ainda o Ofício litúrgico. Respondeu-lhes ele: ² «Quando orardes, dizei: «Pai nosso»⁹⁶ e «Nós Te adoramos, Jesus Cristo, em todas as igrejas que estão por todo o mundo e Te bendizemos porque, pela Tua santa cruz, remiste o mundo»⁹⁷. ³ Diligenciavam os irmãos, discípulos de tão piedoso mestre, observar tudo com a maior perfeição, pois punham o máximo empenho em cumprir não só aquilo que o bem-aventurado Pai lhes dizia quando os aconselhava fraternalmente ou lhes dava alguma ordem, como procuravam antecipar-se aos seus mais secretos desejos, se logravam adivinhá-los.

⁴ Ensinava-lhes o mesmo bem-aventurado Pai que o verdadeiro obediente respeita por igual os pensamentos como as palavras expressas, e os desejos não menos que as ordens.

⁵ Quer dizer: «Se um frade súbdito, antes de ouvir a palavra do superior, lhe adivinha a intenção, deve dispor-se a obedecer prontamente e a fazer tudo aquilo que, a partir do mais pequeno indicio, julga ser sua vontade». ⁶ Fiéis à exortação de Francisco, sempre que passavam perto de alguma igreja ou apenas a divisavam ao

⁹⁵ Tal como ficará esclarecido no final do capítulo, trata-se aqui da «pura e santa simplicidade», a mesma que S. Francisco exaltava na saudação às virtudes, como irmã da sabedoria.

⁹⁶ Cf. A Paráfrase do Pai-Nosso. Tanto S. Francisco como os seus irmãos mantiveram o costume de a recitar antes de cada hora do ofício coral; desta forma, o louvor oficial da Igreja não suplantou a oração espontânea dos primeiros irmãos. Ver também Introdução p. 50.

⁹⁷ Cf. T 5.

longe, prostravam-se por terra nessa mesma direção e adoravam o Senhor onipotente, dizendo: «Nós Te adoramos, ó Cristo, aqui e em todas as igrejas». ⁷ E, coisa não menos digna de admiração, isto faziam sempre que viam uma cruz ou alguma forma dela, fosse no chão, numa parede, numa árvore ou nas sebes dos caminhos.

46. ¹ Cheios de santa simplicidade, inocência e pureza de coração, detestavam toda a duplicidade, e assim como neles era una a fê, uno era o espírito, una a vontade e una a caridade, de modo que a união das almas se operava pela semelhança de vida, pela prática das virtudes, pela identidade e harmonia dos pensamentos e pela generosidade das acções.

² Com frequência confessavam os seus pecados a um sacerdote secular, tristemente conhecido e digno do desprezo de todos por causa da sua depravada conduta. Eles, porém, não querendo acreditar no mal que dele se dizia, continuaram a confessar-lhe os pecados e a prestar-lhe a devida reverência⁹⁸. ³ Aconteceu, até, que esse sacerdote, ou talvez um outro, disse um dia a um deles: «Irmão, não sejas hipócrita!» ⁴ Sem mais, apoiado apenas na palavra do sacerdote, acreditou o irmão ser de facto um hipócrita, e tanta foi a dor que disso lhe veio que não conseguia ter paz nem de dia nem de noite. ⁵ Ao perguntarem-lhe os irmãos o motivo de tão insólita aflição e tristeza, respondeu-lhes: «Um sacerdote disse-me isto, e fiquei tão perturbado que não consigo pensar noutra coisa». ⁶ Para o consolar, exortaram-no a não dar fê a tais palavras, mas ele replicava: ⁷ «Que dizeis, irmãos? Foi um sacerdote que mo disse, e um sacerdote pode acaso mentir?» ⁸ Portanto, como um sacerdote não mente, temos de acreditar ser verdade o que ele me disse». ⁹ E assim continuou largo tempo nesta simplicidade, até que o bem-aventurado Pai o tranquilizou, explicando-lhe as palavras do sacerdote e desculpando-lhe as intenções, com inteligente propósito.

¹⁰ Dificilmente podia haver em algum irmão turbacção interior tão grande que não se dissipasse como nuvem ante a palavra ardente do Pai e não recuperasse a serenidade.

⁹⁸ Cf. T 6. 7. 9.

CAPÍTULO XVIII

O carro de fogo e como o bem-aventurado Francisco, mesmo ausente, estava com os seus irmãos

47.¹ E pois caminhavam com simplicidade diante de Deus e com segurança diante dos homens, mereceram por esse tempo os irmãos a graça de uma revelação sobrenatural. ² Certa noite, inflamados pelo fogo do Espírito Santo, estavam eles a cantar o Pai-Nosso sobre uma melodia religiosa (o que faziam não só nas horas prescritas, como em qualquer altura, pois não tinham cuidados terrenos), quando, de um momento para o outro, o bem-aventurado pai Francisco se ausentou deles corporalmente. ³ E, estando ele ausente, eis que, por volta da meia-noite, enquanto alguns irmãos descansavam e outros oravam fervorosamente em silêncio, entrou pela pequena porta um carro de extrema luminosidade, o qual deu três voltas ao interior transportando um enorme globo, semelhante a um sol que iluminava as trevas nocturnas. ⁴ Penetrados no corpo e no espírito por aquela luz, atónitos ficaram os que estavam de vela e sobressaltados acordaram os que dormiam. ⁵ Face ao acontecido, reagruparam-se todos e, interrogando-se quanto ao significado do misterioso fenómeno, verificaram, surpreendidos, que, por força e graça daquela claridade, via cada qual perfeitamente a consciência do outro.

⁶ Compreenderam finalmente ser aquele sol a alma do santo Pai radiante de singular esplendor, a qual, mercê sobretudo da sua pureza e solicitude paterna, merecera do Senhor esse tão extraordinário dom.

48.¹ Já frequentes vezes tinham eles podido comprovar, por sinais manifestos, não estarem os segredos de suas almas ocultos aos olhos do santíssimo Pai. ² De facto, quantas vezes, só por revelação do Espírito Santo, ele teve conhecimento dos trabalhos dos irmãos ausentes e lhes penetrou o coração e a consciência! ³ A quantos revelou em sonhos o que deviam fazer ou evitar! A quantos, que pareciam rectos exteriormente, predisse um futuro de perdição, ao passo que a outros, antevendo o termo de suas obras pecaminosas,

anunciou a graça da salvação! ⁴Algun, até, particularmente puro e simples, desfrutou da singular consolação de o poder contemplar de um modo que a outros não fora dado anteriormente.

⁵Entre vários factos, referirei este, de que tive conhecimento por testemunhas fidedignas. ⁶O irmão João de Florença, eleito por S. Francisco ministro dos Menores na Provença, tinha convocado os seus frades a capítulo⁹⁹. Concedeu-lhe o Senhor Deus, em Sua bondade, a graça de falar com tanto zelo que todos o ouviam com atencioso e benévolo acolhimento. ⁷Estava presente, entre eles, um irmão sacerdote, Monaldo de seu nome, particularmente famoso pela sua vida virtuosa, fundada na humildade, corroborada pela oração frequente e defendida pelo escudo da paciência. ⁸Presente a esse capítulo estava também Frei António¹⁰⁰, a quem Deus havia dado o entendimento das Sagradas Escrituras e feito a graça de pregar Cristo ao mundo inteiro com palavras mais doces que o mel. ⁹Ora sucedeu que, estando o irmão António a pregar aos frades com fervor e devoção acerca de «Jesus Nazareno, Rei dos Judeus», o dito frei Monaldo, olhando na direcção da porta do recinto onde estavam reunidos, viu com os olhos do corpo o bem-aventurado Francisco suspenso no ar, os braços estendidos em cruz e a mão direita erguida no gesto de abençoar os irmãos. ¹⁰E todos os presentes, por se haverem sentido singularmente penetrados da consolação do Espírito Santo e cheios de gozo salutar, acharam muito digno de fé o relato da aparição do gloriosíssimo Pai.

49. ¹Quanto ao conhecimento que ele tinha dos segredos dos corações, entre as inúmeras provas que muitos puderam recolher, reportarei uma, indubitável sob todos os aspectos. ²Um frade, de nome Ricério, nobre pela sua linhagem, e mais ainda pelos costumes¹⁰¹, verdadeiro amante de Deus e desprezador de si mesmo, tinha o piedoso desejo e a firmíssima vontade de ganhar e possuir

⁹⁹ Referência ao Capítulo de Arles, realizado em 1224. O ministro provincial era frei João Bonelli de Florença.

¹⁰⁰ É Santo António de Lisboa. Nascido em 1195, em Lisboa, admitido à Ordem em 1220.

¹⁰¹ Cf. 2C 44 b. Aí se refere este episódio com poucas variantes.

a plena benevolência do santo pai Francisco, mas, por outro lado, temia que o Santo o detestasse secretamente, assim o privando do seu afecto.³ Sustentava este frade, assaz timorato, que todo aquele que desfrutasse de um amor particular de S. Francisco mereceria igualmente a divina graça, e, pelo contrário, incorreria na condenação do divino Juiz quem não fosse por ele acolhido com benevolência e amizade.⁴ Mas a ninguém revelava este seu inquietante pensamento.

50.¹ Um dia, porém, enquanto o bem-aventurado Pai rezava na cela e esse frade, às voltas com tal ideia fixa, lhe rondava a porta, advertiu o santo de Deus aquela presença e a grave inquietação que trazia na alma.² Imediatamente o chamou e lhe disse: «Filho, não te deixes abater pela tentação. Nenhum pensamento te angustie. Eu quero-te muito, e tanto, que és daqueles que mais dignos são do meu afecto.³ Vem ter comigo confiadamente sempre que desejes, e fala-me com familiaridade, como a um amigo». ⁴ Ficou o irmão extremamente maravilhado e, desde esse momento, tomado da maior veneração, quanto mais amado se sentia por S. Francisco, tanto mais se lhe dilatava a confiança na misericórdia divina.

⁵ Que dolorosa deve ser a tua ausência, Pai santo, para aqueles que já não esperam encontrar na terra ninguém mais a ti semelhante! ⁶ Ajuda-nos com a tua intercessão, pois andamos envolvidos nas trevas do pecado. ⁷ Quando em ti habitava o Espírito que anima os justos, previas o futuro, conhecias o presente e, apesar disso, tu nos aparecias sempre envolto no manto da santa simplicidade, a fim de afugentares de ti toda a espécie de vanglória.

⁸ Mas voltemos atrás, para retomarmos a ordem histórica da narração.

CAPÍTULO XIX

Solicitude pelos Irmãos. O desprezo de si mesmo. A verdadeira humildade.

51.¹ Voltou o beatíssimo varão Francisco corporalmente para junto dos seus irmãos, dos quais, como se disse, jamais se afastara em espírito.² Santamente interessado em conhecer a alma dos seus

filhos, submetia a diligente exame a conduta de cada um deles, nada deixando sem correcção, se algo descobria de menos perfeito. ³Fixava primeiramente a atenção sobre as faltas espirituais, julgava depois as exteriores e, por último, tratava de remover as ocasiões que habitualmente conduzem ao pecado.

⁴Reservava uma solicitude muito particular para a senhora santa Pobreza e queria que ela dominasse como verdadeira senhora, a ponto de não tolerar o mais insignificante objecto ou utensílio que pudesse ser dispensado, pois temia se introduzisse o hábito de confundir o necessário com o supérfluo. ⁵Costumava dizer que era impossível satisfazer a necessidade, sem condescender com o prazer. ⁶Raramente consentia em comer carne cozida e, quando tinha de a aceitar, ou a aspergia com cinza ou a tornava insípida com água fria. ⁷Quantas vezes, andando ele pelo mundo a pregar o Evangelho de Deus, e sendo convidado para a mesa dos grandes senhores, que o veneravam com entranhado afecto, ele se limitava a ingerir um pouco de carne para observar a palavra evangélica de Cristo¹⁰², mas depois, fingindo continuar a comer, escondia o resto no regaço, ao mesmo tempo que levava a mão à boca para que ninguém suspeitasse que não comia! ⁸E que dizer do vinho, se nem bebia a água suficiente, quando atormentado pela sede?

52. ¹Onde quer que se hospedasse de noite, não consentia nem colchão nem roupa: estendia a túnica no pavimento e sobre ela se deitava. ²Quando concedia ao frágil corpo o favor do sono, dormia muitas vezes sentado, e, quando se deitava, fazia-o na forma indicada, utilizando como travesseiro um pedaço de madeira ou uma pedra.

³Se alguma vez, como a todos acontece, lhe vinha o apetite de comer, só a custo se permitia satisfazê-lo. ⁴Sucedeu certa ocasião que, estando doente, comeu um bocado de galinha. Ganhando forças para caminhar, foi até Assis. ⁵Ao chegar à porta da cidade, pediu ao irmão que o acompanhava lhe atasse uma corda ao pes-

¹⁰² Lc 10, 7: *Comei o que vos apresentarem*, recomendação incluída na 1R 3, 13 e 2R 3, 14.

coço e o levasse como a um ladrão pelas ruas e praças, clamando como um pregoeiro: «Aqui vai um refinado comilão! Alambazou-se com carne de galinha, julgando que ninguém havia de saber!»⁶ Ante semelhante espectáculo, muitos exclamaram entre lágrimas e suspiros: «Ai de nós, desgraçados, que toda a vida nos temos regalado, saciando o corpo e o coração com luxúrias e bebedeiras!»⁷ E assim compungidos, ante exemplo tão singular, sentiam-se compelidos a mudar de vida¹⁰³.

53.¹ Gestos como este, repetia-os ele amiúde, mas, à força de tanto se desprezar, induzia os outros a tributarem-lhe um amor imperecível.

²A si mesmo se tinha como coisa desprezível e, liberto dos vãos temores e cuidados do corpo, expunha-se a toda a espécie de maus tratos, preocupado sempre, por amor d'Ele, em se não deixar vencer pela cupidez dos bens materiais. ³Mestre consumado no desprezo de si mesmo, com palavras e obras a todos ensinava a desprezarem-se também. Encomiado por todos, por todos exaltado, só ele se considerava um ser vilíssimo e objecto de desprezo.

⁴Quando o exaltavam, sentia-se tão profundamente ferido que, frequentemente, para contrapesar o louvor, encarregava alguém de o maltratar e insultar. ⁵As mais das vezes, chamava um irmão e dizia-lhe: «Mando-te por obediência que me injuries sem contemplação e me digas a verdade contra a falsidade destes que me louvam». ⁶E quando este irmão, sabe Deus com que vontade, lhe chamava vilão, mercenário e parasita, ele, sorrindo e aplaudindo, respondia: ⁷«Senhor, eu Te bendigo, porque dizes a verdade e falas como convém ao filho de Pedro Bernardone». E assim, com tais palavras, lembrava ele a humildade da sua origem.

54.¹ No propósito de provar que, na verdade, era digno de desprezo, e dar aos demais exemplo de confissão sincera, não se coibia de confessar publicamente, com a maior sinceridade, durante a pregação ao povo, alguma falta porventura cometida. ²Mais: se lhe sucedia pensar mal de alguém, ainda que minimamente, ou lhe

¹⁰³ Cf. EP cap. 61.

fugia, sem reflectir, alguma censura um pouco mais viva, logo confessava com toda a humildade a sua culpa àquele a quem ou-sara recriminar e pedia-lhe perdão.³ Embora de nada se pudesse censurar, pela vigilância que sobre si mesmo exercia, a consciência não lhe dava paz, enquanto não via a chaga da alma inteiramente curada.⁴ Não lhe agradava que alguém se apercesse dos progressos que fazia quando se propunha realizar alguma coisa, exactamente para evitar ser admirado ou cair na tentação da vanglória.

⁵Pobres de nós, que te perdemos, Pai santo, exemplar de todo o bem e de toda a humildade! Por justa condenação te perdemos, pois vivendo tu connosco não nos preocupámos em te conhecer.

CAPÍTULO XX

Desejando o martírio, dirige-se primeiro a Espanha e, depois, à Síria. Por sua mediação multiplica Deus os víveres e salva os navegantes em um naufrágio.

55.¹ Inflamado no amor divino, sentia-se o beatíssimo Pai impelido para cometimentos cada vez maiores e, do mesmo passo, prosseguindo com amor generoso o caminho da vontade do Senhor, suspirava por alcançar o cume da perfeição.

²No sexto ano da sua conversão¹⁰⁴, ardendo ele em veementes anseios de martírio, resolveu partir para a Síria, a pregar a fé e a penitência aos sarracenos e demais infieis.³ Nesse intento, para lá embarcou, mas os ventos adversos desviaram a rota atirando com a embarcação para as costas da Esclavónia¹⁰⁵.⁴ Vendo-se defraudado em tão vivos desejos e não havendo nesse ano nenhum outro barco com destino à Síria, pediu a uns marinheiros que se dirigiam para Ancona o admittissem em sua companhia.⁵ Mas como se recusassem rotundamente a fazê-lo, dada a insuficiência dos mantimentos, confiou-se à amorosa bondade do Senhor e escondeu-se na embarcação juntamente com os companheiros.⁶ Ora sucedeu que, mo-

¹⁰⁴ Provavelmente em 1212.

¹⁰⁵ A actual Dalmácia. Tendo partido de Ancona, S. Francisco não tinha percorrido mais de 150 quilómetros.

vido pela Providência divina, se apresentou ali um homem de todos desconhecido, o qual entregou a um dos marinheiros, homem temente a Deus, as provisões que trazia consigo, dizendo: «Toma estas coisas e, quando forem precisas, entrega-as escrupulosamente a esses pobres que aí estão escondidos no barco».⁷ Aconteceu então que, sobrevindo furiosa tempestade, e fazendo esta prolongar os dias de navegação, os marinheiros esgotaram os víveres e outros não restavam além dos que possuía o pobrezinho de Assis.⁸ Mas estes de tal forma se multiplicaram que, dilatando-se a viagem por mais dias, todos tiveram comida em abundância e puderam alcançar o porto de Ancona.⁹ Vendo-se a salvo dos perigos do mar por mediação do servo de Deus, os marinheiros renderam graças ao Onipotente, sempre admirável e misericordioso para com os seus servos.

56.¹ Deixando o mar, pôs-se o servo do Altíssimo a percorrer a terra, a sulcá-la com o arado da palavra de Deus e a semear nela a semente da vida que dá frutos de salvação.² Imediatamente muitos homens dignos e generosos, clérigos e leigos, deixando o mundo e furtando-se virilmente às ciladas do demónio, abraçaram devotamente o seu teor de vida, tocados pela graça e vontade do Altíssimo.³ Todavia, produzindo embora, à semelhança da árvore evangélica, frutos abundantes e saborosos, eles não bastaram para fazer extinguir em Francisco o sublime e ardente anseio do martírio.⁵ E, assim, pouco tempo decorrido, empreendeu uma viagem a Marrocos, a fim de anunciar a Boa Nova ao Miramolim e a seus correlegionários¹⁰⁶.⁶ Tão veemente desejo o movia que, por vezes, impedido por aquela embriaguês de espírito, querendo acelerar a realização dos seus intentos, chegava a deixar para trás o companheiro de viagem.⁷ Mas a bondade do Senhor, a quem benignamente aprouve lembrar-se de mim¹⁰⁷ e de muitos outros, saiu-lhe ao caminho e deu outro curso às coisas. Efectivamente, ao chegar a Espa-

¹⁰⁶ S. Francisco tomou, provavelmente, o caminho de Santiago.

¹⁰⁷ O começo do parágrafo seguinte dá-nos a entender que Tomás de Celano fez parte de um grupo de nobres e letrados, que teve a insigne honra de receber o hábito das mãos do seráfico Pai. Uma alusão pessoal deste género é tanto mais preciosa, quanto mais rara é na obra de Celano.

nha, é atingido por uma enfermidade e vê-se forçado a interromper a viagem.

57.¹ De volta a Santa Maria da Porciúncula, procuraram-no pouco depois alguns nobres e homens de letras, desejosos de a ele se juntarem.² Com grande nobreza de alma e um raro sentido das situações, soube recebê-los com honra e dignidade, dando a cada qual o que lhe era devido.³ Dotado de singular discernimento tinha sempre em conta o valor e posição de cada um.

⁴ Porém, não conseguia ter paz. Queria era levar a feliz termo, com tentativas mais audaciosas ainda, o grande sonho da sua alma.⁵ Por isso, no décimo terceiro ano da sua conversão, partiu para a Síria com um companheiro¹⁰⁸ e, embora recrudescesse de dia para dia a guerra entre cristãos e sarracenos, não temeu apresentar-se diante do Sultão¹⁰⁹.

⁶ Quem poderá descrever a firmeza e coragem com que se terá mantido na sua presença, o acento que terá posto nas suas palavras, a eloquência e segurança com que terá respondido aos que injuriavam a lei de Cristo?⁷ Antes de chegar ao Sultão, caíram sobre ele os seus sicários e cobriram-no de insultos e açoites. Nada, porém, o assustava: nem a ameaça de maiores suplícios, nem a proximidade da morte.⁸ E se é certo que muitos o atacaram com ódio brutal, o Sultão, pelo contrário,⁹ acolheu-o com as maiores honras e cumulou-o com toda a espécie de presentes e favores, na tentativa de o converter ao espírito do mundo.¹⁰ Ele, porém, tudo recusava decididamente, como a lixo e imundície.¹¹ Estupefacto, o Sultão olhava-o como a um homem distinto dos demais e,¹² intensamente comovido com as suas palavras, escutava-o com sumo prazer.¹³ Manifestamente, contudo, o Senhor não quis atender aos desejos do Santo, pois lhe reservava o privilégio duma graça singular¹¹⁰.

¹⁰⁸ Frei Iluminado, como informa São Boaventura (LM IX, 8).

¹⁰⁹ Provavelmente, S. Francisco encontrou-se com o Sultão Malek-el-Kamel na trégua estabelecida entre fins de Agosto e fins de Setembro de 1219.

¹¹⁰ Cf. Mais adiante n. 91.

CAPÍTULO XXI

**Francisco prega aos pássaros e todas as criaturas
lhe obedecem**

58.¹ Enquanto, como já se disse, ia aumentando o número dos irmãos, percorria Francisco o vale de Espoleto.² Chegado perto de Bevanha, viu reunido um bando enorme de aves das mais diversas espécies: pombos bravos, gralhas e fouvos¹¹¹.

³ Ao vê-las, o bem-aventurado servo de Deus Francisco, homem de grande sensibilidade e singular ternura pelas criaturas irracionais e inferiores, correu alegremente para elas, deixando no caminho os companheiros.⁴ E estando já perto, vendo que elas o esperavam, saudou-as como era seu costume¹¹².⁵ Notando com espanto que elas não fugiam, como sempre fazem, com imenso gozo e humildade lhes pediu se dignassem escutar a palavra de Deus.⁶ Entre outras coisas, disse-lhes: «Avezinhas, minhas irmãs, muito tendes que louvar o vosso Criador e amá-l'O de contínuo, já que vos deu penas para vos cobrir, asas para voar e tudo o mais de que haveis mister.⁷ Fez-vos nobres entre as demais criaturas e deu-vos por morada a limpidez do espaço. Não semeais nem colheis e, apesar disso, Ele vos protege e guia, libertando-vos de preocupações». ⁸ Ao ouvirem estas palavras, as avezinhas – segundo ele próprio contava, assim como os irmãos que estiveram presentes – manifestavam a sua alegria conforme podiam: alongando o pescoço, espanando as asas, abrindo o bico e olhando para ele.⁹ E ele, passando pelo meio delas, ia e vinha, roçando com a túnica em suas cabecitas e corpos.¹⁰ Por fim, abençoou-as e, feito o sinal da cruz, deu-lhes licença para seguirem à sua vida,¹¹ indo também ele à sua, com os companheiros, cheio de alegria e louvando o Senhor, a quem todas as criaturas veneram com tão devotas manifestações.¹² Como era homem simples, não por natureza mas pela graça, grandemente se lastimava de haver sido tão negligente, pois tendo os pássaros escutado com tanta devoção a divina palavra, ainda lhes não tinha pregado até esse momento.¹³ Desse dia em diante

¹¹¹ *Fouvos*: Corvos de um negro brilhante com reflexos purpúreos.

¹¹² «O Senhor vos dê a paz»; cf. N. 23.

começou ele a exortar todas as aves, todos os animais, todos os répteis, e até as criaturas inanimadas, a louvarem e a amarem o Criador, já que, por experiência própria, diariamente comprovava como lhe obedeciam quando invocava o nome do Senhor.

59. ¹Um dia, chegou a uma aldeia chamada Alviano para pregar a palavra de Deus. Subindo a uma pequena elevação para que todos o vissem, pediu silêncio. ²E estando todos calados em reverente expectativa, um bando enorme de andorinhas que por ali tinham seus ninhos chilreava estrepitosamente em redor. ³Não conseguindo fazer-se ouvir do povo, tão grande era a algazarra, dirigiu-lhes a palavra nestes termos: «Minhas irmãs andorinhas, é agora a minha vez de falar, pois já haveis falado o suficiente. Ouvi então a palavra de Deus e estai quietas e caladas, enquanto eu falo». ⁴E as andorinhas, ante o pasmo dos presentes, imediatamente emudeceram e assim se quedaram em seus lugares todo o tempo em que falou. ⁵Contemplando semelhante espectáculo, todos diziam, maravilhados: «Verdadeiramente, este homem é um santo, um amigo do Altíssimo». ⁶E uns aos outros, louvando e bendizendo o Senhor, disputavam a vez de lhe tocarem o hábito. ⁸Coisa espantosa era, na verdade, que até as criaturas irracionais se dessem conta da afeição fraterna e do grande amor que Francisco lhes dedicava.

60. ¹Certa vez, próximo de Greccio, um irmão levou-lhe uma pequena lebre apanhada no laço. ²Ao vê-la, o santo homem de Deus moveu-se de compaixão e disse-lhe: «Irmã lebre, por que te deixaste apanhar? Vem cá!». ³E logo o animal, posto em liberdade pelo irmão, correu a refugiar-se no regaço do Santo como em lugar seguro. ⁴Tendo descansado nele um pouco, acariciou-a o Santo com afecto materno e pô-la em liberdade para que tornasse ao bosque. ⁵Porém, posta no chão repetidas vezes, outras tantas lhe voltou ao regaço; até que, por fim, ordenou a levassem os frades para o bosque, ali perto. ⁶O mesmo aconteceu com um coelho, animal de difícil domesticação, na ilha do lago de Perúsia¹¹³.

¹¹³ Mais conhecido pelo lago Trasimeno.

61. ¹Idêntica afeição nutria pelos peixes. Se lhe era possível, devolvia à água, vivos, os peixes capturados, e recomendava-lhes que não se deixassem apanhar de novo. ²Um dia, estando sentado numa barca não longe de um porto do lago de Rieti, certo pescador apanhou ali um grande peixe, vulgarmente chamado tainha, e ofereceu-lho com devota amizade. ³Pegou o Santo na tainha e, cheio de alegria e ternura, saudou-a por irmã. Em seguida, restituiu-a às águas do lago e pôs-se a louvar o Senhor fervorosamente. ⁴Durante a oração, não se apartava o peixe do lugar aonde fora lançado e, espadanando na água junto ao barco, só dali se afastou quando, concluída a oração, dele recebeu ordem de partir.

⁵Foi assim que o glorioso pai Francisco, seguindo os caminhos da obediência e da perfeita submissão à divina vontade, conseguiu de Deus a alta dignidade de se fazer obedecer das criaturas.

⁶Em certa ocasião, estando gravemente enfermo no ermitério de Santo Urbano, a água converteu-se-lhe em vinho e, ⁷só de o provar, tão rapidamente se recompôs, que todos julgaram tratar-se de autêntico milagre.

⁸Verdadeiramente, santo não pode deixar de ser quem deste modo é obedecido pelas criaturas todas e, a um sinal seu, até os elementos mudam de natureza.

CAPÍTULO XXII

S. Francisco prega em Áscoli e, graças a objectos que suas mãos tocaram, são curados os enfermos

62. ¹Por aqueles dias em que, conforme se disse, pregou aos pássaros, andava o santo Pai por cidades e povoados a espalhar a divina semente quando chegou à cidade de Áscoli. ²Pregou aí com tão vivo fervor a palavra de Deus, como aliás sempre acontecia, que, movidos todos pela graça do Senhor, a ele devotamente acorriam em tropel, ansiosos de o verem e ouvirem. ⁴Foi nessa altura que trinta de entre eles, clérigos e leigos, receberam de suas mãos o hábito da santa Religião.

⁴Era tanta a fê de homens e mulheres, e tão grande a sua devoção pelo santo de Deus, que por muito feliz se tinha quem, ao menos, conseguia tocar-lhe o hábito. ⁵Quando entrava em alguma

cidade, rejubilava o clero, os sinos tocavam, os homens exultavam, congratulavam-se as mulheres, as crianças batiam palmas e, empunhando não raras vezes ramos de árvores, saíam-lhe ao encontro cantando.

⁶De confusão se cobria então a perversa heresia, a fé de Cristo triunfava, e, enquanto os fiéis rejubilavam, batiam os hereges em retirada. ⁷Não havia quem ousasse objectar às suas palavras, pois sendo nele tão evidentes os sinais de santidade, nenhum herege se atrevia a questioná-lo, e todo o povo se sentia preso do que dizia.

⁸Considerava ele dever sagrado observar, venerar e seguir em tudo e acima de tudo os ensinamentos da santa Igreja romana, na qual somente se encontra o caminho da salvação. ⁹Venerava também os sacerdotes e nutria extraordinário afecto por toda a hierarquia eclesiástica¹¹⁴.

63. ¹Os fiéis levavam-lhe pão para benzer e por longo tempo o conservavam consigo, porque, dele comendo, se curavam das mais variadas enfermidades. ²Muitas vezes, ainda, impelidos por desmedida fé, chegavam a recortar-lhe a túnica, a fim de conservarem dela algum bocado, pelo que, em mais de uma ocasião, se encontrou quase nu. ³E, coisa não menos surpreendente, até os objectos por ele tocados tinham o poder de comunicar saúde aos enfermos.

⁴Vivia numa aldeia da comarca de Arezzo uma mulher que estava grávida. Chegado o tempo do parto, passou muitos dias aflita, sem poder dar à luz. Assaltada por espasmos tremendos, esteve entre a vida e a morte. ⁵Tendo sabido os vizinhos e parentes que S. Francisco ia passar por ali a caminho de um ermitério, correram pressurosos a esperá-lo. ⁶Mas enquanto ali o esperavam, chegou Francisco ao lugar do destino por outro caminho, montado a cavalo, pois andava muito alquebrado e doente. ⁷Uma vez no ermitério, devolveu a cavalgadura a quem por caridade lha emprestara, recorrendo para tanto a um irmão, chamado Pedro. Este, de volta com o animal, passou por onde vivia a angustiada mulher.

¹¹⁴ Passagem esta muito importante e reveladora da fé de S. Francisco na Igreja. Da obediência à Igreja, bem como da devoção pelos sacerdotes, fala várias vezes nos seus escritos. É este sentido da Igreja que distingue Francisco de todos os movimentos heréticos do seu tempo.

⁸Vendo-o aproximar-se, foram-lhe ao encontro os habitantes do lugar, cuidando tratar-se do bem-aventurado Francisco. ⁹Quando viram que não era ele, encheram-se de profunda tristeza, mas logo depois, tentando fazer face à contrariedade, ¹⁰ocorreu-lhes que talvez pudessem encontrar algum objecto em que o Santo houvesse tocado. ¹¹Em investigações se ia escoando o tempo, quando se lembraram de que, seguindo ele a cavalo, tinha tido as rédeas nas mãos. ¹²Retirando o freio da boca do animal que o Santo montara, puseram sobre o corpo da mulher as rédeas tocadas por ele e, no mesmo instante, jubilosa e sã, deu à luz, livre de perigo.

64. ¹Gualfreduccio, morador da Città della Pieve, homem piedoso e temente a Deus, como aliás toda a família, tinha em seu poder uma corda com a qual o bem-aventurado Francisco se havia cingido algumas vezes. ²Acontecia haver naquela região muitos homens e mulheres achacados de várias enfermidades. ³Percorrendo este bom homem as casas dos enfermos, dava-lhes a beber da água onde antes mergulhava a corda, ou algum fio da mesma, e todos recobravam a saúde em nome de Cristo¹¹⁵.

⁴Semelhantes milagres, e muitos mais que nos seria impossível referir, mesmo alongando a narração, aconteciam estando o bem-aventurado Francisco ausente. ⁵Mesmo assim, referirei brevemente um que outro, de entre os que o Senhor nosso Deus se dignou realizar, estando presente o seu servo.

CAPÍTULO XXIII

Como curou um coxo em Toscanella e um paralítico em Narni

65. ¹Peregrinando por várias e vastas regiões a anunciar o Reino dos Céus, chegou Francisco a uma cidade chamada Toscanella. ²Enquanto espalhava ali a semente da vida, hospedou-se em

¹¹⁵ Segundo CANUTI (Memoria del B. Giacomo, 1904 15), este Gualfreduccio seria o bem-aventurado Jacobo, jurista e terceiro, morto por 1304, por se ter constituído advogado dos pobres no hospital da cidade de Pieve. Cf. WADDING, ANNALES MINORUM, VI 32-34, p. 36-30.

casa de um cavaleiro que tinha um filho único, coxo e tão enfezado que, embora tivesse ultrapassado já a idade da aleitação, não podia deixar o berço.³ O pai, subjugado pela grande santidade do homem de Deus, arrojou-se humildemente a seus pés, suplicando-lhe a cura do filho.⁴ Mas o Santo, considerando-se indigno e incapaz de tanta virtude, a tal se recusou durante largo tempo.⁵ Por fim, vencido pelos insistentes rogos do pai, recolheu-se em oração, impôs as mãos sobre o menino, abençoou-o e convidou-o a levantar-se.⁶ Imediatamente, em nome do Senhor Jesus, com grande alegria de todos os presentes se levantou o menino e começou a percorrer os recantos da casa, completamente curado.

66.¹ Noutra ocasião foi o homem de Deus a Narni e aí se demorou alguns dias. Um homem dessa cidade, chamado Pedro, estava de cama havia já cinco meses, completamente paralítico.² Não mexia a cabeça nem fazia o menor uso dos pés e das mãos, de modo que não podia levantar-se nem fazer o mais ligeiro movimento. À parte a circunstância de apenas mover a língua e os olhos, era pois um homem completamente inválido.³ Sabedor da chegada de S. Francisco a Narni, mandou recado ao bispo da cidade para que, por divina piedade, se dignasse enviar-lhe o servo do Altíssimo, plenamente convencido de que bastariam a vista e presença do Santo para o curar da enfermidade.⁴ E assim aconteceu, pois tendo chegado o bem-aventurado Francisco a casa do enfermo, e fazendo sobre ele o sinal da cruz da cabeça aos pés, instantaneamente desapareceu o mal e recobrou o enfermo a saúde perdida.

CAPÍTULO XXIV

Francisco restitui a vista a uma cega e cura em Gúbio uma mulher tolhida das mãos

67.¹ A uma mulher da mesma cidade, que era cega, fez-lhe o bem-aventurado Francisco o sinal da cruz sobre os olhos e, no mesmo instante, recuperou a vista.

² Também uma mulher de Gúbio teve a alegria de se ver miraculada, graças a S. Francisco. Tolhida de ambas as mãos, nada

podia fazer com elas.³ Apenas soube que o Santo estava na cidade, saiu-lhe ao encontro e, amargurada, exibiu as suas pobres mãos tolhidas, suplicando lhas tocasse.⁴ Comovido, tocou-lhas e curou-as.⁵ A transbordar de alegria, correu imediatamente a casa e preparou com as suas próprias mãos uma fogaça de farinha e queijo e foi oferecê-la a Francisco.⁶ Cortesmente, o Santo retirou dela um pequeno pedaço e disse-lhe para comer o resto com a família.

CAPÍTULO XXV

Cura um irmão epiléptico, ou talvez mesmo possesso do demónio¹¹⁶. Em San Gémini cura uma endemoninhada.

68.¹ Não sei como qualificar a doença horrenda que padecia certo confrade. Atribuía-na alguns à presença de um espírito maligno. Com frequência, caía o pobre ao chão e, escancarando os olhos de modo horripilante, espumava e debatia-se em tremendas convulsões.² Uma vez, os membros ora se enovelavam e distendiam ora se imobilizavam, tetanizados e petrificados, os pés a tocarem-lhe a cabeça;³ outras, levitava-se horizontalmente à altura de um homem, para logo se baquear violentamente no chão.⁴ Compadecido o santo pai Francisco de tão grave enfermidade, abeirou-se dele e, depois de se recolher em oração, traçou o sinal da cruz e abençoou-o.⁵ Imediatamente recuperou a saúde e nunca mais voltou a padecer de semelhante enfermidade.

69.¹ Passando certa ocasião o beatíssimo pai Francisco pelo bispado de Narni, foi a um lugar chamado San Gémini¹¹⁷, para aí anunciar o reino de Deus. Recebeu hospedagem, com outros três irmãos, em casa de um homem devoto e temente a Deus, o qual desfrutava de bom nome naquela terra.² Andava a mulher desse

¹¹⁶ Os terrores supersticiosos da antiguidade (uma crise de epilepsia era suficiente para interromper uma assembleia ou comício; daí de «mal comicial») persistem na Idade Média a par duma crença pertinaz nas influências demoníacas.

¹¹⁷ Onde actualmente se pode ver uma igreja gótica do séc. XIV: «no lugar onde existiu um pequeno oratório e um humilde convento, edificado por S. Francisco em 1213» (CAVANNA, *L'Umbria francescana*, p. 191)

homem possessa do demónio, coisa conhecida de todos os habitantes da região. Confiando o marido em que, pelos méritos de Francisco, poderia ser esconjurado o maligno, intercedeu por ela.³ Mas como o Santo, vivendo em simplicidade, preferia o desprezo à consideração e favor do mundo, recusou-se com firmeza a satisfazer-lhe o pedido.⁴ Por fim, reconsiderando que da glória de Deus se tratava e que estava em causa o bem de muitos, rendeu-se às suas súplicas.⁵ Mandou chamar os três irmãos que com ele se encontravam e, pedindo-lhes que se distribuíssem pelos cantos da sala, disse: «Irmãos, oremos ao Senhor por esta mulher, para que a liberte do jugo do demónio. Que tudo seja para Sua maior honra e glória». ⁶E acrescentou: «Vamos ficar de pé, separados, cada qual em seu canto, para que tão maligno espírito nos não fuja das mãos, ou nos engane, escondendo-se».

⁷Depois de ter orado, aproximou-se da mulher, cheio da virtude do Espírito Santo. Revolvia-se a pobre em convulsões e gritava horrendamente, quando o Santo lhe disse: «Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, por obediência te ordeno, ó demónio, que saias dela e jamais te atrevas a atormentá-la». ⁸Pronunciadas que foram estas palavras, saiu dela o demónio com tal celeridade, fúria e estrondo que o santo Pai, ante a repentina cura e a precipitada obediência de Satanás, cuidou ter sido vítima duma alucinação e dali se afastou à pressa, envergonhado. ⁹(Assim terá disposto a Providência divina, para que de nada viesse a vangloriar-se).

¹⁰Voltando o bem-aventurado Pai a passar pelo mesmo lugar na companhia do irmão Elias, e sabendo a dita mulher da sua chegada, correu de imediato à praça e pôs-se a gritar por ele, suplicando em alta voz se dignasse falar-lhe. ¹¹Mas ele furtava-se a atendê-la, reconhecendo nela a mulher a quem, por divina virtude, tinha expulsado o demónio. ¹²Ela, entretanto, beijava-lhe as marcas dos pés e dava graças a Deus e a S. Francisco, seu servo, que a tinham libertado do poder da morte. ¹³Por fim, ante as súplicas do irmão Elias, o Santo acedeu a falar com ela, e ali mesmo lhe foram confirmadas por muitos dos presentes tanto a enfermidade de que já falámos, como a cura por ele obtida.

CAPÍTULO XXVI

Também em Città di Castello expulsou Francisco um demónio

70.¹ Havia em Città di Castello uma mulher possessa do demónio. ² Estando o bem-aventurado Pai nessa cidade, levaram a mulher à casa onde se encontrava hospedado. ³ Uma vez à porta, pôs-se a ranger e a matraquear os dentes, ao mesmo tempo que uivava horrorosamente com olhar sinistro, como costumam fazer os espíritos imundos. ⁴ Entretanto, uma pequena multidão de homens e mulheres que ali se juntara intercedeu junto de S. Francisco em favor da infeliz, pois enquanto o maligno a atormentava a ela, assustava-os a eles com tremendo alarido. ⁵ O santo Pai enviou então o irmão que estava com ele para que visse bem se era de facto o demónio ou embuste mulheril. ⁶ Mas ela, atentando na troca de pessoas, desatou a rir e a troçar do emissário. ⁷ O santo Pai, que ficara dentro a rezar, acabada a oração, saiu fora. Não pôde a mulher suportar a força da sua presença e pôs-se a tremer e a rebolar pelo chão. ⁸ S. Francisco chamou-a a si, dizendo: «Por obediência te ordeno que saias dela, espírito imundo!» ⁹ Contrariado embora, imediatamente se pôs o diabo em fuga, sem lhe ocasionar o menor dano. ¹⁰ Graças sejam dadas a Deus onnipotente, autor de tudo em todos.

¹¹ Como, porém, não nos propusemos falar dos milagres – que, podendo embora reflectir santidade, não a constroem – antes foi nossa intenção determo-nos na exemplaridade da sua vida, retomemos a narração das obras que lhe granjearam a eterna salvação e ponhamos de parte os milagres, até porque seria demasiado longo referi-los a todos.

CAPÍTULO XXVII

Pureza e constância de espírito. Como pregou diante do Papa Honório e como se confiaram, ele e os seus, à protecção do cardeal Hugolino, bispo de Óstia.

71.¹ Tinha-se habituado o varão de Deus a procurar não os seus próprios interesses mas o que julgava poder servir melhor à

salvação do próximo. Acima de tudo, porém, desejava ser libertado do corpo mortal para viver com Cristo.² Para o conseguir, a sua principal preocupação era manter-se de tal modo afastado das solicitações terrenas, que nem a mais ténue poeira pudesse, por um instante sequer, empanar-lhe a luz e a serenidade da alma.³ Insensível ao estrépito mundano, punha todo o empenho em manter recolhidos os sentidos exteriores e em dominar os movimentos da alma, a fim de viver inteiramente absorvido no seu Senhor. Tal como a esposa dos Cantares, também «a sua morada era nas fendas das rochas e nas concavidades dos penhascos». ⁴ Por muito feliz se tinha quando, em suas andanças, encontrava uma choupana em plena solidão¹¹⁸. Aí permanecia longo tempo em total aniquilamento de si mesmo, como que escondido nas chagas do Salvador.

⁵ Escolhia por isso lugares ermos, a fim de mais livremente se poder lançar nos voos da alma para Deus. Não esquecia, no entanto, os irmãos, pois sempre que julgava oportuno não hesitava um instante em recorrer à acção em favor deles e em se dedicar de bom grado à sua salvação.⁶ Mas o seu porto de abrigo era a oração; não uma oração fugaz, vazia ou presunçosa, mas uma oração dilatada quanto possível, profundamente devota, tranquila e humilde. Se a começava ao anoitecer, só a custo a deixava de manhã. Caminhando ou estando sentado, comendo ou bebendo, andava continuamente em oração.⁷ De noite, costumava ir sozinho até às igrejas abandonadas e afastadas das povoações para rezar. Graças ao Senhor, nelas venceu muitos temores e angústias de espírito.

72. ¹ Via-se forçado a lutar corpo a corpo com o demónio, pois que, estando nesses lugares, o maligno o afligia, quer interiormente, com tentações, quer exteriormente, com abalos e estampidos, para o amedrontar. ² Mas Francisco, valoroso soldado de Cristo, sabendo que o seu Senhor tudo pode em todo o lugar, longe de se acobardar perante semelhantes arremetidas, dizia em seu coração: «Não penses, malvado, poder usar aqui, contra mim, as

¹¹⁸ *Coelibes mansiones*, no original. Literalmente, casas solitárias.

armas da tua malvadez com maior fúria do que se estivéssemos no meio duma grande multidão».

³Era verdadeiramente firme e constante no bem, e nenhuma outra coisa buscava senão fazer a vontade de Deus. ⁴Pregando frequentemente a divina palavra a milhares de ouvintes, fazia-o com a mesma tranquilidade como se falasse a um amigo íntimo. ⁵A seus olhos, uma multidão de ouvintes era como se fosse uma só pessoa, e punha tanto ardor em falar a um só homem, como se falasse a toda uma multidão. ⁶Uma tal segurança procedia-lhe da pureza e rectidão do coração, e, mesmo improvisando, sabia dizer coisas admiráveis e jamais ouvidas. ⁷Mas se alguma vez, diante do povo reunido, lhe sucedia que, tendo-se preparado para pregar, não conseguia lembrar-se do que projectara dizer e outra coisa lhe não ocorria, confessava candidamente ter preparado muitas coisas mas tê-las esquecido todas. ⁸Nessa altura, porém, subitamente, tomava-se de tanta eloquência que deixava pasmados os ouvintes. ⁹No entanto, ocasiões houve em que, nada conseguindo dizer, acabou por despedir os ouvintes com a sua bênção, valendo isso muito mais do que um longo sermão.

73. ¹Certa altura em que precisou de ir a Roma tratar dos assuntos da Ordem, veio-lhe o grande desejo de pregar diante do papa Honório e dos cardeais. ²Sabendo disso Hugolino, glorioso bispo de Óstia, que pelo Santo nutria singular afeição, ficou cheio de temor e de alegria, porque, se admirava o fervor do santo varão, conhecia também a sua ingénua simplicidade. ³Porém, confiando na bondade do Onnipotente, que nunca falta nas necessidades dos que piedosamente O honram, apresentou-o ao senhor Papa e aos eminentíssimos cardeais. ⁴Recebida a bênção e licença, começou Francisco a falar com tanta descontração e fervor de espírito na presença de tão egrégios príncipes, ⁵que, não cabendo em si de contentamento, ao mesmo tempo que pregava, ora se apoiava num pé, ora noutro, como se estivesse saltitando. Tão estranho comportamento, longe de parecer um indício de ligeireza e de suscitar o riso, arrancou lágrimas de compunção, inflamado como o viram no fogo do amor divino. ⁶Muitos deles, efectivamente, tocados de admiração pela sua coragem e pelos prodígios da divina graça operados nesse homem, tomaram-se de sincera dor. ⁷Entretanto,

por seu lado, o venerável bispo de Óstia rogava fervorosamente ao Senhor não fosse confundida a simplicidade daquela santa alma, até porque um eventual desaire, não menos que o seu triunfo, recairiam sobre ele, que tinha sido eleito protector da nova família religiosa.

74.¹ De facto, Francisco ligara-se a ele como um filho ao pai, e, como um filho único no regaço da mãe, repousava tranquilo nos braços da sua clemência.

² Aliás, importa dizer que, embora o cardeal Hugolino cumprisse o ofício de pastor da nova Fraternidade, era ao santo varão que ele reservava o título.³ O bem-aventurado Pai olhava pelo que havia a fazer, mas era ele, hábil senhor, quem providenciava para que tudo fosse levado a bom termo.⁴ Quantos, sobretudo ao princípio, atentaram contra a implantação da Ordem, tentando destruí-la! ⁵ Quantos trabalharam por sufocar a vinha eleita que a mão do Senhor, em sua misericórdia, tinha plantado no mundo! ⁶ Quantos tentaram roubar e consumir os seus primeiros e melhores frutos! ⁷ Mas todos eles foram vencidos e desbaratados pelo gládio de tão pródigo senhor e pai. ⁸ Era, de resto, um prodígio de eloquência, um bastião da Igreja, um paladino da verdade e um protector dos humildes. ⁹ Abençoado e memorável o dia em que o santo de Deus se confiou a tão venerável senhor!

¹⁰ Numa das muitas vezes em que o cardeal foi enviado como legado da Sé Apostólica à Toscana, passou S. Francisco por Florença, onde ele então residia, e precisamente numa altura em que o Santo, contando ainda com poucos irmãos, se dispunha a ir até França¹¹⁹. ¹¹ Não existia ainda entre os dois amizade profunda; só o conhecimento mútuo da vida que ambos levavam havia bastado para os unir em afectuosa caridade.

75.¹ Como S. Francisco tivesse por costume visitar os bispos e sacerdotes logo que chegava a alguma cidade ou região, apenas

¹¹⁹ França, neste caso, não é a Provença, como a *lingua francesa* (cf. 1C 16) não é provençal. Trata-se do domínio régio propriamente dito, chamado, a partir do séc. XIV, Ile de France, e foi assim como o entendeu o irmão Pacífico, designado como substituto de Francisco.

soube da presença ali de um tão grande prelado, a ele se apresentou com a maior reverência.² Ao vê-lo, o cardeal acolheu-o com respeitoso afecto, como sempre fazia com todos os que se dedicavam à vida religiosa, mormente os que professavam a santa pobreza e simplicidade.³ E como usava de particular solicitude para com os pobres e necessitados e se interessava pelos seus problemas, quis saber diligentemente dos motivos de uma tal visita e com muita bondade escutou a exposição dos seus projectos.⁴ Ao vê-lo desprendido como ninguém dos bens terrenos e sobremodo abrasado no fogo que Jesus veio trazer à terra¹²⁰, sentiu a alma fundir-se com a dele e não só lhe suplicou o favor das suas orações, como lhe ofereceu protecção com sincera alegria.⁵ Aconselhou-o porém a desistir da viagem empreendida, pois os irmãos que o Senhor lhe confiara precisavam da sua vigilância e solicitude¹²¹.

⁶ Ao ver tanta benevolência, afabilidade e tacto em tão grande senhor, sentiu Francisco imensa alegria e, caindo-lhe aos pés, devotamente lhe confiou a sua pessoa e as de seus frades.

CAPÍTULO XXVIII

Espírito de caridade e afectuosa compaixão pelos pobres. Episódio da ovelha e dos cordeirinhos

76.¹ Pai dos pobres, pobre também ele e com todos os pobres identificado, não podia Francisco suportar sem dor ver alguém mais pobre do que ele, não por vanglória, mas por íntima compaixão;² e conquanto usasse apenas uma só túnica, mísera e áspera, muitas vezes a desejou repartir com algum necessitado.

³ Movido de grande afecto e piedade, e querendo este pobre riquíssimo socorrer de alguma maneira os pobres no tempo de maior frio, pedia aos ricos do mundo lhe dessem mantas e outros agasalhos.⁴ Se estes os entregavam com maior entusiasmo do que ele empregava em lhes pedir, declarava: «Aceito, mas com uma con-

¹²⁰ Lc 12, 49.

¹²¹ Cf. LP 82.

dição: não penseis mais em reavê-los». ⁵E com o coração a transbordar de contentamento cobria o primeiro pobre que encontrava pelo caminho.

⁶Nada lhe causava mais pena do que ver insultar um infeliz ou amaldiçoar quem quer que fosse. ⁷Um dia, ouviu um irmão fazer esta insinuação a um mendigo que pedia esmola: «Não sejas para aí um rico disfarçado!» ⁸Quando isto ouviu, o pai dos pobres doeu-se profundamente e, repreendendo com severidade o irmão que tal havia dito, ordenou-lhe que se desnudasse diante do pobre, lhe beijasse os pés e lhe pedisse perdão¹²². ⁹Costumava dizer: «Quem maltrata um pobre ofende a Cristo, de quem o pobre é a imagem visível. Foi por nós que Ele se fez pobre neste mundo»¹²³. ¹⁰Era frequente, por isso, quando via algum pobre carregando lenha ou outros pesos, tomar ele próprio a carga em seus débeis ombros, para o ajudar.

77. ¹Com verdadeiro coração de irmão estendia a sua caridade aos próprios animais sem fala nem razão, répteis ou aves, e a todas as demais criaturas, sensíveis ou insensíveis. ²Entre os animais, eram os cordeiros que ele mais privilegiava, porque a um cordeiro é Nosso Senhor Jesus Cristo frequentemente comparado nas Santas Escrituras, com justificada razão aliás, mercê da Sua divina humildade e mansidão. ³Tudo o que alegoricamente evocasse o Filho de Deus lhe despertava ternura e encantamento.

⁴Um dia, depois de ter pregado na cidade de Ancona, dirigia-se ele a Ósimo na companhia do senhor Paulo, a quem tinha nomeado ministro de todos os Irmãos na dita província, quando encontrou no campo um pastor a guardar um rebanho de cabras e bodes. ⁵Entre as cabras e bodes havia uma ovelhinha que pascia

¹²² Cf. 2C 85. Mais circunstanciado, este episódio pode ler-se também na LP 114 e no EP 37.

¹²³ Cita a 2R 6,3, que se inspira em 2Cor 8,9. Temos um episódio semelhante em 2C 85. A pobreza franciscana não é, sobretudo, virtude *ascética* (sou tanto mais rico espiritualmente, quanto menos possuo); nem é, principalmente, condição para o apostolado (quanto mais livre sou dos bens materiais, mais disponível estou para trabalhar para o Reino); é de natureza *teológica e mística*: Francisco ama a pobreza, porque contempla a Cristo pobre. Cf. LM 7,1; 2C 55.

pacificamente sozinha. ⁶ Ao vê-la, o bem-aventurado Francisco estacou sobressaltado e, ferido no mais vivo do coração, deu um forte suspiro e disse ao irmão que o acompanhava: «Não vês ali aquela ovelhinha tão só e tão mansa, entre as cabras e os bodes? ⁷ Assim andava Nosso Senhor Jesus Cristo, manso e humilde, entre os fariseus e príncipes dos sacerdotes. ⁸ Por isso te rogo, meu filho, que, por amor de Cristo, tenhas pena da ovelhinha e, pagando por ela o que valer, a tiremos do meio daqueles animais».

78. ¹ Sentiu-se o irmão Paulo tocado pela comovente piedade do Santo, ² mas, não possuindo nenhum deles coisa alguma além do pobre saial que vestiam, não sabiam como efectuar o resgate. Nisto, calhou de passar por ali um mercador que lhes ofereceu a soma desejada. ³ Dando graças a Deus e levando consigo a ovelha, chegaram a Ósimo e apresentaram-se diante do bispo da cidade. ⁴ Este acolheu-os com grande veneração, e muito surpreendido ficou ao ver a ovelha acompanhar o varão de Deus e o afecto que este lhe dispensava. ⁵ Mas tanto que o Santo desfiou uma longa parábola a propósito da ovelha, sentiu-se compungido o bispo ante a pureza e simplicidade de coração de Francisco e deu graças a Deus.

⁶ No dia seguinte saiu da cidade e, pensando no que havia de fazer à ovelha, aceitou o conselho do companheiro e irmão e deixou-a no mosteiro das servas de Cristo, perto de São Severino¹²⁴, para que dela cuidassem. ⁷ Receberam elas a ovelhinha com muita alegria, como dádiva do céu, dela cuidaram durante largo tempo com o maior desvelo, ⁸ da sua lã teceram uma túnica e enviaram-na ao santo pai Francisco numa altura em que estava reunido em capítulo, em Santa Maria da Porciúncula. ⁹ Recebeu o Santo de Deus a túnica com grande reverência e, beijando-a, convidou os presentes a alegrarem-se com ele.

¹²⁴ Era o Mosteiro das Clarissas de São Salvador em Colpersito, perto de São Severino. Foi aqui, onde se operou a conversão de frei Pacífico, o «rei dos versos». Cf. 2C 106.

79. ¹ Noutra ocasião, passando ele pela Marca na companhia de frei Paulo, que por muito ditoso se tinha em o seguir, encontrou-se no caminho com um homem que levava ao mercado, atados e pendurados aos ombros, dois cordeirinhos, para serem vendidos. ² Ao ouvi-los balir, comoveram-se-lhe as entranhas e, acariciando-os, tal como faz a mãe aos filhinhos que choram, disse ao homem:

– ³ Porque fazes sofrer os meus irmãos cordeirinhos, assim pendurados e atados?

– ⁴ Vou vendê-los ao mercado, que preciso de dinheiro.

– ⁵ E que vai ser deles depois?

– Quem os comprar irá matá-los e comê-los.

– ⁶ De modo nenhum! Leva antes este manto e dá-me cá os cordeirinhos.

⁷ Ficou o homem radiante com a troca, pois muito mais valia o manto. (Recebera-o o Santo aquela mesma manhã de um homem generoso, que lho emprestara para se proteger do frio). ⁸ Mas, uma vez na posse dos cordeiros, não atinava no que havia de fazer; até que, ⁹ aconselhado pelo irmão que o acompanhava, resolveu dá-los ao mesmo homem para que deles tratasse, ¹⁰ exigindo porém que jamais os venderia ou lhes causaria qualquer dano, antes os manteria e guardaria com a maior estima e desvelo.

CAPÍTULO XXIX

O seu grande amor a todas as criaturas por amor do Criador. Retrato físico e moral do Santo.

80. ¹ Seria longo, e até impossível, mencionar tudo quanto o glorioso Pai Francisco fez e ensinou enquanto viveu entre nós. ² Quem poderá descrever o seu inefável amor pelas criaturas de Deus ³ e a doçura com que nelas admirava a sabedoria, o poder e a bondade do Criador? ⁴ Ao contemplar o sol, a lua e as estrelas do firmamento, inundava-se-lhe a alma de gozo. ⁵ Piedade simples, simplicidade piedosa: ⁶ até pelos vermes tinha afeição, recordado da Escritura, que diz do Salvador: «Eu sou um verme e não um homem!» ⁷ Por isso os retirava do meio do caminho para lugar seguro, não fossem esmagados pelos que passavam. ⁸ E que dizer das demais criaturas inferiores, quando sabemos que, durante o

Inverno, para as abelhas não morrerem de frio, queria que lhes servissem mel e vinho do melhor?⁹ De tal modo o engenho e apego ao trabalho destes pequenos seres o impeliavam a louvar a Deus, que chegou a passar um dia inteiro a fazer o elogio destas e de outras criaturas.¹⁰ Como outrora os três jovens na fornalha convidavam todos os elementos a glorificarem e a bendizerem o Criador do Universo, assim este homem, cheio do espírito de Deus, jamais se cansava de glorificar, louvar e bendizer, em todos os elementos e em todos os seres, o Criador e Conservador de todas as coisas.

81.¹ Que arrebatamento o seu quando admirava a beleza das flores ou lhes aspirava o delicado perfume! ²Imediatamente se reportava à contemplação dessa outra Flor primaveril, radiosamente nascida do tronco de Jessé, e que, mercê da sua fragrância, restituíra a vida a milhares de mortos.³ Quando encontrava muitas flores juntas, pregava-lhes e convidava-as a louvarem o seu Senhor, como se fossem dotadas de razão.⁴ O mesmo fazia diante dos trigais e dos vinhedos, dos rochedos e das florestas, das belas paisagens ridentes, das fontes, dos jardins, da terra e do fogo, do ar e do vento, convidando-os com simplicidade e pureza de alma a amarem e a louvarem o Senhor.⁵ A todos os seres chamava irmãos. Com penetrante intuição lograva descobrir duma maneira maravilhosa e de todos desconhecida o mistério das criaturas, pois gozava já da gloriosa liberdade dos filhos de Deus¹²⁵. ⁶ Agora que ele está nos céus, com os anjos Te louva, ó bom Jesus – ele, que na terra proclamava, diante de todas as criaturas, que só Tu és digno de amor infinito.

82.¹ Impossível nos é imaginar a comoção e a casta alegria com que proferia o Teu abençoado nome, Senhor santo! Dir-se-ia estarmos vendo um homem novo, um homem do século futuro.² Por isso, onde quer que ele visse, caído no chão, dentro ou fora de casa, algum fragmento da Escritura ou de autor profano, recolhia-o

¹²⁵ Estes dois parágrafos exprimem, melhor ainda que em 2C 213 e 217, o conceito inspirador dos *Louvores a Deus* e particularmente do *Cântico das Criaturas*. Francisco aparece aqui como o homem que reconquistou a inocência original, o homem novo que já vive na glória do Paraíso.

com sumo respeito e colocava-o em lugar sagrado e decente, atendendo a que nele podia estar escrito o nome do Senhor ou algo relacionado com ele. ³Como um dos irmãos lhe perguntasse em certa ocasião porque recolhia ele com igual apreço e diligência os escritos dos pagãos, onde o nome de Deus certamente não está, respondeu: «Meu filho, é porque neles há letras com que se pode compor o bendito nome do Senhor, nosso Deus. ⁴O que neles houver de bom não pertence aos pagãos nem a outros homens, mas a Deus somente. A Ele é que pertence todo o bem». ⁵E, coisa não menos de admirar, quando ditava alguma carta de saudação ou conselho, não admitia que dela se apagasse alguma letra ou sílaba, por supérflua ou imprecisa que fosse¹²⁶.

83. ¹Que belo, que magnífico e glorioso era ele na inocência da sua vida, na simplicidade das suas palavras, na pureza do coração, no amor a Deus, na caridade fraterna, na obediência pronta, no trato cortês e afectuoso, na candura angélica do semblante! ²Tinha maneiras finas, era meigo, afável, oportuno em exortar, fidelíssimo em cumprir, avisado e arguto no aconselhar, eficaz no agir, a tudo imprimindo graciosidade. ³Espírito sereno e sóbrio, alma delicada, de índole contemplativa e oração constante, em tudo punha entusiasmo e fervor. ⁴Tenaz nos propósitos, firme na virtude, perseverante na graça e sempre igual a si mesmo. ⁵Pronto para o perdão, tardo para a ira, engenho arguto, memória feliz, discorria com subtileza, era ponderado nas decisões e simples em tudo. ⁶Rigorous consigo próprio, indulgente com os demais, discreto com todos.

⁷Eloquente por natureza, de aspecto jovial e acolhedor, jamais foi indolente ou arrogante. ⁸Meão de estatura, mais baixo que alto, cabeça regular e redonda, rosto um tanto comprido e saliente, testa plana e pequena, olhos regulares, negros e límpidos, cabelo escuro, sobranceiras rectilíneas, nariz equilibrado e afilado, orelhas sobressaídas mas pequenas, têmporas achatadas, ⁹língua pacifica-

¹²⁶ Tomás de Eccleston refere que S. Francisco tinha profetizado o terramoto de 25 de Dezembro de 1222 e que o tinha anunciado aos cidadãos de Bolonha numa carta «em que havia erros de latim». Cf. *Tractatus de adventu Fratrum Minorum in Anglia*, ed. A.G.LITTLE 40; *Cronistas Franciscanos*, o.c., p. 104-105.

dora, ardente e penetrante, voz vibrante e doce, clara e sonora; dentes compactos, alinhados e brancos; lábios pequenos e finos; barba negra e rala,¹⁰ pescoço esguio, ombros direitos, braços curtos, mãos finas, dedos compridos, unhas acaneladas; pernas delgadas, pés pequenos, pele fina e enxuto de carnes. Vestia rudemente, dormia muito pouco e era extremamente generoso.¹¹ Humilde como era, mostrava-se manso com todos, a todos os feitos se acomodava. Sendo o mais santo de entre todos os santos, entre os pecadores era como um deles.

¹² Pai santíssimo que amas os pecadores, ajuda-os. Por gloriosa e misericordiosa intercessão tua, digna-te levantar os que vês miseravelmente prostrados na abjecção do pecado.

CAPÍTULO XXX

O presépio preparado em Greccio na noite de Natal

84.¹ A suprema aspiração de Francisco, o seu mais vivo desejo e mais elevado propósito era observar em tudo e sempre o Santo Evangelho¹²⁷ e seguir a doutrina e os passos de Nosso Senhor Jesus Cristo com suma aplicação da mente e fervor do coração.² Reevocava as suas divinas palavras em meditação assídua e jamais deixava de ter presentes, em aprofundada contemplação, os passos da sua vida.³ Tinha tão vivas na memória a humildade da Incarnação e a caridade da Paixão, que lhe era difícil pensar noutra coisa.

⁴ Mui digno de piedosa e perene memória foi o que ele fez três anos antes da sua gloriosa morte, perto de Greccio, no dia da Natividade de Nosso Senhor Jesus Cristo¹²⁸.⁵ Vivia nessa comarca um homem, de nome João, de boa fama e melhor teor de vida, a quem o bem-aventurado Pai queria com singular afeição, pois sendo ele de nobre e honrada linhagem, desprezava a prosápia do sangue e

¹²⁷ *Observar o santo Evangelho* é a definição dada pelo mesmo S. Francisco da «regra e vida dos frades menores» (1R 1; 2R 1,1).

¹²⁸ Portanto, na noite de 25 de Dezembro de 1223. Como nota São Boaventura (LM 10,7), Francisco tinha-se munido da autorização papal. Não era, então, muito frequente a celebração da Eucaristia em «altar portátil».

aspirava unicamente à nobreza do espírito.⁶ Uns quinze dias antes do Natal, Francisco mandou-o chamar, como aliás amiúde fazia,⁷ e disse-lhe: «Se queres que celebremos em Greccio o próximo Natal do Senhor, vai imediatamente e começa já a prepará-lo como vou dizer.⁸ É meu desejo celebrar a memória do Menino que nasceu em Belém de modo a poder contemplar com os meus próprios olhos o desconforto que então padeceu e o modo como foi reclinado no feno da manjedoura, entre o boi e o jumento». ⁹ Ao ouvir isto o fiel e bondoso amigo, dali partiu apressadamente, a fim de preparar no lugar designado tudo o que o Santo acabava de pedir.

85. ¹E o dia chegou, festivo, jubiloso. Foram convocados irmãos dos vários conventos em redor. ²Homens e mulheres da região, coração em festa, prepararam, como puderam, círios e archotes para iluminarem aquela noite que viu aparecer no céu, rutilante, a Estrela que havia de iluminar todas as noites e todos os tempos. ³Por fim, chega Francisco. Vê que tudo está a postos e fica radiante. ⁴Lá estava a manjedoura com o feno e, junto dela, o boi e o jumento. ⁵Ali receberia honras a simplicidade, ali seria a vitória da pobreza, ali se aprenderia a lição melhor da humildade. Greccio seria a nova Belém.

⁶A noite resplandecia como o dia, noite de encanto para homens e animais. ⁷Vem chegando gente. A renovação do mistério dá a todos motivos novos para rejubilarem. Erguem-se vozes na floresta e as rochas alcantiladas repercutem os hinos festivos. ⁸Os irmãos entoam os louvores do Senhor, e entre cânticos de júbilo fremente decorre toda a noite. ⁹O santo de Deus está de pé diante do presépio, desfeito em suspiros, trespassado de piedade, submerso em gozo inefável. ¹⁰Por fim, é celebrado o rito solene da Eucaristia sobre a manjedoura, e o sacerdote que a celebra sente uma consolação jamais experimentada.

86. ¹Francisco reveste-se com os paramentos diaconais, pois era diácono¹²⁹, e, com voz sonora, canta o santo Evangelho. ²A sua voz potente e doce, límpida e bem timbrada, convida os presentes às mais altas alegrias. ³Pregando ao povo, tem palavras doces como o mel para evocar o nascimento do Rei pobre e a pequena cidade de Belém.

⁴Por vezes, ao mencionar a Jesus Cristo, abrasado de amor, chama-lhe o «menino de Belém», e, ao dizer «Belém», era como se imitasse o balir duma ovelha e deixasse extravasar da boca toda a maviosidade da voz e toda a ternura do coração. ⁵Quando lhe chamava «menino de Belém» ou «Jesus», passava a língua pelos lábios, como para saborear e reter a doçura de tão abençoados nomes.

⁶Entre as graças prodigalizadas pelo Senhor nesse lugar, conta-se a visão admirável com que foi favorecido certo homem de grande virtude¹³⁰. ⁷Pareceu-lhe ver, reclinado no presépio, um menino sem vida. Mas tanto que dele se abeirou o Santo, logo despertou, suavemente arrancado ao sono profundo. ⁸De resto, não deixava esta visão de ter um sentido real, já que, pelos méritos do Santo, o Menino Jesus ressuscitou no coração de muitos que o tinham esquecido e a sua imagem ficou indelevelmente impressa em suas memórias.

⁹Terminada a solene vigília, todos voltaram para suas casas cheios de inefável alegria.

87. ¹O feno que havia sido colocado na manjedoura foi conservado «para que Javé, em sua misericórdia, curasse os jumentos e outros animais»¹³¹. ²E, na verdade, assim aconteceu. Muitos animais daquela região, atingidos de várias moléstias, comeram desse feno e ficaram curados. ³Mais: mulheres com partos longos e difíceis, colocaram sobre si mesmas um pouco desse feno e deram à

¹²⁹ Diz Bartolomeu de Pisa que S. Francisco não quis receber o sacerdócio por humildade. São Bento, que era diácono, exerceu grande influência sobre o Poverello. Cf. BIHL em AFH 17 (1924), p. 445-447.

¹³⁰ Segundo São Boaventura (LM 10,7), é o mesmo João.

¹³¹ Cf. SI 35, 7-8.

luz facilmente. Do mesmo modo, incontáveis homens e mulheres puderam desta forma recobrar a saúde.

⁴O presépio é hoje um templo consagrado ao Senhor¹³². No lugar da manjedoura foi construído um altar em honra do bem-aventurado pai Francisco, ⁵a fim de que ali, onde outrora os animais se alimentavam com feno, pudessem os homens alimentar-se continuamente, para saúde da alma e do corpo, com a carne do Cordeiro Imaculado, Jesus Cristo Senhor Nosso, ⁶que a Si mesmo se nos deu com sumo e inefável amor, Ele que vive e reina, eternamente glorioso com o Pai e o Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. Ámen. Aleluia, Aleluia!

Termina aqui o primeiro opúsculo da vida e dos actos do bem-aventurado Francisco.

SEGUNDA PARTE

Começa a segunda parte: os últimos dois anos e morte bendita do nosso pai Francisco.

CAPÍTULO I

Teor desta segunda parte. Morte ditosa do Santo. O seu exemplo de perfeição.

88.¹Na primeira parte do nosso trabalho, que, por graça de Deus, pudemos levar ao fim, descrevemos de algum modo a vida e os feitos do nosso bem-aventurado pai Francisco até ao décimo oitavo ano da sua conversão. ²Nesta segunda parte consignaremos com brevidade, e tal como os pudemos recolher, os demais factos memoráveis ocorridos a partir do penúltimo ano da sua vida. De momento, porém, limitar-nos-emos ao mais importante, deixando que novas coisas sejam acrescentadas por quem as quiser dizer.

¹³² A partir de 1228.

⁴No ano de 1226, da Incarnação do Senhor, a 4 de Outubro, dia de domingo, em Assis, sua cidade natal, junto a Santa Maria da Porciúncula, onde havia fundado a Ordem dos Irmãos Menores, liberta-se o nosso bem-aventurado pai S. Francisco da prisão da carne¹³³ e parte feliz para a morada dos eleitos, coroando assim vinte anos de perfeita união com Cristo e de imitação dos Santos Apóstolos. Entre hinos e hosanas foi o seu sagrado corpo tumultado e reverentemente guardado na dita cidade, onde, para glória de Deus todo-poderoso, continua a brilhar, mercê de numerosos milagres. Ámen.

89. ¹Como já desde a mais tenra juventude tivesse sido votado à ignorância quase total das realidades divinas, Francisco viveu largo tempo à mercê das tendências do seu temperamento e do ardor das suas paixões, mas, tanto que a dextra do Senhor o tocou, saiu do atoleiro dos vícios¹³⁴ e, por graça e virtude do Altíssimo, foi desde então cumulado de sabedoria divina como nenhum outro homem do seu tempo. ²De facto, no meio do aviltamento geral (e não de uns quantos apenas) a que chegara a doutrina evangélica por causa dos costumes dos que a ensinavam, aprouve a Deus enviar-nos este santo varão, para que, à imitação dos Apóstolos, desse a todos os homens testemunho da verdade. ³E realmente, pela palavra e pelo exemplo, ele mostrou à evidência como era louca a sabedoria terrena e, a breve trecho, conduzido por Cristo e empolgado pela loucura da pregação, arrastou os homens à verdadeira sabedoria de Deus.

⁴Como um dos rios do Paraíso, este novo evangelista dos últimos tempos inundou o mundo inteiro com as águas vivas do Evangelho e, com o exemplo, pregou o caminho do Filho de Deus e a sua doutrina de verdade.

¹³³ «Às primeiras horas da noite», precisa frei Elias em sua carta encíclica enviada a todos os provinciais para lhes comunicar o falecimento do Santo (AF 10 p. 527). Para nós, que contamos os dias de meia a meia-noite, S. Francisco morreu ao anoitecer do dia 3 de Outubro. Foi enterrado no dia seguinte, domingo, aos vinte anos da sua conversão e 45 de idade.

¹³⁴ Cf. Rm 6, 7; Sl 76,11.

⁵ Assim, nele e por ele, o mundo reencontrou uma nova juventude e uma inesperada alegria. A velha árvore da religião viu reflorir os seus ramos já ressequidos e decrépitos, ⁶ um espírito novo animou o coração dos eleitos e neles foi derramada a unção salvadora, quando este santo servo de Cristo, como astro no firmamento, apareceu a irradiar a luz da sua original forma de vida e dos seus prodígios.

⁷ Uma vez mais este mundo estéril viu renovarem-se os antigos milagres, quando Francisco nele plantou a frutuosa vinha da sua Ordem, a qual, graças a um novo modo de vida, fiel todavia ao antigo¹³⁵, está produzindo flores perfumadas de santas virtudes e estendendo por toda a parte os ramos da santa Religião.

90. ¹ Apesar da fragilidade da condição humana que ele tinha de comum connosco, não se contentou em observar apenas os preceitos comuns: impelido por amor intenso, lançou-se ao caminho que leva a Deus, atingiu a meta da mais sublime santidade e contemplou finalmente o termo de toda a perfeição. ² Foi assim que incontáveis pessoas de ambos os sexos e de todas as classes e idades encontraram nele, não só as mais límpidas directivas da sã doutrina, como exemplos maravilhosos de santidade de vida. ³ Alguém está decidido a uma prova de coragem? Alguém deseja conquistar mais altos carismas no caminho da perfeição? Atente na sua vida, e aprenderá a perfeição que nela se reflecte como em um espelho¹³⁶. ⁴ Mas se, pelo contrário, prefere um caminho menos árduo e exercícios mais modestos, temendo escalar o cimo da montanha, também nele encontrará a direcção apropriada ao seu caso. ⁵ Finalmente, se alguém busca sinais e milagres, contemple a santidade de Francisco e alcançará o que deseja.

⁶ Bem se pode afirmar que a sua vida gloriosa acrescenta uma luz mais deslumbrante à perfeição dos primeiros santos: provam-

¹³⁵ Poder-se-ia entender igualmente, segundo VORREUX (Cf. *Documents* p. 294): «graças à nova Ordem religiosa»; nova, sim, mas fiel à tradição. Precisamente, a Ordem dos Irmãos Menores.

¹³⁶ Neste conceito de «S. Francisco, espelho de perfeição», se inspira não só a obra com esse título, *Espelho de Perfeição*, como o próprio Celano na *Vida Segunda*.

-no sobejamente o seu amor à Paixão de Jesus Cristo e à sua cruz. ⁷ Com efeito, o nosso glorioso Pai trazia impressos em cinco partes do seu corpo os sinais da Paixão e da Cruz, como se nesta houvesse sido pregado com o Filho de Deus. ⁸ Grande sacramento é este¹³⁷ e prova bem com que amor profundo, com que amor de eleição ele foi distinguido. Mas encerra igualmente um desígnio oculto e um sublime e tremendo mistério que julgamos ser conhecido de Deus somente e ter sido revelado em parte pelo próprio Santo a uma única pessoa¹³⁸.

⁹ Convém por isso não insistirmos mais nos louvores do Santo, uma vez que ele foi glorificado por Aquele que é a fonte de todo o louvor e despenseiro do prémio da eterna luz. Bendigamos, pois, a Deus santo, verdadeiro e glorioso, e retomemos a narração dos factos.

CAPÍTULO II

Da suprema aspiração do bem-aventurado Francisco, e de como, consultando ele o livro dos Evangelhos, conheceu a vontade de Deus a seu respeito

91. ¹ Para estar ao abrigo das multidões que todos os dias o procuravam devotamente para o verem e ouvirem, o bem-aventurado pai Francisco acolheu-se um dia a um lugar de recolhimento e silêncio, a fim de só se ocupar de Deus e poder sacudir do seu espírito o pó acumulado no trato com os homens. ² O tempo que Deus lhe outorgava para merecer a graça costumava ele reparti-lo assim, conforme ao que julgava ser mais conveniente: uma parte destinava-o ao bem do próximo, outra à contemplação na solidão. ³ Tomou, pois, consigo alguns companheiros, muito poucos, entre os mais íntimos e mais ao corrente da sua vida, a fim de evitarem a invasão de visitantes importunos e serem os vigilantes amorosos e fiéis da sua paz.

¹³⁷ Ef 5, 32.

¹³⁸ Quem tenha sido este afortunado confidente nenhuma fonte o revela.

⁴Havendo permanecido aí algum tempo, e alcançando uma extraordinária familiaridade com Deus, graças a uma contínua oração e frequente contemplação, desejou saber o que mais queria ou podia querer dele o Rei eterno, que mais grato lhe fosse. ⁵Empenhando toda a inteligência e toda a alma, buscava a maneira melhor e o caminho mais apto para alcançar uma união mais íntima com o Senhor, seguindo as suas inspirações e o beneplácito da sua vontade. ⁶E essa foi sempre a sua mais alta filosofia, esse o supremo anseio em que sempre ardeu, enquanto se lhe não extinguiu a vida; e de todos ele queria saber, sábios e iletrados, perfeitos e imperfeitos, como chegar ao caminho da verdade e subir a metas mais altas ainda.

92. ¹Embora, na verdade, fosse perfeitíssimo entre os perfeitos, longe de o reconhecer, tinha-se na conta do mais imperfeito de todos. ²É que tinha experimentado e saboreado a doçura, a suavidade e a bondade do Deus de Israel para com os rectos de coração que O buscam com toda a simplicidade e pureza verdadeiras¹³⁹. ³A doçura e a mansidão, dons raríssimos a poucos concedidos, e que ele sentia infundidos no seu coração como brisa vinda do alto, levavam-no a esquecer-se de si mesmo, e tanto prazer lhe inspiravam, que ansiava com veemência poder remontar-se todo inteiro à vida imortal dos eleitos, onde, aliás, saindo de si mesmo pelo êxtase, em parte já se encontrava. ⁴Possuído pelo espírito de Deus, estava pronto a padecer todas as angústias da alma, a aceitar todos os suplicios do corpo, desde que lhe fosse concedido o que tanto desejava: ver cumprida nele, totalmente, a misericordiosa vontade do Pai celeste.

⁵Com este propósito, abeirou-se um dia do altar que tinha sido construído nesse eremitério e depôs nele, com toda a reverência, o livro dos Evangelhos. ⁶Depois, prostrado em oração, não menos com o coração do que com o corpo, humildemente implorava ao Deus da bondade, Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação, se dignasse manifestar-lhe a sua vontade, ⁷e, a fim de poder levar a bom termo o que antes havia começado com simplicidade e

¹³⁹ SI 72, 1; Sab 1, 1.

devoção, suplicava lhe revelasse, na primeira página onde abrisse o livro, o que havia de fazer.⁸ Deste modo seguia ele o exemplo daqueles varões santos e perfeitos que, inspirados por Deus, tinham procedido semelhantemente¹⁴⁰.

93.¹ Terminada a oração, levantou-se e, com espírito humilde e coração contrito, feito o sinal da santa cruz, tomou em suas mãos o livro do altar e abriu-o com reverência e temor.² Aconteceu então que, aberto o livro, a primeira coisa que se lhe deparou foi a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, mas naquela passagem em que anunciava ainda as tribulações por que havia de passar.³ Porém, para que se não pudesse pensar que fora obra do acaso, fechou e reabriu o livro uma segunda e terceira vez, e deu com a mesma passagem, ou com outra parecida.⁴ O servo de Deus, cheio do Espírito Santo, compreendeu então que só através de inúmeras tribulações, angústias e lutas é que entraria no Reino de Deus.

⁵ Valoroso soldado de Cristo, não se perturbou ante a perspectiva das lutas que o esperavam, nem se arreceou de combater os combates do Senhor nas arenas deste mundo.

⁶ Tão-pouco temeu sucumbir diante do inimigo, ele que nem a si mesmo tinha cedido nas longas e sobre-humanas fadigas anteriormente sustentadas.⁷ Era realmente de um fervor único e, se é verdade que nos séculos passados alguém o pôde igualar nos bons propósitos, ninguém lhe foi igual no fervor dos desejos.⁸ Tornava-se-lhe mais fácil praticar a perfeição do que pregá-la, pois mais do que em dizer palavras, que encarecem a virtude mas não fazem o homem virtuoso, empregava as energias em obras de santa edificação.⁹ Por isso se mantinha inalteravelmente alegre e tranquilo, e em seu coração, para si e para Deus, todo se expandia em cânticos de júbilo.¹⁰ Por isso, também, foi achado digno da mais alta revelação¹⁴¹, pois se havia alegrado de outras bem menores, semelhante ao servo que, sendo fiel nas coisas pequenas, mereceu receber a intendência das grandes¹⁴².

¹⁴⁰ Alusão provável a Santo Antão, Abade, a Santo Agostinho, a São Gregório e a São Martinho.

¹⁴¹ A estigmatização.

¹⁴² Mt 25, 21.

CAPÍTULO III

Visão de um homem na figura de um Serafim crucificado

94. ¹ Dois anos antes de partir deste mundo para o céu, permanecendo ele no ermitério que, em razão do local onde se encontra, tem o nome de Alverne¹⁴³, foi por Deus favorecido com a seguinte visão: pairando acima dele, apareceu-lhe um homem em forma de Serafim, com seis asas, preso a uma cruz, os braços estendidos, unidos os pés. ² Duas asas prolongavam-se por cima da cabeça, duas abriam-se para voar, e outras duas cobriam-lhe todo o corpo.

³ Esta aparição mergulhou num pasmo infindo o servo do Altíssimo que, todavia, não acabava de lhe entender o significado. ⁴ Sentindo-se envolvido pelo olhar benigno e afectuoso daquele serafim de inexcedível beleza, experimentava um gozo imenso, uma fogosa alegria. Contudo, aterrava-o sobremaneira vê-lo cravado na cruz, sofrendo atrozmente as dores de tamanha paixão. ⁵ Levantou-se triste e alegre ao mesmo tempo, se assim me é lícito exprimir, alternando em seu espírito sentimentos de fruição e de amargura. ⁶ Buscava com ardor descobrir o sentido da visão, mas todo se lhe agitava o espírito no esforço de o conseguir. ⁷ Não lhe consentindo a inteligência devassar coisa alguma e sentindo-se totalmente subjugado com a singularidade da aparição, eis que nas suas próprias mãos e pés vê surgir os mesmos sinais dos cravos que pouco antes vira no misterioso homem crucificado.

95. ¹ As mãos e os pés pareciam ter sido atravessados ao meio pelos cravos, sobressaindo a cabeça destes da palma das mãos e a ponta, do lado oposto. ² Os sinais eram redondos no interior das mãos e alongados nas costas, e uma excrescência carnosa fazia lembrar a ponta dos cravos, rebatida e recurvada. ³ Também nos pés se lhe viam as marcas dos cravos, sobressaindo do resto da carne. ⁴ No lado direito, que uma lança parecia ter atravessado,

¹⁴³ Na montanha do Alverne, ou La Verna, (1.269m), na Toscana, diocese de Arezzo. S. Francisco recebeu-a como dádiva do conde Orlando de Chiusi em 1213. O prodígio dos estigmas ocorreu nas proximidades da festa da Exaltação da Santa Cruz, no ano de 1224, como nota São Boaventura (LM 13, 3).

estendia-se ampla cicatriz que sangrava frequentemente, de modo que a túnica e as bragas se tingiam daquele sangue bendito.

⁵Bem poucos foram os que, em vida do servo crucificado do Senhor crucificado, mereceram contemplar esta sagrada ferida.

⁶Afortunado foi frei Elias¹⁴⁴ que, vivendo ainda o Santo, pôde vê-la de algum modo. ⁷Não menos privilegiado foi Rufino, que pôde tocá-la com as próprias mãos. Friccionava-lhe ele um dia o peito, quando a mão, resvalando casualmente sobre o lado direito, lhe tocou a sagrada ferida. Tão grande dor afligiu o Santo que, afastando a mão que o tocara, pediu ao Senhor lhe perdoasse.

⁸Com tanta habilidade dissimulava o prodígio aos olhos dos estranhos, ⁹e até dos próprios irmãos e amigos, que durante muito tempo estes nada souberam, nem sequer os mais devotados e íntimos dos seus discípulos. ¹⁰E, embora este servo e amigo do Altíssimo se visse adornado com as jóias preciosas de tão maravilhosos sinais e distinguido com uma honra tal que de outra semelhante não havia memória, jamais sentiu desvanecimento em seu coração ou alguma vez desejou louvar-se do facto, com apetites de vanglória. ¹¹Pelo contrário, temendo sempre que, à conta daquelas chagas, a estima dos homens lhe pudesse roubar a graça divina¹⁴⁵, grandemente se afanava em mantê-las ocultas aos olhos de todos¹⁴⁶.

96. ¹Tinha feito consigo mesmo o propósito de não confiar senão a muito raros o surpreendente segredo, com receio de que os amigos, em parte para se louvarem da predilecção do Santo, não resistissem à tentativa de o divulgar, daí resultando para ele uma diminuição da graça concedida. ²Por isso, com frequência lhe subia do coração aos lábios aquela palavra do Profeta que tanto prezava: «Escondi no meu coração as Tuas palavras para não pecar contra Ti»¹⁴⁷. ³Tinha inclusivamente acordado com seus irmãos e filhos que a recitação deste versículo seria o sinal com que devia interromper a conversação com as pessoas que de fora o procuravam: a este sinal deviam eles despedir delicadamente os visitantes.

¹⁴⁴ Cf. 2C 138, quanto ao estratagema que usou.

¹⁴⁵ Ex 28.

¹⁴⁶ 2C 135.

¹⁴⁷ SI 118, 11.

⁴Sabia por experiência própria como era nocivo para a alma comunicar tudo a todos, e que não pode ser homem espiritual quem não possui em seu espírito outros e mais profundos segredos além dos que podem ser lidos no rosto e julgados pelos homens.

⁵Com efeito, tinha notado que certas pessoas estavam de acordo com ele na sua presença, mas, no fundo, pensavam diversamente: diante dele, aplaudiam-no; por trás, achincalhavam-no, sendo estes mesmos os que o induziam a pensar injustamente e a ter como suspeitos homens de todo irrepreensíveis.

⁶Desgraçadamente, a maldade tenta muitas vezes denegrir o que é puro, e, porque a mentira é vício de muitos, acabamos por não acreditar na sinceridade de poucos.

CAPÍTULO IV

Fervor de S. Francisco. A doença dos olhos.

97. ¹Por esse tempo começou o seu corpo a ser atormentado com várias enfermidades duma gravidade maior do que até aí.

²Era, de resto, a consequência natural das ásperas penitências a que submetera o corpo tantos anos a fio, no esforço de o reduzir à servidão. ³Dezoito anos exactos eram já decorridos desde que, animado daquele seu espírito fervoroso e decidido, começara a espalhar por várias e extensas regiões a semente da palavra de Deus, e nunca, ou raramente, em todo esse tempo, ele se preocupava em dar suficiente repouso aos debilitados membros. ⁴Tinha enchido a terra inteira com o Evangelho de Cristo. Fora capaz, num só dia, de percorrer quatro ou cinco povoações, e até cidades, a anunciar a todos o Reino de Deus e a edificar os ouvintes não menos pelo exemplo do que pela palavra. Toda a sua pessoa, em suma, era uma língua que pregava.

⁵A concórdia e a obediência da carne ao espírito eram nele tão perfeitas que, esforçando-se o espírito por alcançar a santidade, não só a carne lhe não opunha resistência, como porfiava em se lhe adiantar, conforme ao que está escrito: «A minha alma está sedenta

de Ti; e a minha carne por Ti suspira»¹⁴⁸. ⁶Do esforço permanente de uma tal submissão resultou vir esta a ser-lhe tão dócil e espontânea que a virtude se lhe tornou de fácil privança, assim se confirmando uma vez mais que o hábito se transforma em natureza.

98. ¹Mas como, por lei inelutável da natureza e condição humanas, o homem exterior vai deperecendo dia a dia enquanto o espírito se renova sem cessar, sucedeu que o invólucro preciosíssimo que encerrava aquele tesouro celeste começou a debilitar-se e a ceder por todos os lados. ²E sendo que o homem «só começa verdadeiramente a viver quando julga ter acabado e se põe ao trabalho quando o tem concluído»¹⁴⁹, assim, nele, à medida que definhava o corpo, mais ágil se lhe tornava o espírito. ³Era tão vivo o seu zelo pela salvação das almas que, para as conquistar para Deus, não tendo já forças que o levassem, ia pelos povoados montado num jumentinho.

⁴Frequentemente os irmãos o aconselhavam com amorosa insistência a que se deixasse observar pelo médico, a fim de poder restabelecer o corpo tão enfermo e debilitado. ⁵Mas ele, com o espírito continuamente preso ao céu, recusava sempre, outra coisa não desejando senão libertar-se do corpo para viver com Cristo¹⁵⁰. ⁶E como não tinha cumprido em sua carne o que faltava à Paixão de Cristo, cujos estigmas, no entanto, trazia impressos em seu corpo, contraiu uma grave doença de olhos, como se quisesse Deus enviar-lhe com ela um novo sinal da sua misericórdia. ⁷Como a enfermidade se agravava de dia para dia por falta de cuidados, Frei Elias, que Francisco escolhera para si como mãe¹⁵¹, e dera como pai¹⁵² aos demais irmãos, impôs-lhe que não rejeitasse por mais tempo os remédios da medicina, ⁸antes os aceitasse em nome do Filho de Deus que os criou, segundo está escrito: «O Altíssimo produziu da terra os medicamentos e o homem sensato não os

¹⁴⁸ SI 62, 2.

¹⁴⁹ Ecl 18, 6.

¹⁵⁰ Fl 1, 23.

¹⁵¹ Isto é, como guardião, segundo o regulamento da vida dos eremitérios. Cf. RE 8-10.

¹⁵² Ou seja, tinha-o constituído seu Vigário para todos os irmãos, Cf. T27.

desprezará». ⁹ A estas palavras, o santo Pai acedeu de bom grado, e com toda a humildade se submeteu aos que o aconselhavam.

CAPÍTULO V

Como em Rieti foi recebido pelo cardeal Hugolino, bispo de Óstia, e como o Santo predisse que chegaria a ser bispo de todo o mundo

99. ¹ Ao não acertarem os médicos com o remédio eficaz – e muitos lhe foram ministrados –, Francisco dirigiu-se a Rieti, onde constava existir um grande especialista daquela enfermidade. ² À sua chegada, foi recebido com muita delicadeza e honra por toda a Cúria romana, então ali sediada¹⁵³, em especial pelo senhor Hugolino, bispo de Óstia, famoso pela rectidão e santidade de vida.

³ Com o assentimento e beneplácito do papa Honório III, tinha-o Francisco escolhido para senhor e protector de toda a Ordem, precisamente por muito prezar a ditosa pobreza e ter em grande honra a santa simplicidade. ⁴ Imitava este prelado a vida dos frades e, desejoso de alcançar a santidade, era simples com os simples, humilde com os humildes e pobre com os pobres. ⁵ Era um irmão entre irmãos, entre os Menores o mais pequeno e, tanto quanto lhe era consentido, buscava sempre comportar-se como um deles, em sua vida e costumes. ⁶ Estava seriamente empenhado em dilatar a Ordem o mais possível, tendo a reputação da sua vida contribuído não pouco para a difundir amplamente pelas mais remotas regiões.

⁷ Dera-lhe o Senhor o dom da palavra doura e com ela confundia os adversários da verdade, repelia os inimigos da cruz de Cristo, reconduzia os extraviados ao bom caminho, estabelecia a paz entre rivais e estreitava mais ainda os laços da caridade entre os que já se amavam. ⁸ Era na Igreja de Deus como um farol de intenso brilho e como seta escolhida, reservada para o tempo

¹⁵³ Honório III e a cúria tinham sido expulsos de Roma durante uma sedição popular. É possível que o clínico em questão fizesse parte do grupo dos médicos pontifícios.

oportuno¹⁵⁴. ⁹Quantas vezes, depostas as ricas vestes e coberto de outras mais humildes¹⁵⁵, ele se metia ao pó do caminho, pés descalços, como qualquer dos irmãos, a fim de levar a paz onde mais urgia impô-la. ¹⁰Sempre que se lhe oferecia ocasião, punha todo o entusiasmo em restabelecê-la entre os homens, e entre os homens e Deus. ¹¹Por isso o Senhor o escolheu, pouco depois, como Pastor de toda a santa Igreja, conferindo-lhe autoridade e poder sobre todos os povos.

100. ¹Para que se soubesse que esta escolha acontecia por inspiração e vontade de Cristo, profetizou-a o santo Pai com palavras e ratificou-a com factos, muito tempo antes. ²Efectivamente, quando a Ordem dos irmãos, sustentada pela graça divina, começava já a difundir-se e, qual cedro no paraíso de Deus¹⁵⁶, erguia para o céu os cimos mais altos dos seus méritos ou, como vinha eleita, estendia os sagrados ramos por toda a redondeza da terra, apresentou-se Francisco ao senhor papa Honório, então chefe da Igreja romana, e, com toda a humildade, suplicou-lhe houvesse por bem designar como pai e senhor, dele e dos irmãos, o senhor Hugolino, bispo de Óstia¹⁵⁷. ³Acedeu o Pontífice aos rogos do Santo e de muito bom grado nele delegou todos os poderes sobre a Ordem. ⁴Recebeu-os Hugolino com humilde reverência e, como servo fiel e prudente, estabelecido sobre a casa do Senhor, diligenciou por todos os meios assegurar o alimento da vida eterna a quantos lhe eram confiados. ⁵Por esse motivo, a ele se submetia docilmente o santo Pai e lhe dispensava o mais reverente afecto.

¹⁵⁴ Quando Celano fazia este alto elogio, já Hugolino era o papa Gregório IX, e foi exactamente ele quem o mandou escrever a biografia de S. Francisco (vide *Prólogo*).

¹⁵⁵ São Boaventura recorda que ele servia com as suas próprias mãos um leproso que tinha no palácio.

¹⁵⁶ Haveria que ler a magnífica alegoria do cedro (Ex 31, 9) a que Celano alude, para entender toda a carga afectiva, poética e religiosa que pode ter uma simples alusão bíblica. Todo o contexto do profeta dá a estas duas palavras um imenso poder evocativo.

¹⁵⁷ Este pedido foi provavelmente apresentado e satisfeito na segunda metade de 1220, depois do regresso de Francisco do Oriente, anteriormente, portanto, aos dois anos de vida que Celano diz considerar nesta segunda parte.

⁶Já muito tempo antes, sob a inspiração do Espírito de Deus que inteiramente o habitava, tinha ele intuído o que só mais tarde se tornou patente aos olhos de todos. ⁷De facto, sempre que Francisco lhe escrevia, quer para tratar de assuntos relativos à Ordem, de cuja responsabilidade partilhava, quer, mais frequentemente ainda, o movesse o amor que em Cristo lhe dedicava, não se atinha em suas cartas a chamar-lhe apenas bispo de Óstia ou de Velletri¹⁵⁸, como outros faziam em suas saudações de praxe, antes, dilatando-lhe os poderes, deste modo o saudava: «Ao reverendíssimo pai e senhor, Hugolino, bispo de todo o mundo». ⁸Frequentemente, ao saudá-lo, permitia-se dispensar-lhe bênçãos algo originais, e, embora se conduzisse em sua presença como filho afectuoso e submisso, às vezes, por inspiração do Espírito Santo, ⁹consolava-o com palavras de pai, como para confirmar as «bênçãos dos pais, na expectativa do Desejado das colinas eternas»¹⁵⁹.

101. ¹Tinha este bispo uma grande afeição pelo Santo, aprovava tudo o que ele dizia ou fazia¹⁶⁰, e, só com o ver, se sentia grandemente reconfortado. ²Ele próprio afirmava não ter experimentado nunca perturbação ou angústia que a presença ou as palavras de S. Francisco não bastassem para dissipar, afugentando-lhe as nuvens da tristeza e devolvendo-lhe a serenidade e a alegria do coração. ³Tinha-se colocado ao serviço do bem-aventurado Francisco como um escravo nas mãos do seu senhor. E sempre que com ele se encontrava, reverenciava-o como a um apóstolo de Cristo: inclinava-se exterior e interiormente e beijava-lhe amiudadas vezes as mãos com seus lábios sagrados.

⁴Com grande ternura e solicitude procurava este bispo maneira de restituir ao bem-aventurado Pai a saúde dos olhos, pois o tinha na conta de homem santo e justo e muito útil e necessário à Igreja de Deus. ⁵Compartilhava dos receios e preocupações de toda a família dos irmãos e, na pessoa do pai, apiedava-se dos filhos. ⁶Por isso, exortava o bem-aventurado Pai a tratar-se e a não recusar os

¹⁵⁸ Hugolino era bispo de ambas as dioceses.

¹⁵⁹ Estas colinas eternas (Gn 49) simbolizam aqui as sete colinas de Roma, a Cidade Eterna. Para alguns é uma interpretação forçada mas possível.

¹⁶⁰ Salvo o projecto da sua viagem a França, como ficou dito no n. 75.

medicamentos apropriados, pois a negligência podia ser-lhe imputada como falta e não como mérito.⁷ Aceitando S. Francisco com humildade a recomendação de um tão grande senhor e estre-mecido pai, resolveu ser mais cauteloso e seguiu sem escrúpulos o tratamento indicado.⁸ Mas já era tarde. O mal tinha-se agravado a tal ponto que, para o remediar minimamente, urgia recorrer a especialista habilíssimo e a um tratamento em extremo doloroso.⁹ Ministraram-lhe cautérios em várias partes da cabeça, sangraram-lhe veias, aplicaram-lhe cataplasmas e colírios, mas tudo em vão. E foi de mal a pior.

CAPÍTULO VI

Virtudes dos Irmãos que serviam S. Francisco e qual era o seu projecto de vida

102.¹ Suportou o Santo todas estas enfermidades por espaço de quase dois anos com toda a paciência e humildade, em tudo rendendo graças ao Altíssimo.² Mas, para melhor poder pensar em Deus, para mais livremente percorrer, em seus frequentes êxtases, as mansões celestes e viver sempre na presença do dulcíssimo e sereníssimo Senhor de todas as coisas, confiou o cuidado da sua pessoa a alguns irmãos verdadeiramente dignos da sua predilecção.³ Eram homens virtuosos, dados a Deus, gratos aos santos do Céu e amados dos homens. Neles se apoiava o bem-aventurado Francisco, como um edifício sobre quatro pilares¹⁶¹.⁴ Pelo respeito que nos merece a sua modéstia – virtude familiar a homens do Espírito, como eles eram – passo em silêncio os seus nomes.⁵ A modéstia, aliás, é ornamento de todas as idades, testemunha da inocência, indício dum coração puro, excelente norma de conduta, apanágio da consciência, defesa da boa reputação, penhor e glória da perfeita rectidão.⁶ E sendo esta virtude o seu adorno, tornava-os amáveis e estimados dos homens. A todos foi ela comum, mas cada

¹⁶¹ Segundo a tradição, estes quatro irmãos seriam Ângelo Tancredo (ver mais abaixo, n. 109), Bernardo de Quintavalle, Leão e Rufino (ou, em vez de Bernardo, João das Loas).

um deles sobressaía diversamente, por alguma outra virtude.⁷ Deste modo, um deles era de notável descrição; outro distinguia-se pela singular paciência; a simplicidade fazia a glória de um terceiro; e o último associava ao vigor do corpo a mansidão da alma.⁸ Todos punham a melhor atenção e boa vontade em proporcionar ao bem-aventurado Pai a paz da alma e o alívio dos males, jamais se poupando a sacrifícios e fadigas para estarem inteiramente ao seu serviço.

103.¹ Embora já consumado em graça diante de Deus e resplandecendo em santas obras aos olhos dos homens, não cessava o glorioso Pai de sonhar continuamente em caminhos de mais alta perfeição e, assim, qual distinto cavaleiro das milícias de Deus, desafiava o adversário a travar com ele novas batalhas.² Projectava levar a cabo grandes proezas sob a conduta de Cristo e, mesmo a finar-se rapidamente de dia para dia, esperava triunfar do inimigo em novos recontros.³ A verdadeira coragem, com efeito, não conhece os limites do tempo, pois é na eternidade que espera ser recompensada.⁴ Por isso, o Santo desejava tão ardentemente voltar às humildes origens do seu itinerário de vida evangélica e não duvidava, tal o ímpeto do amor, poder reduzir ainda aquele seu corpo já exausto à primitiva servidão.

⁵ Fugia ao envolvimento dos muitos cuidados e considerações humanas, e embora, por se encontrar doente, lhe sobrassem razões para temperar o antigo rigor, dizia: «Irmãos, começemos a servir o Senhor Deus, porque até agora pouco ou nada fizemos». ⁶ Julgava não ter chegado ainda à meta¹⁶²: perseverando incansável no propósito de uma santa renovação de vida, esperava poder recomeçar de novo. ⁷ Estava disposto, inclusivamente, a colocar-se outra vez ao serviço dos leprosos, a padecer desprezos como outrora,⁸ a fugir da companhia dos homens e a refugiar-se nos ermos mais distantes para se libertar de cuidados e preocupações e, desse modo, outra coisa não poder existir finalmente entre ele e Deus senão o muro ténue e provisório da sua carne.

¹⁶² Alusão à metáfora paulina (1Cor 9, 24).

104. ¹Como se desse conta de que muitos andavam sedentos de cargos e honrarias e execrasse tamanha presunção, tentou afastá-los de semelhante peste com o seu próprio exemplo. ²Costumava dizer que é coisa boa e agradável a Deus assumir o governo dos outros, mas sustentava também que só deviam ser investidos no cuidado das almas os que em tal ofício nada buscam para si, ou seja, aqueles que, ³nada antepondo à sua própria salvação, não procuram o aplauso dos súbditos, mas apenas o seu proveito, não o favor dos homens, mas tão-somente a glória de Deus, ⁴aqueles, enfim, que não aspiram às prelaturas, antes as temem, e, se acaso para elas são nomeados, não se envaidecem, antes se humilham mais ainda e, se delas são afastados, não se abatem mas rejubilam¹⁶³.

⁵Dizia ainda que, em tempos de malvadez e iniquidade, como estes, governar era mais perigoso e obedecer mais útil e seguro.

⁶Doía-se de que alguns, abandonando o que antes tinham começado com tanto entusiasmo, tivessem esquecido a antiga simplicidade para seguirem novos rumos. ⁷Queixava-se, ainda, dos que, alimentando ao princípio o sonho de metas mais elevadas, tinham acabado por cair em ambições vulgares e terrenas, e, voltando as costas às verdadeiras alegrias, corriam atrás de frivolidades e ambições, na esteira de pretensas liberdades. ⁸Por isso, rogava à divina clemência pela libertação dos seus filhos e lhe suplicava devotissimamente os conservasse na graça que lhes fora dada.

CAPÍTULO VII

Retorno de Sena a Assis. A igreja de Santa Maria da Porciúncula. Bênção aos Irmãos.

105. ¹Seis meses antes do dia da sua morte – encontrava-se ele em Sena a tratar dos olhos – foi atingido gravemente por outros males em todo o corpo. Em consequência da rotura dos vasos sanguíneos do estômago, devida a crises do fígado, sofreu tais vômitos de sangue que todos julgaram chegada a última hora. ²Ao

¹⁶³ Cf. Ex 4 e 20; 1R 17.

ser disso informado, Frei Elias, que se encontrava ausente, ³acorreu a toda a pressa e, com a sua chegada, melhorou o Santo de tal forma que pôde deixar Sena e seguir na sua companhia até Celle di Cortona. ⁴Mas, poucos dias depois, começou-lhe o ventre a inchar, as pernas e os pés entumeceram, e o estômago piorou, ao ponto de quase lhe ser impossível reter o mínimo alimento. ⁵Pediu então a Frei Elias o favor de o transportarem a Assis, ⁶e Frei Elias, como bom filho, dando fiel cumprimento à vontade do amado Pai, tomou as precauções que se impunham e com ele partiu para Assis. ⁷A cidade em peso rejubilou com a chegada do Santo e na boca de todos se ergueram louvores a Deus, ⁸pois finando-se ele dentro dos muros da cidade, grande honra e motivo de contentamento seria para todos.

106. ¹E quis Deus, efectivamente, que, desprendida por fim aquela santa alma do invólucro do corpo, viesse a partir para o reino dos céus do mesmo lugar onde, anos atrás, tivera o primeiro conhecimento das coisas sobrenaturais e recebera a graça do divino chamamento ¹⁶⁴. ²Sabia, sem dúvida, que o reino de Deus se encontra estabelecido por toda a terra, e que em toda a parte podem os eleitos de Deus receber d'Ele os dons que deseja outorgar-lhes, mas também a experiência lhe havia ensinado que esse lugar, onde se levanta a igreja de Santa Maria da Porciúncula, fruía do privilégio de graças celestes mais abundantes e de frequentes visitas dos espíritos angélicos. ³Por isso, dizia frequentemente a seus frades: «Meus filhos, vede, não abandoneis nunca este lugar. ⁴Se dele vos expulsarem por uma porta, entrai logo por outra, porque este lugar é verdadeiramente santo e Deus tem nele a sua morada. ⁵Foi aqui, sendo nós ainda poucos, que o Altíssimo nos multiplicou; aqui iluminou Ele com a sua sabedoria os corações dos seus filhos pobrezinhos; aqui acendeu o fogo do seu amor em nossas vontades. ⁶Quem neste lugar orar com devoção alcançará o que pedir, e quem o profanar será punido com maior severidade. ⁷Por isso, meus filhos, considerai como digno de todo o

¹⁶⁴ Ou seja, a descoberta plena da sua vocação evangélica.

vosso respeito este lugar onde Deus habita e nele ao Senhor erguei o coração com vozes de louvor e acção de graças».

107. ¹Entretanto, à medida que se lhe agravava a enfermidade, iam-no abandonando as últimas forças e já mal se podia mover. ²Todavia, perguntando-lhe um dia um irmão o que preferia suportar, se aquela penosa e longa enfermidade, se o martírio violento às mãos do carrasco, respondeu: ³«Meu filho, o que para mim sempre foi e continua a ser mais agradável e apetecido é que em mim e de mim faça o Senhor o que sempre lhe aprouver. Uma só coisa desejo: estar em tudo de acordo com a sua vontade e a ela obedecer docilmente. ⁴Mas, comparada com qualquer martírio, esta enfermidade, ainda que padecida por três dias apenas, é bem mais dolorosa. Não me refiro, naturalmente, ao prémio que dela possa haver, mas aos incómodos que traz consigo».

⁵Mártir, duas vezes mártir! Como suportava ele, risonho e alegre, o que, só de ver, era de aterrar e cortar o coração! Não havia nele membro algum que não sofresse intensamente¹⁶⁵. ⁶Perdido pouco a pouco o calor natural, era já o prelúdio do fim iminente. ⁷Médicos e irmãos não acabavam de compreender como podia ainda aquele espírito continuar a viver em corpo tão exausto, ao ponto de quase não ter senão a pele a revestir os ossos.

108. ¹Ao sentir que ia partir deste mundo, pois se aproximava o momento que lhe fora anunciado por divina revelação dois anos atrás, chamou para junto de si os irmãos que desejava tornar a ver e deu a cada um a sua bênção, conforme o céu lhe inspirava, tal como outrora o patriarca Jacob a seus filhos¹⁶⁶, ou como Moisés, que, antes de subir ao monte que o Senhor lhe mostrara, cumulou de bênçãos os filhos de Israel¹⁶⁷.

²À sua esquerda, estava Frei Elias e, sentados em redor, os outros irmãos. Ele então cruzou as mãos¹⁶⁸, pôs a dextra sobre a

¹⁶⁵ Frase extraída da carta encíclica de Fr. Elias, em que anuncia à Ordem o falecimento de S. Francisco.

¹⁶⁶ Gn 49, 1-27.

¹⁶⁷ Dt 33, 1.

¹⁶⁸ Como Jacob, na passagem do Génesis a que Celano acaba de aludir.

cabeça de Frei Elias e, como já estivesse completamente cego, perguntou:

– «Em quem tenho eu pousada a minha mão direita?

– Em Frei Elias – responderam-lhe.

– ³É mesmo quem eu quero – disse. E prosseguiu: – Eu te abençoo, meu filho, em tudo e por tudo. E, como por tuas mãos multiplicou o Altíssimo os meus irmãos e filhos, assim em ti os abençoo a todos. ⁴No céu e na terra te abençoe Deus, Rei de todo o Universo. ⁵Abençoo-te quanto posso e mais do que posso e, o que eu não puder, por mim o faça Quem tudo pode. ⁶Lembre-se Deus das tuas aflições e trabalhos e tenha reservada a tua herança no dia da retribuição dos justos. ⁷Possas obter sempre os favores que desejares e justamente pedires¹⁶⁹. ⁸E vós todos, meus filhos, vivei no temor de Deus e nele permanecei sempre, pois grandes provações vos ameaçam e a tribulação está próxima. ⁹Felizes os que perseverarem nas obras que principiaram, pois alguns as vão abandonar por causa dos escândalos. ¹⁰Quanto a mim, anseio ir para junto do Senhor, nosso Deus; a Ele espero poder chegar, pois sempre o desejei servir devotamente com todo o meu coração».

¹¹Como estivesse a viver nessa altura no palácio do bispo de Assis¹⁷⁰, pediu aos irmãos o levassem quanto antes para Santa Maria da Porciúncula, ¹²pois desejava entregar a sua alma a Deus onde, como já se disse, pela primeira vez conhecera claramente o caminho da verdade.

¹⁶⁹ A mesma cena e a mesma bênção são relatadas em 2C 216, mas nesta última passagem omite-se o nome de Fr. Elias, já apóstata. Cf. E.D'ALENÇON, *La benédiction de saint François mourant à frère Elie*: EF IX, p. 240-245 e MGR FALOCI-PULIGNANI: *L'ultima benedizione di San Francesco*, em MF IX, p. 107.

¹⁷⁰ Frei Elias julgava reter Francisco moribundo em Assis, no palácio episcopal, por motivos de segurança. A Porciúncula, em pleno descampado, estava demasiado exposta a eventuais incursões para lhe arrebatarem o corpo, apenas morresse. Finalmente, porém, vence o desejo do Santo: morre onde tinha começado a sua vida religiosa.

CAPÍTULO VIII

O que fez e disse em sua preciosa morte

109.¹ Vinte anos eram já passados sobre a sua conversão e, conforme lhe havia sido comunicado por divina revelação, estava a soar a sua última hora.² Com efeito, na altura em que o bem-aventurado Pai morava em Folinho com Frei Elias, viu este aparecer-lhe em sonhos, durante a noite, um sacerdote idoso e de aspecto venerando, que lhe disse: ³«Levanta-te, irmão, e vai dizer a Francisco que dezoito anos há que renunciou ao mundo e se uniu a Cristo, e que, a partir de hoje, só lhe restam mais dois anos para viver, findos os quais o Senhor o vai chamar, e ele entrará no caminho de toda a carne». ⁴E foi assim que, expirado o prazo, chegou o momento de se cumprir a palavra do Senhor.

⁵Havia já alguns dias que ele estava a viver nesse tão ansiado lugar¹⁷¹, quando, pressentindo para breve o termo dos seus dias, chamou para junto de si dois dos irmãos e filhos predilectos¹⁷² e lhes ordenou que entoassem os louvores do Senhor¹⁷³ com voz firme e muita alegria, pois se aproximava já a morte, ou antes, a verdadeira vida. ⁶Depois entoou ele mesmo, como pôde, o salmo de David¹⁷⁴: «Em voz alta clamo ao Senhor, em alta voz imploro ao Senhor». ⁷Um dos frades presentes, a quem o Santo amava com singular afeição¹⁷⁵ e era muito solícito para com todos os irmãos, vendo isto, e sabendo estar próximo o desenlace, disse-lhe: «Pai bondoso, que vai ser de teus filhos sem ti, que és a luz dos seus olhos?» ⁸Lembra-te que os deixas órfãos, perdoa-lhes todas as culpas e dá-lhes a todos, presentes e ausentes, o conforto da tua santa

¹⁷¹ A Porciúncula.

¹⁷² Ângelo Tancredo e Leão. Cf. *Legenda choralis umbra*, n. 5.

¹⁷³ Trata-se, com efeito, não de *Laudes*, mas do *Cântico das Criaturas* que Francisco corou com a famosa estrofe: Louvado sejas, Senhor, pela nossa irmã a morte corporal (LP 7).

¹⁷⁴ Sl 141.

¹⁷⁵ Frei Elias, como o provam a sua solicitude pelos irmãos (Celano não perde ensejo de se mostrar reverente), a menção da sua presença na morte do Santo e, por fim, as mesmas palavras que se lhe atribuem, citando a carta encíclica do Ministro Geral.

bênção». ⁹E o Santo, de volta: «Meu filho, Deus chama-me. ⁹A todos os meus irmãos, presentes e ausentes, eu lhes perdoo e os absolvo tanto quanto me é permitido. Isto mesmo lhes dirás e os abençoarás da minha parte».

110. ¹Mandou trazer então o Evangelho e pediu que lhe lessem aquela passagem de São João que principia por estas palavras: «Seis dias antes da Páscoa¹⁷⁶, sabendo Jesus que era chegada a hora de deixar este mundo para ir para o Pai ...» ²Ora acontecia ser exactamente essa a passagem que o Ministro, antes mesmo de lha indicarem, tinha a intenção de ler, e essa foi também a que lhe saiu casualmente, ao abrir o livro, o qual, todavia, não era apenas um evangeliário mas uma Bíblia completa. ³E, pois que em breve não seria mais que cinza e pó, quis que de pó o cobrissem e o revestissem de cilício.

⁴Encontrando-se ali reunidos muitos irmãos de quem ele era pai e guia, e aguardando todos, cheios de reverência, o feliz deslance, desprende-se-lhe da carne a alma santíssima para se engolfar no abismo da eterna luz, enquanto o corpo lhe adormecia no Senhor. ⁵Um dos irmãos e discípulos, bem conhecido pela sua fama e cujo nome entendo dever calar porque, vivendo ele ainda, jamais se quis gloriar de tão grande privilégio¹⁷⁷, viu a alma do santíssimo Pai subir direita ao Céu ⁶como uma estrela do tamanho da lua e o fulgor do sol, conduzida por uma pequena nuvem branca vogando sobre um extenso manto de água¹⁷⁸.

111. ¹Por tudo isto seja-nos consentido exclamar: «Como é deveras glorioso este Santo, cuja alma um discípulo viu subir ao Céu! ²Bela como a lua, resplandecente como o sol, fulgurava de glória enquanto era levada ao céu por uma nuvem branca. ³Ó luzeiro do mundo, que na Igreja de Cristo brilhas mais que o sol, já de nós ocultaste o fulgor da tua luz e passaste àquela pátria esplen-

¹⁷⁶ Confusão: estas primeiras palavras da citação são tiradas de Jo 12, 1, enquanto que a sequência da descrição se encontra em Jo 13, 1 e ss.

¹⁷⁷ Segundo Fr. Bernardo de Bessa, trata-se de Fr. Tiago de Assis.

¹⁷⁸ Cf. Sl 28, 3. Expressão só compreensível na figuração astronómica hebraica.

dorosa onde, em vez da nossa pobre companhia, tens a dos anjos e santos! ⁴Ó glorioso amparo digno do mais insigne louvor, não deixes de olhar pelos teus filhos, embora já despojado da mesma carne que ainda nos reveste a nós! ⁵Tu sabes (e que bem o sabes!) os perigos em que deixaste aqueles a quem bastava a tua ditosa presença para se sentirem confortados em tantas fadigas e provações. ⁶Ó pai santíssimo, sempre tão compassivo, sempre tão pronto a cobrir de perdão os filhos pecadores! ⁷Nós te bendizemos, ó pai amoroso, a quem o Altíssimo julgou digno de suas bênçãos, Ele, o eternamente bendito sobre todas as coisas. Ámen!»

CAPÍTULO IX

Pranto e júbilo dos Irmãos ao contemplarem nele os sinais da Cruz. As asas do Serafim.

112. ¹Logo que disto soube, ocorreu o povo em massa, louvando a Deus e dizendo: «Bendito e louvado sejas Tu, Senhor nosso Deus, que, apesar de indignos, nos confiaste este precioso despojo¹⁷⁹. ²Louvor e glória a Ti, Trindade inefável!» ³Toda a cidade de Assis e todo o povo das redondezas acudiu em chusma para contemplar os prodígios divinos que o Senhor de infinita majestade havia operado em seu santo servo. ⁴Todos cantavam hinos de júbilo, consoante lhes pedia o coração; todos bendiziam a onnipotência do Salvador, que tinha atendido aos seus desejos. ⁵Os filhos, contudo, vendo-se privados de um tal pai, com lágrimas e suspiros exprimiam a piedosa afeição dos seus corações.

⁶Uma alegria misteriosa temperava, entretanto, aquela tristeza¹⁸⁰, e a singularidade deste facto mergulhava em profundo assombro os seus espíritos. ⁷Destarte, transformaram-se as lágri-

¹⁷⁹ O corpo do Santo. A Idade Média praticava um culto exagerado das relíquias. Neste mesmo ano (1226), os habitantes de Bettina tinham ido a Assis roubar o corpo de S. Crispoldo (suposto discípulo de São Pedro, que teria evangelizado a Úmbria depois do ano 50). É conhecido o esquartejamento a que foram submetidos, imediatamente após a morte, São Luís, rei de França, e Santa Isabel de Portugal.

¹⁸⁰ Tanto no fundo como na forma, todo o contexto é tributário, mais uma vez, da carta encíclica de Fr. Elias.

mas em júbilo e o luto em cânticos festivos.⁸ Jamais tinham ouvido ou lido coisa semelhante ao que os seus olhos viam e que, de outra forma, se furtariam a acreditar, não fosse aquele testemunho irrecusável.⁹ E o que na verdade viam era a imagem da Cruz e da Paixão do Cordeiro imaculado que lavou os pecados do mundo. Dir-se-ia, ao contemplá-lo, que o tinham descido naquele instante do patíbulo da cruz, com as mãos e pés trespassados pelos cravos, e o lado direito como que varado por uma lança.¹⁰ E viam também a sua carne, antes morena, resplandecer de uma alvura e beleza sobre-humanas, qual penhor de feliz ressurreição.¹¹ O rosto era como o de um anjo, como se vivo estivesse e não morto, e todos os membros tinham a flexibilidade e a frescura dos de uma criança.¹² Não se lhe via endurecida a pele, nem contraídos os nervos, nem rígidos os membros, como acontece aos mortos, antes conservava a mesma maleabilidade que tem um corpo vivo.

113.¹ Enquanto resplandecia aos olhos de todos com tão maravilhosa beleza e a carne se lhe tornava cada vez mais diáfana¹⁸¹, era surpreendente observar no meio das mãos e dos pés, não os alvéolos dos cravos, mas os mesmos cravos formados da própria carne, tendo estes a cor escura do ferro e o lado direito a cor púrpura do sangue.² Estas marcas do seu martírio não confrangiam ninguém: tinham, pelo contrário, esplendor e graça, quais preciosas pedras negras engastadas num pavimento branco.

³ Pressurosos, irmãos e filhos abeiravam-se chorando, beijavam as mãos e os pés do piedoso Pai que os tinha deixado e, logo após, o lado direito alanceado, cuja ferida recordava a d'Aquele que, tendo derramado do Seu peito sangue e água, reconciliou o mundo com o Pai.⁴ Por não menos felizes se tinham aqueles, de entre o povo, que podiam não digo beijar, mas ver ao menos os sagrados estigmas de Cristo impressos em tão santo corpo.

⁵ Quem, perante semelhante espectáculo, não teria rejubilado, mais do que chorado, e derramado lágrimas de gozo, mais que de

¹⁸¹ Sabemos, por outra parte, que a sua tez era morena, quer em razão da enfermidade, quer por ser essa a sua cor natural (LM 15, 2). Cf. Também o *niger natura* na alegoria da galinha *negra* (TC 63; 2C 24).

tristeza? ⁶Quem teria um coração de ferro que não irrompesse em gemidos, vencido pela emoção? ⁷Quem teria um coração de pedra que se não abrisse à compunção ou se não abrasasse de amor a Deus ou se não enchesse de santos propósitos? ⁸Quem seria tão rude, tão insensível que não chegasse a compreender com toda a clareza que um santo assim, honrado com tão singular carisma neste mundo, devia ser exaltado nos céus com inefável glória?

114. ¹Oh dom verdadeiramente único, testemunho de singular amor: ser o escudeiro honrado com as mesmas armas gloriosas que só ao Rei se destinam! ²Oh prodígio digno de memória eterna! Oh sacramento maravilhoso, merecedor de perene e devoto respeito: ver representada de maneira visível à nossa fé o inefável mistério, pelo qual o sangue do Cordeiro imaculado, jorrando copioso das cinco chagas, lavou os pecados do mundo! ³Oh excelso esplendor duma cruz que é fonte de vida, que dá vida aos mortos e cujo peso oprime com tanta suavidade e punge com tanta doçura que, nela a carne morta revive e o espírito enfermo se reanima! ⁴Muito te deve ter amado Francisco, para assim se ter revestido de tanta glória!

⁵Bendito e glorificado seja o Senhor Deus de toda a sabedoria, pois tem sempre milagres e prodígios novos para confortar a mente dos débeis e, mercê de tão manifestas maravilhas, arrebatar os corações ao amor das coisas invisíveis¹⁸²! ⁶Oh amorosa e excelsa providência divina que, para prevenir as desculpas da nossa incredulidade face à singularidade do milagre, quis primeiro realizar n'Aquele que veio do céu¹⁸³ o prodígio que depois havia de consumir miraculosamente num habitante da terra! ⁷Assim quis o Pai das misericórdias mostrar-nos de que prêmio será digno quem se empenhar em amá-l'O com todo o coração: ser acolhido na mais alta das ordens celestes¹⁸⁴, entre os mais próximos de Deus, os anjos.

¹⁸² Reminiscências do prefácio do Natal: *per hunc in invisibilium amorem rapiamur*.

¹⁸³ O serafim de que Celano passará a falar seguidamente.

¹⁸⁴ Os serafins compõem o último e supremo coro dos anjos.

⁸ Sem dúvida o conseguiremos também nós se, à semelhança do serafim¹⁸⁵, distendermos duas asas acima da cabeça, quer dizer, se, a exemplo do bem-aventurado Francisco, elevarmos a Deus todas as nossas boas intenções e tivermos um comportamento recto, com a inalterável preocupação de só a Ele agradar e seguir em todas as coisas. ⁹ Necessário é que estas asas se unam para cobrir a cabeça, significando isto que o pai das luzes não pode aceitar como boas todas as obras que não forem feitas com pureza de intenção. Na verdade, o Senhor disse: ¹⁰ «Se o teu olho é puro, todo o corpo será luminoso, mas se for mau, o teu corpo andarà em trevas»¹⁸⁶.

¹¹ Não são simples os olhos que não vêem o que devem ver, incapazes de descobrir a verdade, como simples não são os que vêem o que não devem ver, por carecerem de pureza de intenção.

¹² No primeiro caso, teremos não simplicidade mas cegueira e, no segundo, pura maldade. ¹³ As plumas destas asas são o amor do Pai que misericordiosamente salva e o temor do Senhor que inflexivelmente julga; são elas que hão-de fazer pairar as almas dos eleitos acima das coisas terrenas, reprimindo as más tendências e suscitando castos sentimentos.

¹⁴ O segundo par de asas destina-se a voar. São estas asas que nos devem lançar ao duplo dever de caridade para com o próximo: alimentar-lhe a alma com palavras de Deus e sustentar-lhe o corpo com os bens da terra. ¹⁵ Estas duas asas raramente se juntam, porque dificilmente pode um só homem satisfazer tais obrigações ao mesmo tempo. ¹⁶ As penas destas duas asas são as diversas acções, pelas quais se leva ao próximo o conselho ou o socorro de que precisa.

¹⁷ Finalmente, as duas últimas asas são as que hão-de cobrir o corpo quando este, desnudado de méritos por causa do pecado, é de novo revestido da inocência, mediante o arrependimento e a confissão. ¹⁸ As suas penas representam os vários afectos nascidos da detestação do pecado e da fome de justiça.

¹⁸⁵ Segue uma explicação alegórica das visões que se registam em Is 6, 1-3 e Ez 1, 5-25. Os elementos de interpelação foram colhidos em S. Gregório.

¹⁸⁶ Mt 6, 22-23.

115. ¹Tudo isto realizou perfeitamente o bem-aventurado Pai. Tendo tido a imagem e a forma de um serafim e persistindo em viver crucificado, mereceu remontar-se à altura dos espíritos celestes. ²Na verdade, jamais ele se desprende da cruz, pois nunca se subtraiu a fadigas e sofrimentos, a fim de poder realizar em si por seu intermédio a vontade do Senhor.

³Os irmãos que com ele viveram sabem muito bem como a toda a hora lhe aflorava aos lábios a recordação de Jesus e com que enlevo e ternura sobre Ele discorria. ⁴Da abundância do coração falava a boca, e a fonte de amor iluminado que por dentro o enchia transbordava fora em fervente cachão. ⁵Que intimidades as suas com Jesus! Trazia Jesus no coração, Jesus nos lábios, Jesus nos ouvidos, Jesus nos olhos, Jesus nas mãos, Jesus presente sempre em todos os seus membros! ⁶Quantas vezes, estando à mesa, esquecia o alimento corporal quando ouvia o nome de Jesus, ou o mencionava, ou pensava nele, e, tal como se lê de um santo, «olhando não via e ouvindo não ouvia»¹⁸⁷. ⁷Mais: indo ele de longada pelo mundo, quantas vezes, meditando e cantando a Jesus, interrompia e esquecia a caminhada para convidar as criaturas todas a louvarem com ele o Criador! ⁸Este amor maravilhoso com que sempre soube albergar e manter no coração a Jesus, e Jesus crucificado, ⁹mereceu-lhe a glória suprema de ser assinalado com o distintivo de Cristo, Filho do Altíssimo que, em êxtase, ele contemplava na glória indizível e incompreensível, sentado à direita do Pai, ¹⁰com o Qual, na unidade do Espírito Santo, vive e reina, triunfa e impera, Deus eternamente glorioso, por todos os séculos. Amen.

CAPÍTULO X

Pranto das Senhoras Pobres de São Damião e as honras e louvores com que foi sepultado

116. ¹Aos irmãos e filhos do bem-aventurado Pai veio juntar-se enorme gentio das terras vizinhas, feliz de participar nas sole-nes exéquias. Todos passaram a noite seguinte à morte do Santo

¹⁸⁷ Alusão a São Bernardo. Vida I 4, 20. Vita II IV, 16.

Pai a cantar os louvores de Deus, e era tal a doçura dos cânticos e o clarão das luzes, que mais parecia uma velada de anjos.

²De manhãzinha, compareceram os habitantes de Assis com todo o clero e, levantado o sagrado corpo do lugar onde havia expirado, foi trasladado para a cidade entre hinos e cânticos e ao som de trombetas. ³Para acompanhar com toda a solenidade os sagrados despojos, levava cada qual um ramo de oliveira ou de outras árvores e, avançando por entre um mar de archotes, todos entoavam em alta voz cânticos de louvor. ⁴Os filhos levando o Pai, o rebanho seguindo o Pastor que ia ao encontro do Pastor universal, chegaram todos ao local onde tinha fundado a Ordem das Senhoras Pobres. ⁵Deposto o sagrado corpo na igreja de São Damião, onde moravam as dilectas filhas por ele conquistadas para Deus, foi aberta a pequena grade através da qual as escravas de Cristo costumam receber em determinados dias o sacramento do Corpo do Senhor. ⁶Aberta foi também a urna que encerrava aquele tesouro de celestiais virtudes e na qual era transportado por poucos quem tantos havia arrastado consigo¹⁸⁸. ⁷Então a senhora Clara, verdadeiramente clara pela riqueza dos seus méritos, primeira mãe de todas as outras e primeira planta de tão religiosa família, aproximou-se com suas filhas para receberem o Pai que não mais lhes falaria e partia para não mais voltar.

117. ¹Ao contemplá-lo fixamente com os olhos cheios de lágrimas, irromperam em longos suspiros e profundos gemidos e, com voz entrecortada, começaram a exclamar: «Pai, que vai ser de nós? Porque nos deixas sozinhas em tamanha desolação¹⁸⁹? ²Porque não nos deste a alegria de te precedermos festivamente no reino da Bem-aventurança, em vez de nos deixares nesta soledade? Como saberemos de futuro o que havemos de fazer, aqui reclusas, sem o conforto da tua presença, como quando nos visitavas? ³Contigo desapareceu toda a nossa consolação; nem mais haverá para nós, sepultadas no mundo, conforto semelhante ao que nos

¹⁸⁸ Cf. Is 46, 4, 63, 9.

¹⁸⁹ São as palavras que a liturgia põe na boca dos discípulos de São Martinho de Tours que assistem à sua morte. A frase já era textual em Sulpício Severo; Celano não teve mais que adaptá-la ao feminino.

dispensavas. ⁴Quem, ó Pai dos pobres, nos ajudará em tamanha pobreza, não menos de méritos que de bens materiais? Quem nos socorrerá nas provações, agora que nos faltas tu, que tantas e tão perfeitamente as soubeste vencer e superar? ⁵Quem nos há-de consolar na tribulação senão tu, que foste o nosso conforto em tantas que já padecemos? ⁶Amarga separação, cruel ausência! Oh morte sem entranhas, que matas tantos milhares de filhos e filhas, privando-os de um tal pai, morte que tão cedo e tão inexoravelmente nos arrebatas para sempre aquele a quem devemos os melhores frutos do nosso esforço, se algum esforço fizemos».

⁷Finalmente, o pudor virginal acabou por lhes moderar um tão copioso pranto. Não era bem chorarem assim, desabaladamente, aquele que no seu passamento havia merecido a presença dos anjos e provocado tanta alegria na casa de Deus e na cidade dos santos.

⁸Assim suspensas entre a consternação e a alegria, osculavam-lhe aquelas mãos singulares, onde os estigmas fulguravam como pedras preciosas. Finalmente, levaram-no dali e fechou-se para elas uma porta que jamais voltaria a abrir-se para dor semelhante¹⁹⁰.

⁹Que desmedida era a mágoa de todos os presentes ante os aflitivos e piedosos gemidos daquelas virgens! ¹⁰Que lamentoso, mais ainda, o pranto de tão desconsolados filhos! Não havia quem não partilhasse da sua dor, ou resistisse às lágrimas, vendo chorar tão amargamente aqueles anjos da paz.

118. ¹Por fim, chegado o cortejo à cidade, com alegria e júbilo depuseram o santíssimo corpo no lugar que, sendo já sagrado, mais sagrado ficou sendo com a presença de tão santos despojos¹⁹¹. Para glória do sumo e onnipotente Deus, daqui continua ele a iluminar o mundo com os seus milagres, do mesmo modo que antes o iluminava com a sua maravilhosa pregação. *Deo gratias. Amen.*

²Santíssimo e abençoado Pai, procurei honrar-te com justos e merecidos louvores, ainda que por certo insuficientes, e, como pude,

¹⁹⁰ Esta porta, ou grade de ferro, através da qual Santa Clara recebia a comunhão, e que foi retirada para que as religiosos pudessem ver pela última vez o seu santo Pai, encontra-se actualmente em Assis, na capela do Santíssimo Sacramento da basílica de Santa Clara.

¹⁹¹ A igreja de São Jorge, incorporada hoje na basílica de Santa Clara.

narrei a tua gesta. ³Em recompensa, concede a este pobre a graça de te seguir nesta vida com tanta fidelidade que, por divina misericórdia, mereça alcançar-te na futura. ⁴Lembra-te piedosamente dos pobres filhos, de quem foste a única consolação, e buscam em vão algum conforto. ⁵Tu, primeira e melhor porção da sua herança, foste recebido entre os coros dos anjos, na companhia dos Apóstolos; eles, pelo contrário, jazem atolados na lama e como encerrados em tenebroso cárcere, donde por ti chamam, entre lágrimas: ⁶«Apresenta, Pai santo, a Jesus Cristo, Filho do sumo Pai, as chagas que Ele imprimiu no teu lado; mostra-Lhe os sinais da Sua cruz nos teus pés e nas tuas mãos, para que Ele, por Sua vez, Se digne mostrá-las ao Pai, o Qual, por certo nelas atentando, usará sempre de piedade connosco, pobres pecadores. *Ámen! Fiat. Fiat.*

Termina aqui o Segundo Livro.

TERCEIRA PARTE

**Canonização e milagres do nosso bem-aventurado
Pai Francisco**

119. ¹No vigésimo ano da sua conversão, o gloriosíssimo Pai, concluindo dignamente um feliz começo, entregou venturosamente a Deus o seu espírito. De glória e majestade coroados, com assento no meio dos Querubins¹⁹², intercede com amorosa solicitude junto do trono de Deus por aqueles que deixou na terra. ²Como é possível ficarem sem resposta as súplicas deste eleito, se nos seus membros tem impressos os estigmas sagrados d'Aquele que, sendo igual ao Pai, está sentado à direita do Deus da majestade e é irradiação da sua glória, expressão do seu ser, expiação pelos nossos pecados? ³Como não há-de ser ouvido quem, configurado com Cristo e havendo participado na sua Paixão e Morte, tem nas mãos, nos pés e no lado, as suas mesmas chagas?

⁴Verdadeiramente, ele inunda o mundo inteiro de uma alegria nova e a todos oferece os meios da verdadeira salvação. ⁵Por sobre o mundo irradia a luz fulgentíssima dos seus milagres e ilumina todo o orbe com o fulgor de um verdadeiro astro. ⁶Ainda há pouco o mundo chorava ao ver-se privado da sua presença. Era como se, morto ele, tivesse caído num abismo de trevas. ⁷Agora, porém, ao ver surgir este novo luminar, ao sentir-se investido pelos raios duma luz de tão meridiano fulgor, sente que já as trevas se dissiparam¹⁹³. ⁸Cessou o pranto, renasceu a alegria, e, Deus louvado, por toda a parte e por seu mérito, voltam a florir as virtudes que se-meou. ⁹Disso houvemos testemunho da boca daqueles mesmos que, vindos do levante e do poente, do setentrião e do meio-dia, foram os beneficiários do seu patrocínio. ¹⁰Enquanto viveu, não se afeiçoou senão às coisas do Alto e recusou toda e qualquer propriedade neste mundo, a fim de possuir em plenitude o soberano Bem. ¹¹Por isso, tem agora poder sobre o universo inteiro quem

¹⁹² Textualmente: *in medio lapidum ignitorum*, no meio das pedras de fogo. Ez 28, 14. Cf. Lm 3,3.

¹⁹³ Tanto este parágrafo como o seguinte contém numerosas reminiscências litúrgicas. Cf. o precônio *Exultet*.

dele nada quis e preferiu a eternidade ao tempo finito.¹² Em toda a parte ajuda a todos, em todo o lugar está presente: ele que tanto amava a união, não conhece a nefasta parcialidade.

120.¹ Quando vivia entre os pecadores, percorria o mundo a anunciar o Evangelho; agora que reina com os anjos no céu, voa mais rápido que o pensamento para levar a todos os povos a sua ajuda, qual mensageiro do grande Rei.² Toda a humanidade o venera, glorifica e louva,³ pois não há quem não beneficie da sua bondade.⁴ Quem poderá enumerar e descrever os milagres que o Senhor se dignou realizar por seu intermédio em tantas partes do mundo?⁵ Inumeráveis são, por exemplo, os que realizou só em França, onde o soberano, a rainha e todos os grandes do reino acorrem a beijar e venerar a almofada usada por S. Francisco em sua enfermidade¹⁹⁴.⁶ Aí, até os sábios e os homens mais cultos do mundo – só Paris os tem em maior número que nenhum outro lugar da terra – testemunham humildemente a sua veneração pelo grande iletrado enamorado da verdadeira simplicidade, pelo homem de coração incomparavelmente nobre e sincero!⁷ Que bem lhe quadra o nome de Francisco, tendo tido, como ninguém, um coração verdadeiramente franco¹⁹⁵ e magnânimo!⁸ Quem conheceu a sua grande alma tem sobejas provas de como ele foi liberal e prezou sempre a liberdade, e de como em todas as circunstâncias foi intrépido e corajoso, mormente na recusa dos bens deste mundo.

⁹ E que dizer dos outros países, onde agora, mercê do contacto de pobres coisas suas, como o seu cordão, afugenta malefícios, cura enfermidades, e multidões de homens e mulheres, só com invocarem o seu nome, se vêem livres das mais calamitosas enfermidades?

¹⁹⁴ O rei a que se refere é, provavelmente, São Luís, que no tempo de Celano era ainda uma criança, sob a regência da mãe, Branca de Castela, chamada precisamente «rainha da França».

¹⁹⁵ Etimologicamente, de «frank», isto é, livre, audaz, magnânimo. O significado de um nome tinha grande importância na Idade Média. Todavia, aqui, como acima, quanto ao nome de Clara, Celano vê algo mais que uma etimologia fantástica.

121. ¹Também sobre a sua sepultura se operam frequentes milagres, e, à medida que as petições se vão tornando mais insistentes, novos e maravilhosos prodígios, espirituais e corporais, se vão conhecendo: ²os cegos recuperam a vista, os surdos ouvem, os coxos andam, falam os mudos, salta o gotoso, o leproso alimpa-se, emagrece o hidrópico e incontáveis doentes de várias enfermidades recobram a saúde perdida. Assim, morto ele, cura os corpos vivos, tal como em vida ressuscitava as almas mortas.

³Tais maravilhas chegam ao conhecimento do romano Pontífice, o primeiro de todos os bispos, guia dos cristãos, senhor do mundo, pastor da Igreja, ungido de Deus e vigário de Cristo. ⁴Com elas se alegra sumamente, pois é graças a ele, ao filho das suas entranhas, acalentado em seu regaço e nutrido com o leite da palavra e com os manjares da salvação, que vê a Igreja de Deus renovar-se em prodígios semelhantes aos antigos, mas de significação nova. ⁵A fama chega por igual aos ouvidos dos prelados e pastores da grei cristã, os veneráveis cardeais, defensores da fé, amigos e familiares do Esposo, seus colaboradores e sustentáculos do mundo. ⁶Também eles se congratulam com a Igreja, rejubilam com o Papa e louvam o Salvador, que, por inefável sabedoria, suma graça e inestimável bondade, escolheu o néscio e desprezado do mundo para atrair os grandes e os poderosos. ⁷Finalmente, a terra inteira escuta e aplaude, e todos os reinos da Cristandade transbordam de júbilo e se deixam penetrar de santa consolação.

122. ¹Inesperadamente, porém, as coisas modificam-se e surge um novo problema no mundo. ²À fruição da paz sucede a turbacão dos espíritos. Violentas discórdias e invejas reacendem a luta no seio da Igreja. ³Os romanos, gente assomadiça e sediciosa, caem sobre os vizinhos e levam o atrevimento a porem mãos nas coisas de Deus¹⁹⁶. ⁴Respaldado em seu baluarte, tudo faz o papa Gregório

¹⁹⁶ *Ad sancta manus extendunt*, no texto original. Frederico II, imperador da Alemanha, possuía também a Itália do Norte e, por parte de sua mãe, o reino das Duas Sicílias. Assim apertava ele o território pontifício dentro duma tenaz. Gregório IX ia-lhe recordando sem cessar o voto de partir para a cruzada. Frederico simulou a partida e foi excomungado. O imperador invadiu então os Estados pontifícios e fez com que o povo romano se sublevasse, como na realidade aconteceu na

por conter o mal, refrear o ódio, domar a violência e defender a Igreja de Deus.⁵ Mas os perigos aumentam, tudo vai de mal a pior e, algures, são até os próprios pecadores a ousarem insurgir-se vãmente contra Deus.⁶ Que fazer? Após exame atento da situação e ajustada visão do futuro, decide o Pontífice abandonar a Urbe aos insurrectos, a fim de evitar que a revolta alastre a outras regiões.⁷ Dirige-se a Rieti, onde é recebido com as devidas honras, e passa de seguida a Espoleto, onde é também alvo de grande veneração. Breve, porém, é a demora nesta cidade.⁸ Sem descurar em momento algum os interesses da Igreja, aproveita o ensejo para, na companhia dos venerandos cardeais, visitar as servas de Cristo, mortas e sepultadas para o mundo¹⁹⁷.⁹ A sua vida santa e a altíssima pobreza de tão gloriosa instituição arrancam lágrimas de comoção ao Pontífice e à sua comitiva e acordam em todos um maior desprezo pelo mundo e um propósito de maior fidelidade às exigências do próprio estado.

¹⁰ Tocante humildade: o príncipe do Universo, o sucessor do príncipe dos Apóstolos, visita as Senhoras Pobres, obscuras e humildes prisioneiras! Humildade bem digna de tão alto espírito, humildade sem precedentes nos séculos passados, ainda que tão conforme ao espírito cristão!

123. ¹ Aligeira o passo e corre a Assis em demanda do precioso tesouro, junto do qual espera ver dissipadas as nuvens das dolorosas tribulações que o oprimem. ² À sua chegada, todo o povo da cidade e arredores o acolhe festivamente, e de novas claridades se enche tão luminoso dia. ³ Todos saem ao seu encontro em solene cortejo e, a recebê-lo, ⁴ surge a piedosa comunidade dos irmãos pobres, entoando hinos de glória ao ungido do Senhor. ⁵ Apenas chegado, reverente e feliz, o Vigário de Cristo encaminha-se de imediato para o túmulo de S. Francisco e, ao venerá-lo, ⁶ irrompe

segunda-feira de Páscoa de 1228, durante a missa de Gregório IX na basílica de São Pedro (daí a frase de Celano «ad sancta manus extendunt»). O papa não voltou a Roma senão depois de 1230.

¹⁹⁷ As Senhoras Pobres, ou Clarissas, do mosteiro de São Paulo, perto de Espoleto.

em suspiros, bate no peito, chora e sobre ele reclina devotamente a veneranda cabeça.

⁷Procede-se então à solene abertura do processo de canonização e sucedem-se as reuniões dos cardeais. De toda a parte aflui gente por quem o Santo havia intercedido na libertação dos seus males. ⁸Atestam-se e discutem-se numerosíssimos milagres e, verificados eles, são aprovados. ⁹Entretanto, deveres inadiáveis do múnus pastoral reclamam a presença do Pontífice em Perúsia¹⁹⁸. São breves momentos, aliás, pois logo volta a Assis, a fim de se ocupar de tão importante causa. ¹⁰De novo em Perúsia, o Papa convoca para os seus aposentos o colégio cardinalício e neles celebra o sagrado consistório. ¹¹Todos se manifestam unânimes, todos lêem a relação dos milagres com profunda veneração, e com as mais elogiosas palavras enaltecem a vida e santidade do bem-aventurado Pai.

124.¹ «A santidade deste homem – afirmam – não carece da atestação dos milagres. Nós próprios vimos com os nossos olhos, nós tocámos e comprovámos com as nossas próprias mãos, como o exigia o respeito pela verdade». ²Transbordando de felicidade, todos exultam e choram ao mesmo tempo, e há nesse pranto uma plenitude de bênçãos. ³Sem mais delongas, é fixado por último o dia bendito que há-de encher de santa alegria o orbe inteiro¹⁹⁹.

⁴E esse dia surge, finalmente, dia solene e para sempre venerável, a inundar de gozo imenso não só a terra inteira como as celestes mansões. Acorrem bispos, abades e prelados, convocados das mais remotas paragens. ⁵Está presente um rei²⁰⁰ e acode igualmente toda uma nobre teoria de condes e grandes senhores. ⁶É formado um luzido e pomposo cortejo de escolta ao Senhor de todo o orbe, e com ele entram triunfalmente na cidade de Assis. ⁷Chegados ao lugar preparado para tão solene celebração²⁰¹, os

¹⁹⁸ De 13 de Junho a 13 de Julho de 1228.

¹⁹⁹ O dia da canonização, 16 de Julho de 1228.

²⁰⁰ João de Brienne, coroado rei de Jerusalém em 3 de Outubro de 1210 e que terminará os seus dias convertido em frade menor. Morto em 23 de Março de 1237, foram os seus restos depositados na igreja de S. Francisco, em Assis.

²⁰¹ Nas cercanias da igreja de São Jorge, então situada fora das muralhas.

cardeais, bispos e abades dispõem-se de um e outro lado do Papa,⁸ e com eles está também a mole imensa dos sacerdotes e clérigos, a jubilosa e sagrada assembleia dos religiosos, a comunidade das religiosas, humildes e recatadas, e, por fim, a multidão compacta dos fiéis.⁹ Feliz de poder estar presente a tão extraordinária assembleia, viera gente de toda a parte e de todas as idades, vendo-se lado a lado o pequeno e o grande, o servo e o liberto.

125.¹ Preside o Esposo da Igreja de Cristo, o soberano Pontífice, rodeado pela tão vária multidão dos filhos,² ostentando na cabeça a coroa de glória, como a significar diante de todos ser ele o santo do Senhor²⁰².³ De pé, na magnificência da sua glória, luzindo as mais esplêndidas jóias e revestido com ornamentos pontifícios bordados a ouro e recamados de pedrarias, é alvo de todos os olhares.⁴ Rodeiam-no cardeais e bispos, e as vestes de todos eles, brancas como a neve, sugerem os esplendores do céu e prefiguram a alegria dos eleitos.⁵ Todo o povo se mantém suspenso na iminência da palavra da jubilosa e solene proclamação que irá desencadear a sua alegria e que para sempre guardará na memória, qual bênção perene.

⁶Fala em primeiro lugar o papa Gregório. Dirigindo-se a toda a assembleia, anuncia com voz vibrante e afectuosa comoção as maravilhas de Deus.⁷ Depois, com palavras magníficas faz o elogio do pai Francisco, emocionando-se até às lágrimas ao reevocar a pureza da sua vida.⁸ Assim começa ele a sua alocução: «Como a estrela da manhã cintilando por entre as nuvens, como a lua resplandecente em seu plenilúnio e como o sol refulgindo, assim brilhou este homem no templo de Deus»²⁰³.⁹ Proferida a oração, pontualmente fidedigna e em absoluto exacta, um dos subdiáconos do senhor Papa, chamado Octaviano²⁰⁴, lê com voz potente, perante a magna assembleia, a relação dos milagres do Santo.¹⁰ Em extremo comovido, o senhor Rainério, cardeal diácono, homem de

²⁰² Entre os hebreus, a tiara do Sumo Sacerdote tinha escritas estas palavras: «Santo do Senhor» (Ecl 45, 14).

²⁰³ Ecl 50, 6-7.

²⁰⁴ Primo de Inocêncio III, foi cardeal sob Inocêncio IV. Gregório IX tinha por ele particular estima.

subtil engenho e ilustre por sua piedade e costumes, comenta-os depois com palavras sagradas²⁰⁵. ¹¹Exulta o Pastor da Igreja e, entre soluços e suspiros que lhe brotam do fundo da alma, dá livre curso às lágrimas. ¹²Choram também os demais prelados presentes, e tão copioso é o pranto que chega a humedecer-lhes os paramentos sagrados. ¹³Por fim, chora também o povo, na impaciente e amorosa tensão da espera.

126. ¹De pé, o Papa ergue então os braços ao céu e exclama com voz vibrante: «Para louvor e glória de Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, da bem-aventurada Virgem Maria, dos bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo, e para honra da Igreja romana, com o conselho dos nossos Irmãos²⁰⁶ e demais prelados, venerando nós na terra a quem Deus exaltou no céu, estabelecemos que o beatíssimo pai Francisco seja inscrito no catálogo dos Santos e a sua festa celebrada no dia do aniversário da sua morte».

²Terminadas estas palavras, os venerandos cardeais, juntamente com o Papa, entoam em voz alta o *Te Deum*. ³A multidão responde cantando em coro os louvores do Altíssimo. Ecoa na terra um coral de aclamações, vibram no ar brados de alegria, banha-se o chão de lágrimas. ⁴Sobem ao céu inspirados cânticos novos²⁰⁷, e com eles exultam os servos de Deus. ⁵Com vozes moduladas são cantados hinos espirituais, ao som de maviosos instrumentos²⁰⁸. ⁶A atmosfera impregna-se de suaves perfumes e pairam no ar festivas melodias que enternecem os corações. ⁷Verdejantes, ondulam as franças das oliveiras e de outras árvores. Todo um

²⁰⁵ Rainério Cappoci, cisterciense, cardeal desde 1216 e grande amigo da nova Ordem. Foi ele quem compôs o hino *Plaude* e a antífona *Caelorum candor splenduit*, em louvor de S. Francisco.

²⁰⁶ Os cardeais.

²⁰⁷ A utilização duma expressão bíblica (Sl 32, 3; 95; 97,1), podendo ser meramente retórica, não exclui necessariamente a hipótese de uma alusão aos trechos compostos pelo próprio Gregório IX para a canonização e que passaram depois para o Ofício do dia 4 de Outubro: o hino *Protes de coele*, o responso *De paupertatis horreo* e a sequência *Caput draconis*.

²⁰⁸ Julião de Espira assinala expressamente o uso de instrumentos, inclusivamente o de trombetas, (*Vita* n.74).

brilhante aparato festivo põe fulgurações nos rostos dos presentes e a bênção da paz inunda-lhes os corações de alegria.

⁸Finalmente, o bem-aventurado papa Gregório baixa do esplendor do sólio e penetra no santuário²⁰⁹ para oferecer dons e sacrifícios. Beija em transportes de júbilo o túmulo que encerra o precioso corpo consagrado ao Senhor, ⁹eleva ao céu repetidas preces e celebra os mistérios sagrados. ¹⁰Formando coroa, rodeiam-no os irmãos, que louvam, adoram e bendizem o Senhor omnipotente, autor de tantas maravilhas em toda a terra. ¹¹O povo inteiro associa-se aos louvores e, em honra da excelsa Trindade, rende graças a S. Francisco. Ámen.

¹²Tudo isto sucedeu na cidade de Assis no dia 16 de Julho do segundo ano do pontificado do senhor papa Gregório IX.

²⁰⁹ A igreja de São Jorge. Celano precisa que entrou nela *per inferiores gradus* (por um pequeno átrio? Descendo escadas?) Como a igreja já não existe, esse pormenor nada nos diz. A precisão e abundância de minúcias, como esta, poderia indicar que Celano, então em Itália, assistiu às cerimónias que descreve.

MILAGRES DE S. FRANCISCO

Em nome de Cristo começa a relação dos milagres do nosso santíssimo Pai Francisco

127. Invocando humildemente a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo e no propósito de mover a maior devoção os nossos contemporâneos e tornar mais sólida a fê dos vindouros, vamos transcrever com brevidade, mas fielmente, os milagres que, segundo acima dissemos, foram lidos e anunciados ao povo, estando presente o senhor papa Gregório.

Paralíticos curados

No mesmo dia em que o sacrossanto corpo do bem-aventurado pai Francisco, embalsamado pelos aromas do céu, mais do que pelos perfumes da terra, foi encerrado no sepulcro como um tesouro preciosíssimo, levaram até junto dele uma menina que havia já um ano tinha o pescoço horivelmente torcido e a cabeça de tal maneira pendida e enterrada no ombro que não podia olhar para cima senão de soslaio. Teve por algum tempo a cabeça apoiada na urna em que repousa o corpo do Santo e imediatamente, pelos méritos dele, endireitou o pescoço e a cabeça recobrou a posição normal. Tão surpreendida ficou a pobre com a súbita transformação que, chorando, abalou dali a correr. Devido à enfermidade por tanto tempo padecida, ficou-lhe um rebaixo no ombro em que apoiava a cabeça.

128. No condado de Narni havia um rapazinho com uma perna de tal maneira deformada que não podia andar senão com a ajuda de muletas. Era pobre e vivia de esmolas, pois além de ser aleijado há muito, nem sequer conhecia os pais. Livre do dito mal pelos méritos do nosso bem-aventurado pai Francisco, daí em diante andou sempre sem muletas, louvando e bendizendo a Deus e ao seu fiel servo.

129. Um habitante de Folinho, chamado Nicolau, tinha a perna esquerda tolhida. Exasperado com dores agudíssimas, tanto gastou em médicos para recuperar a saúde perdida, que andava carregado de dívidas superiores às que podia eventualmente saldar. Vendo que os tratamentos não levavam a nada e que as dores, de tão violentas, não deixavam dormir os vizinhos com os gritos que dava, confiou-se a S. Francisco e fez-se transportar ao seu sepulcro. Tendo passado uma noite em oração diante do túmulo do Santo, a perna descontraíu-se finalmente e pôde voltar para casa sem mulhetas, louco de alegria.

130. Uma criança tinha uma perna tão deformada que o joelho estava colado ao peito e o calcanhar à coxa. Enquanto seguiam com ela para o sepulcro do bem-aventurado Francisco, ia o pai revestido de áspero cilício e a mãe impunha-se a si mesma severas penitências, a fim de obterem a cura do filho. Tão pronta e completa foi a cura, que deitou logo a correr pela praça fora, sã e radiante, dando graças a Deus e a S. Francisco.

131. Havia na cidade de Fano um outro infeliz com as pernas estropeadas. Além de coladas ao corpo, estavam tão ulceradas que os enfermeiros, não lhe suportando o cheiro, se recusavam a recebê-lo e a tratá-lo no hospital. Havendo implorado a compaixão do beatíssimo pai Francisco, teve pouco depois a alegria de se ver completamente curado, graças aos seus méritos.

132. Uma menina de Gúbio tinha as mãos tolhidas e havia já um ano que perdera também o uso dos membros. Esperançada na cura, a ama levou a menina ao túmulo do bem-aventurado pai Francisco e ofereceu-lhe um círio do seu tamanho²¹⁰. Esteve ali por espaço de oito dias, findos os quais recuperou de tal maneira o exercício dos membros que ficou apta a realizar tudo quanto antes fazia.

²¹⁰ Era costume bastante espalhado na Idade Média oferecer como ex-voto figuras de cera, de pão ou de metal do mesmo peso ou medida do suplicante (cf. *Documents*, p. 330, nota 1).

133. Outro rapazinho, de Montenero, que, por estar entrevado da cintura para baixo, não podia sentar-se nem caminhar, esteve vários dias estendido à porta da igreja onde repousa o corpo de S. Francisco. Um dia, arrastou-se até dentro e, tocando o túmulo do beatíssimo pai Francisco, saiu são e salvo. Contava este rapaz que, jazendo ao pé do túmulo do glorioso Santo, parou diante dele um jovem vestido com o mesmo hábito dos irmãos. Estava em cima do sepulcro e tinha na mão umas pêras. Chamou ele o rapaz e ofereceu-lhe uma pêra, animando-o a que se levantasse. Pegou este na pêra e disse: «Bem vês que sou paralítico; não me posso mexer». Comeu a pêra e estendeu a mão para receber uma outra que o mesmo jovem lhe oferecia. De novo foi convidado a levantar-se, mas, incapacitado pela enfermidade, não se moveu. Porém, ao estender a mão na direcção da pêra, ao mesmo tempo que lhe dava o jovem, este agarrou o rapazinho e encaminhou-o para fora, desaparecendo em seguida. Ao ver-se curado, pôs-se o rapaz a clamar em alta voz, contando a todos o que lhe tinha acontecido.

134. Uma mulher de Coccorano que tinha perdido o uso de todos os músculos, salvo o da língua, foi transportada numa maca ao túmulo do santo Pai. Após breves instantes, levantou-se completamente curada.

Também um habitante de Gúbio, que levou dentro duma ceira o filho paralítico ao túmulo do Santo, pôde reavê-lo são e salvo. Tão disforme estava que tinha as tíbias completamente definhadas e cosidas aos fêmures.

135. Bartolomeu, da cidade de Narni, em extremo pobre e necessitado, tinha-se deitado à sombra de uma nogueira e, ao acordar, teve a dolorosa surpresa de se ver tão tolhido que não podia caminhar. Agravou-se o mal de dia para dia, a perna e o pé afectados foram-se encurvando e insensibilizando de tal modo que nem golpes nem queimaduras ele sentia. O enamorado dos pobres e pai de quantos padecem, o santíssimo Francisco, apareceu-lhe em sonhos certa noite e recomendou-lhe que fosse banhar-se a determinado sítio, pois que, apiedado de tanta miséria, tinha decidido curá-lo. Mas como, ao acordar, não soubesse que resolução tomar, referiu pormenorizadamente a visão ao bispo da cidade que logo o

encorajou a ir banhar-se onde lhe fora indicado, fez sobre ele o sinal da cruz e abençoou-o. Conforme pôde, meteu-se a caminho para o lugar indicado, apoiado a um bastão. Caminhava ele triste e atormentado com dores intensíssimas, quando, de repente, ouviu uma voz que lhe disse: «Segue na paz do Senhor. Eu sou aquele a quem te confiaste». Já perto dos banhos, enganou-se no caminho, devido à escuridão da noite. Voltou a ouvir a mesma voz que o advertia agora de ir enganado e o encaminhou para os banhos. Aí chegado e penetrando na água, sentiu que alguém lhe pousava as mãos, uma no pé e outra na perna, ao mesmo tempo que esta se distendia suavemente. Sentindo-se curado, saltou imediatamente da água louvando e bendizendo a onipotência do Criador e o bem-aventurado Francisco, seu servo, a quem Ele tanta graça e força tinha concedido. Havia já seis anos que este homem vivia de esmolas e era de idade avançada.

Cegos que recobram a vista

136. Uma mulher chamada Sibila, cega havia muitos anos e vivendo por isso em apagada tristeza, foi levada ao sepulcro do santo varão de Deus. Recobrou a luz que tinha perdido e, alegre e feliz, voltou para casa.

Um cego de Spello recobrou também a vista, de há muito perdida, diante do sepulcro do glorioso corpo.

Havia uma outra mulher, em Camerino, completamente cega do olho direito. Os pais, ao mesmo tempo que faziam uma promessa, colocaram sobre ela um pano que tinha sido tocado pelo bem-aventurado Francisco e deram graças a Deus e ao Santo por lhe terem restituído a luz.

Coisa parecida ocorreu a uma mulher de Gúbio, a qual não acaba de se alegrar por ter recuperado a vista no seguimento de uma promessa.

Um cidadão de Assis, cego havia já cinco anos, e que em vida do Santo gozara da sua amizade, tanto pediu a sua intercessão invocando aquela favorável circunstância que se viu curado apenas lhe tocou o túmulo.

Um tal Albertino de Narni tinha perdido completamente a vista e as pálpebras descaíam-lhe sobre as maçãs do rosto. Con-

fiou-se ao bem-aventurado Francisco e imediatamente ficou curado. Cheio de gratidão, foi depois visitar o glorioso túmulo.

Possessos do demónio

137. Vivia na cidade de Folinho um homem chamado Pedro. Indo ele visitar o santuário de São Miguel Arcanjo²¹¹, não se sabe se para satisfazer alguma promessa, se para cumprir alguma penitência imposta – deu no caminho com uma fonte. Cansado e cheio de sede, parou para beber, mas, ao beber dessa água, pareceu-lhe ter tragado uma caterva de demónios. E assim foi, com efeito: durante três anos andou possesso deles e fazia coisas tão horrendas de se verem que nem contar se podem. E foi também ele ao túmulo do santíssimo Pai, apesar de os demónios, enfurecidos, o maltrataram cruelmente. Porém, bastou-lhe tocar o sepulcro para logo se operar nele o prodígio. Ficou tão surpreendentemente livre, que o milagre, de tão evidente, se deve ter por irrecusável.

138. Uma mulher de Narni, acometida de fúria brutal e privada do juízo, fazia coisas horríveis e dizia os maiores disparates. Apareceu-lhe numa visão o bem-aventurado Francisco e disse-lhe: «Faz sobre ti o sinal da cruz». E ao responder «Não posso», fê-lo o Santo e dela desapareceram a loucura e a diabólica exaltação.

Muitos outros homens e mulheres atormentados pelos demónios com vários suplicios e abusados com muitos enganos, viram-se livres da sua escravidão pelos méritos insignes do santo e glorioso Pai.

E como esta classe de gente costuma ser fácil presa de ilusões, é suficiente quanto acabamos de referir, pelo que passamos a factos mais importantes.

Comatosos, sinistrados, hidróticos e outros

139. Um menino chamado Mateus, da cidade de Todi, esteve de cama como morto durante oito dias. Boca hermeticamente fechada, olhos apagados, pele tão enegrecida que nem fundo de sertão

²¹¹ O famoso santuário Gárgano, meta de muitas peregrinações.

ao lume, já todos desesperavam de o ver salvo, quando a mãe fez uma promessa ao Santo e a saúde voltou rapidamente. Começou por vomitar sangue apodrecido com tais arrancos que mais parecia querer expelir os intestinos. Pondo-se de joelhos, a mãe invocou humildemente o nome de S. Francisco e, apenas se levantou, começou o menino a abrir os olhos, a ver claro e a pedir o peito. Sobreveio pouco depois a descamação da pele negra, esta voltou à carnação natural e pôde recuperar as forças e a saúde.

Apenas o viu fora de perigo, perguntou-lhe a mãe: «Quem foi que te curou, meu filho?» E ele, balbuciando: «O Chico, o Chico!» Perguntaram também: «A quem deves tu agradecer?» E ele, de novo: «O Chico, o Chico!» Pequenino como era, não conseguindo pronunciar correctamente o nome de Francisco, recorria àquele balbuceio infantil.

140. Por ter caído de grande altura, um jovem ficou com os membros fracturados e perdeu a fala. Esteve três dias em estado de coma, sem comer nem beber. Não dando sinais de vida, todos o julgaram morto. A mãe, não querendo mais saber de médicos, pediu ao Santo que o salvasse. Feita uma promessa, pôde reaver o filho são e salvo e prorrompeu em louvores ao Salvador Todo-Poderoso.

Um outro, Mancino de seu nome, ferido de mortal enfermidade e já desenganado de todos, invocou o nome de S. Francisco e imediatamente recobrou a saúde.

Havia em Arezzo um menino chamado Gualter, que, além de achacado de febres contínuas, tinha dois abscessos. Estava já desenganado dos médicos quando os pais fizeram uma promessa a S. Francisco e, graças a ele, obtiveram a cura.

Um doente estava moribundo quando encomendou uma vela do seu tamanho. Ainda a vela não estava pronta e já ele se sentia curado.

141. Havia já muitos anos que uma mulher estava presa ao leito, devido a uma enfermidade que lhe tolhia por completo os movimentos. Confiou-se a Deus e a S. Francisco, e ficou completamente curada. Desde então, pôde ela bastar-se a si própria e ocupar-se da lida da casa.

Uma outra, de Narni, tinha uma das mãos mirrada havia já oito anos e nada podia fazer com ela. Um dia apareceu-lhe S. Francisco numa visão e, ao estender para o Santo a mão enferma, ficou esta completamente sã, como a outra, e igualmente apta para o trabalho.

Um outro jovem da mesma cidade havia já dez anos que sofria de uma gravíssima enfermidade. Estava de tal maneira inchado, que não havia remédios que lhe valessem. Fez a mãe uma promessa a S. Francisco e imediatamente recobrou a saúde.

Também um hidrópico de Fano, com o corpo espantosamente tumefacto, ficou livre desse mal pelos méritos de S. Francisco.

Um habitante de Todi sofria de gota artrítica. Não podia estar sentado nem deitar-se na cama. A violência da dor causava-lhe tais calafrios, que todos o tinham por um homem liquidado. Chamou médicos, esgotou medicamentos, mas em vão. Um dia, fez uma promessa a S. Francisco na presença de um sacerdote e, implorando a sua intercessão, ficou instantaneamente curado.

142. Uma paralítica de Gúbio foi curada depois de ter invocado três vezes o nome do bem-aventurado Francisco.

Um certo Bontadoso sofria dores tão agudas nos pés e nas mãos que não podia mexer-se nem caminhar. Além disso, tinha perdido o apetite e o sono. Um dia, chegou-se a ele uma mulher e animou-o a confiar-se devotamente ao bem-aventurado Francisco, se queria ver-se livre da enfermidade. O enfermo, fora de si com a violência do sofrimento, respondeu: «Não acredito na santidade dele». Porém, ante a insistência da mulher que o aconselhava a fazer a promessa, formulou-a o doente nestes termos: «Confio-me a S. Francisco e acreditarei na sua santidade se me livrar deste mal no espaço de três dias». Pelos méritos de S. Francisco foi logo curado e pôde caminhar, comer e dormir, dando glória a Deus onnipotente.

143. Um homem foi atingido gravemente por uma seta de ferro que, entrando pela órbita ocular, lhe ficou espetada no crânio. Como os médicos se declarassem impotentes para lhe valer, confiou-se devota e humildemente ao santo de Deus Francisco, na esperança da cura. Enquanto dormitava, ouviu S. Francisco dizer-

-lhe que a extraísse pela nuca. No dia seguinte foi operado em conformidade com a indicação do Santo e ficou livre, sem dificuldade de maior.

144. Um homem da povoação de Spello, chamado Imperador, havia dois anos que sofria de uma hérnia. Era de tal forma que os intestinos lhe caíam do baixo-ventre. Para os segurar, era obrigado a prensá-los com uma almofada. Recorreu aos médicos na esperança de alívio, mas, ao exigirem-lhe honorários superiores às suas posses e vivendo ele do seu dia a dia, desesperou decididamente de tais serviços. Perante isto, voltou-se para Deus e começou a invocar com toda a humildade a intercessão de S. Francisco, o que fazia por toda a parte, na rua, em casa, onde quer que fosse. E sucedeu-lhe que, pouco depois, por obra e graça de Deus e dos méritos do bem-aventurado Francisco, recobrou por completo a saúde.

145. Um irmão da nossa Ordem, da Marca de Ancona, sofria muitíssimo por causa de uma fístula que tinha na região ilíaca. Tão mal se sentia que, tendo perdido por completo a confiança nos médicos, pediu ele mesmo ao ministro sob cuja obediência estava, licença para visitar o lugar onde descansava o corpo do beatíssimo Pai, tão certo estava de que, pelos seus méritos, havia de obter o favor da cura. Mas o ministro recusou-lha, pelo receio de que a neve e as chuvas próprias da época, assim como as fadigas da viagem, lhe agravassem o mal. Estava o irmão um tanto perturbado por lhe não darem autorização, quando, certa noite, lhe apareceu o santo Pai Francisco e lhe disse: «Filho, não te perturbes. Tira a pelica que vestes, deita fora o emplastro e as ligaduras, observa a tua Regra e ficarás curado». Tendo o irmão cumprido tudo isto, ao levantar-se pela manhã, pôde agradecer a Deus a imediata cura alcançada.

Leprosos curados

146. Em São Severino, da Marca de Ancona, um jovem chamado Ato tinha os membros tão entumecidos e tão chagado o corpo que todos o tinham por leproso. E esse, de facto, era o pare-

cer dos médicos. Devido à inflamação das veias, tinha uma visão deformada de tudo o que via. Não podendo caminhar, era o infeliz obrigado a permanecer continuamente no seu leito de sofrimento, com imensa amargura e tristeza dos pais, particularmente do pai, que, abatido e torturado com tão dolorosa situação, já não sabia que mais fazer. Até que, finalmente, teve a ideia de o consagrar a S. Francisco, e assim falou ao filho: «Meu filho, queres consagrar-te a S. Francisco, o santo que tantos milagres faz por toda a parte, para que se digne livrar-te deste mal?» Ao que o filho respondeu: «Quero, pai». Imediatamente pediu o pai que lhe trouxessem uma folha de papiro e, tomadas as medidas da altura e cintura do filho, dirigiu-lhe estas palavras: «Levanta-te, meu filho, e consagra-te ao bem-aventurado Francisco. Se ele te curar, irás todos os anos da tua vida em peregrinação ao seu túmulo e levarás um círio do teu tamanho». Obedeceu o jovem às ordens do pai, levantou-se como pôde e, de mãos postas, começou a invocar humildemente a misericórdia do bem-aventurado Francisco. Registada a medida no papiro e concluída a oração, logo ficou totalmente curado da lepra. Erguendo-se, glorificou a Deus e ao bem-aventurado Francisco e pôs-se a caminhar cheio de alegria.

Um jovem da cidade de Fano, chamado Bom Homem, paralítico e leproso na opinião dos médicos, foi por seus pais devotamente confiado ao bem-aventurado Francisco, e, limpo da lepra e curado da paralisia, obteve saúde perfeita.

Mudos que falam e surdos que ouvem

147. Vivia em Città della Pieve um rapaz mendigo, completamente surdo e mudo de nascença. Tinha a língua tão exageradamente curta que, a julgar pelos repetidos exames feitos, mais parecia cortada. Uma tarde, foi a casa de um certo Marcos e, como fazem os mudos, por sinais lhe pediu hospitalidade. Inclinando a cabeça para um lado e pondo a mão debaixo dela, dava-lhe a entender que naquela noite desejava pernoitar em sua casa. Recebeu-o o homem com alegria e consigo o teve de bom grado, pois o conhecia como serviçal competente, de bom carácter e, embora surdo e mudo de nascença, compreendia por sinais aquilo que se lhe ordenava. Uma noite, ceando esse homem com a esposa e

estando com eles o criado, disse à mulher: «Este, sim, que seria um grande milagre, se o bem-aventurado Francisco lhe desse a fala e o ouvido!».

148. E acrescentou: «Se o bem-aventurado Francisco se dignar obrar tal prodígio, prometo ao Senhor Deus, por Seu amor, tomá-lo ao meu cuidado por toda a vida e dedicar-lhe todo o meu afecto».

Coisa admirável: ainda ele não tinha acabado de fazer esta promessa e já o criado desatava a falar, exclamando: «Viva S. Francisco!». Volvendo o olhar para o céu, acrescentou: «Vejo S. Francisco ali em cima. Veio para me curar!» E perguntou, a seguir: «Que vou eu agora dizer ao povo?» Ao que o homem respondeu: «Anunciarás os louvores de Deus e assim ajudarás a salvar muitos homens». Logo ele se levantou e, cheio de alegria, correu a proclamar diante de todos o grande milagre. Dele se aproximando os que o conheciam sem fala, estupefactos, louvaram a Deus e ao bem-aventurado Francisco. Entretanto, a língua do rapaz tinha-se desenvolvido até às necessárias dimensões e, como se nunca tivesse sido mudo, começou a falar expeditamente, articulando as palavras com toda a clareza.

149. Um outro menino, chamado Vila, não podia falar nem andar. Recorreu a mãe ao auxílio divino, levando ao sepulcro de S. Francisco uma imagem votiva de cera. No regresso a casa, encontra o filhito de perfeita saúde, a falar e a caminhar.

Havia na diocese de Perúcia um homem mudo que andava sempre com a boca espantosamente escancarada por ter a garganta entumecida. Foi também ele ao lugar onde repousa o corpo santíssimo e, quando subia os degraus para se aproximar do túmulo, teve uma golfada de sangue. Totalmente restabelecido, começou a falar, abrindo e fechando a boca com total normalidade.

150. Uma mulher sofria uma dor intensíssima na garganta. Tinha a língua mirrada e colada ao palato, pelo que não podia falar, nem comer, nem beber e nenhum alívio experimentava com os emplastros e medicamentos que lhe aplicavam. Por fim, mentalmente, já que falar não podia, volta-se para S. Francisco cheia de confiança e, de repente, estala a pele e sai-lhe da garganta um

cálculo redondo que ela toma nas mãos para mostrar a todos. Estava curada.

Em Greccio morava um jovem que, por ter perdido o ouvido, a memória e a fala não compreendia nem ouvia coisa alguma. Os pais, que tinham muita fé em S. Francisco, consagraram-no a ele com muita devoção e, graças ao santíssimo e gloriosíssimo pai Francisco, terminado o acto consagratório, recuperou o jovem os sentidos perdidos.

Para glória, honra e louvor de Jesus Cristo, Senhor nosso, cujo reino e império permanecem firmes e estáveis por todos os séculos dos séculos. Ámen.

EPÍLOGO

Dos milagres do nosso beatíssimo Pai bem pouco foi o que dissemos, pois muito mais havia para dizer. Possam os que desejarem seguir os seus passos merecer, com novas indagações, a graça de novas bênçãos.

E digne-se ele, que por suas palavras e exemplos, vida e ensinamentos fez do nosso mundo um mundo novo, derramar abundantes carismas nos corações dos que amam sinceramente o nome do Senhor.

E a todos os que lerem ou ouvirem ler este livro eu lhes suplico, por amor do pobre Crucificado e dos seus sagrados estigmas, que o nosso pai S. Francisco trouxe impressos em seu corpo, diante de Deus se lembrem de mim, pecador. Ámen.

Bênção, honra e todo o louvor a Deus, que só Ele é sábio e, para sua glória, tudo realiza sabiamente em todos. Ámen. Ámen Ámen²¹².

²¹² O triplice «Ámen» constituía frequentemente a chamada «apprecatio» (autenticação com juramento) dos documentos pontifícios.

